

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Rafael Ferreira da Silva

O poder dado por Cristo para expulsar o mal do meio dos homens:
Uma Teologia do Ritual do exorcismo.

Mestrado em Teologia

São Paulo

2018

Rafael Ferreira da Silva

O poder dado por Cristo para expulsar o mal do meio dos homens:
Uma Teologia do Ritual do exorcismo.

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia, sob a orientação do Prof. Pe. Dr. Pedro Kuniharu Iwashita

São Paulo

2018

Banca examinadora

Agradecimentos

Te louvo ó Deus pelo dom da vida! Agradeço por ser por mim em tudo e sempre.

À minha família, meus pais José Francisco da Silva que sem nenhuma formação acadêmica, sempre foi mestre. Minha mãe Cleonice Maria Ferreira da Silva que sempre faz da alegria o seu modo de viver. Aos meus irmãos Juliana Ferreira da Silva e Lauro Sérgio Ferreira da Silva por completarem a minha família.

Ao meu bispo Dom José Negri, PIME e o bispo emérito Dom Fernando Antônio Figueiredo, ofm que me acolheram como clérigo na Diocese de Santo Amaro. E diretamente ajudou patrocinando os custos do Mestrado.

Ao padre Micael Moraes, sjs que com o seu testemunho sacerdotal e acadêmico, me estimulou até mesmo sem perceber, à me dedicar ao assunto de exorcismo, chegando assim ao um trabalho de mestrado.

À Paróquia São João de Brito, na pessoa do Mon. Paulo que muito me ajudou durante o tempo em que cursava o mestrado. Com os custos financeiro, e com a paciência para lidar com as ausências e compromissos acadêmicos.

À Paróquia N. S. de Lourdes, que sofreu com a minha ausência de atenção e até mesmo dedicação, pois, é difícil conciliar com afinco os estudos e a administração de uma paróquia. E mesmo com esse sofrimento, não me acusou, pelo contrário me apoiou.

Ao professor Dr. Valeriano, que no primeiro momento me acompanhou na produção deste trabalho. Ao meu orientador professor Dr. Pedro Kuniharo Iwashita que me acompanhou nessa trajetória. E toda a instituição da PUC.

À bancada examinadora, pela atenção e avaliação.

Ao Instituto São Boaventura, que me proporcionaram a formação filosófica e teológica.

Aos amigos que doaram o seu tempo e atenção para me ajudar na construção deste trabalho, sendo eles José Sérgio e Pe. Rogério Behringer.

À psicóloga Ednea Dias Pereira, que num dos meus momentos mais bagunçados dos meus pensamentos, me ajudou a organizar novamente o meu raciocínio.

Resumo

Rafael Ferreira da Silva

O poder dado por Cristo para expulsar o mal do meio dos homens.

Palavras chaves: demônio – exorcismo – ritual – combate espiritual

Objetivo:

Abordar de forma teológica o Ritual de Exorcismo Romano. Permitindo uma maior divulgação deste sacramental tão importante na Igreja.

Justificativa:

Existe cada vez mais uma maior exposição sobre o assunto do exorcismo, seja na mídia, seja nas assembleias dos fiéis. Todavia, essa exposição vem carregada de exageros folclóricos, culturais e fantasiosos. Com isso a necessidade de abordar cientificamente o exorcismo entendendo como um real combate que a Igreja assume.

Hipótese:

A ação do Demônio é real e ele inicia um combate com a humanidade que anteriormente já havia iniciado no campo angélico. Assim, o Ritual Romano do Exorcismo exerce o mandato de Cristo sobre a Igreja Apostólica, o poder dado por Cristo aos homens de expulsar o mal do mundo.

Metodologia:

Trabalho dividido em três capítulos. No primeiro momento busca-se conhecer a natureza maligna do demônio, um anjo decaído. Como o desenvolvimento das Sagradas Escrituras e da Tradição reconhece a presença do maligno e mostrará Jesus como o grande exorcista.

No segundo capítulo, a Igreja consciente do seu ministério de exorcista desenvolverá o ritual ao longo dos séculos, da era apostólica ao Concílio Vaticano II.

No terceiro capítulo uma análise do Ritual do Exorcismo, observando o seu agir litúrgico e como ele é um verdadeiro instrumento de Combate Espiritual.

Summary

Rafael Ferreira da Silva

Christ's power to drive out evil from the midst of men

Keywords: demon – exorcism – ritual – spiritual combat

Objective:

Approach in a theological way the Rite of Roman Exorcism. Allowing for greater dissemination of this important sacramental in the Church.

Justification:

There is more and more exposure on the subject of exorcism, whether in the media or in the assemblies of the faithful. However, this exhibition is full of folkloric, cultural and fanciful exaggerations. With this the need to scientifically approach the exorcism understood as a real combat that the Church assumes.

Hypothesis:

The Devil's action is real and he begins a battle with humanity that had already begun in the angelic field. Thus the Roman Rite of Exorcism exercises the mandate of Christ on the Apostolic Church, the power given by Christ to men to expel evil from the world.

Methodology:

Work divided into three chapters. In the first moment one seeks to know the evil nature of the devil, a fallen angel. As the development of the Holy Scriptures and Tradition recognizes the presence of the evil one and will show Jesus as the great exorcist.

In the second chapter, the Church conscious of her ministry as an exorcist will develop the ritual over the centuries, from the apostolic age to the Second Vatican Council.

In the third chapter an analysis of the Exorcism Ritual, observing its liturgical activity and how it is a true instrument of Spiritual Combat.

Índice

Introdução	09
Capítulo 1 A Existência do Mal	11
1.1 A Sistematização dos seres espirituais	13
1.2 O Demônio nas Sagradas Escrituras	14
1.3 A veracidade do mito	17
1.4 Os demônios do Antigo Testamento	21
1.5 O Demônio no Novo Testamento	26
1.5.1 Evangelho Sinóticos	27
1.5.2 Escritos Paulinos	32
1.5.3 Literatura Joanina	34
1.6 Literatura Apócrifa	40
1.7 O desenvolvimento Magisterial	42
1.8 O Exorcismo	45
1.9 Jesus e sua atividade exorcista	48
Capítulo 2 A História do Exorcismo	50
2.1 Período Apostólico	51
2.2 Influência dos Apócrifos	53
2.3 Didaqué	55
2.4 A Patrística	57
2.4.1 Santo Irineu de Lion	59
2.4.2 Tertuliano	61
2.4.3 São Cipriano	65
2.4.4 Santo Agostinho	68
2.5 Magistério	71

2.5.1 Ministérios Menores	72
2.5.2 Concílio Vaticano II	77
2.6 Beato Paulo VI	79
2.7 São João Paulo II	80
2.8 Bento XVI	81
2.9 Francisco	82
Capítulo 3 A Teologia do Ritual do Exorcismo	83
3.1 Quem é o Possesso?	85
3.2 Quando Inicia A Ação do Maligno?	86
3.3 O Agir Ordinário do Demônio	91
3.4 O Agir Extraordinário do Demônio	93
3.4.1 Vexação	94
3.4.2 Obsessão	95
3.4.3 Infestação Diabólica	96
3.4.4 Sujeição	97
3.4.5 Possessão	97
3.5 O Rito	100
3.6 Oração Deprecativa e Oração Imperativa	102
3.7 Auxiliares do Rito	104
3.8 O Grande Combate	106
3.9 Cristo Rei	108
Conclusão	110
Bibliografia	113

Introdução

A prática do exorcismo é uma realidade presente no ministério de Jesus e que está presente na vida daqueles que o seguem. O desejo deste trabalho monográfico é contemplar teologicamente a realidade deste ritual presente desde a era apostólica, sendo eficaz instrumento no combate espiritual.

Dividido em três capítulos, o trabalho apresentará a realidade da personificação do mal desde o Antigo Testamento, Novo Testamento e a Tradição. Compreendendo que a instauração do Reino de Deus realizada com Cristo traz consigo uma inseparável batalha contra as obras de satanás.

A partir da Revelação é possível analisar de forma linear o combate contra a ação do mal na história da Salvação, entendendo o que são os seres espirituais e como eles exercem influência na vida dos homens. É possível dizer que desde o Antigo Testamento já havia uma compreensão de um anjo que expulso do céu, interfere na vida do homem que busca a Deus? Esse questionamento pontua bem a compreensão do mal que a Sagrada Escrituras manifesta, se no Novo Testamento, Jesus exerce com naturalidade o seu ministério, expulsando os demônios, é porque essa prática não era desconhecida aos judeus. E a compreensão de um espírito perverso, que possua poderes não é desconhecida, já que Jesus será acusado de expulsar demônios pelo próprio príncipe dos demônios (cf. Mt 12,24). Com isso o primeiro capítulo terá a missão de apresentar o que se pode chamar de o início do combate contra o mal, por isso a busca pela compreensão de como o mal age e como esse pensamento é desenvolvido à luz das Sagradas Escrituras e também como o Magistério aborda essa temática.

No segundo capítulo, haverá uma linha histórica do ritual de exorcismo, passando pelo início do cristianismo na era apostólica até o Concílio Vaticano II. Rompendo assim, com um senso comum de que o ritual do Exorcismo, ora não era praticado no início do cristianismo, ora foi abolido em algum momento da história e que só na modernidade voltou-se a essa prática. A história da Igreja mostra que este rito nunca foi abolido e a sua eficácia sempre esteve atestada na vida dos santos e dos grandes exorcistas.

Com o terceiro capítulo e encerrando este trabalho, haverá um estudo sobre a teologia do ritual de exorcismo: realização e compreensão das orações

deprecativas e imperativas, seu valor dentro do plano da salvação, suas diretrizes canônicas e o seu valor pastoral.

Assim, se deseja que com esse trabalho verifique a vocação da Igreja em dar continuidade ao ministério libertador que Cristo instituiu. O Ritual do Exorcismo nunca foi uma prática desconsiderada ou descontinuada pela Igreja, pelo contrário, em vista de sua grande importância, é um dos ritos que mais sofreu alterações, para cada vez mais se alcançar uma eficácia maior na sua utilização. O combate espiritual sempre esteve presente na vida dos fiéis, assim a Igreja em sua vocação missionária manifesta que neste combate o fiel não está sozinho e que Cristo combate por ele: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8,31)

I Capítulo: A Existência do mal

Tudo o que sabemos sobre a criação e como Deus a realizou sendo o único autor de toda obra criada, sabemos por revelação. Deus se manifestou como Criador: esta é a razão principal e decisiva. Qualquer outra forma de conhecimento sobre a criação é secundária em relação à Revelação, que somente pode complementar.

Os anjos e os demônios são conhecidos na medida em que estão incluídos na Revelação. Qualquer adendo à obra revelada só recebe crédito se não for contra a fé existente na revelação. A respeito dos anjos e demônios a situação é ainda mais delicada, devido ao histórico e apelativo desejo de colocar essas personagens num contexto imaginário, supersticioso, fundamentado na necessidade de fantasiar o lado mais obscuro das realidades invisíveis.

"A existência dos seres espirituais, não corporais, que a Sagrada Escritura chama habitualmente de anjos, é uma verdade de fé. O testemunho da Escritura a respeito é tão claro quanto a unanimidade da Tradição"¹. Assim, diz o catecismo da Igreja Católica, ainda na primeira parte sobre a Profissão de fé. A existência dos anjos é um dogma de fé². A existência do mundo espiritual habitado pelos anjos está presente desde o início da fé Judaica. O mundo espiritual é compreendido pela natureza dos seres que o formam, entende-se por mundo espiritual: "o mundo dos espíritos subordinados a Deus, anjos, demônios, diabo, satã _ é realidade, e ela conta também com a possibilidade de estes seres intervirem, ajudando ou prejudicando, no mundo dos homens"³.

Os anjos segundo a doutrina cristã são espíritos celestes. Do latim *angelus* é uma tradução do hebraico *mal'ak*. Estes seres que habitam o mundo espiritual têm poder para intervir no mundo dos homens. Assim como vimos no primeiro relato concreto da intervenção destes seres em Gn 16,7ss; quando fala com Agar. Esta seria a primeira menção explícita do Anjo do Senhor.

Essas passagens mostram com clareza que o Anjo de lahweh pertence às partes mais antigas da tradição hebraica. O fato de que o

¹ *Catecismo da Igreja Católica*, Petrópolis: Vozes, 1993, n. 328. (daqui para a frente esta citação virá com a sigla CIC)

² Cf. DEZINGER, Heinrich, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, atualizada por Johan Konings, com base na 43ª ed. Alemã (2010), preparada por Peter Hünermann e Helmut Hoping (São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2013), DH 1078.

³ "Anjo / Demônio" in Eicher, *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. 1993, p.11.

mensageiro aparece com frequência sempre menor na medida em que o relato se desenvolve pode ser explicado considerando-se que as tradições mais antigas representam uma visão folclórica que muitas vezes acentua o maravilhoso e recorre ao divino para explicar os fenômenos⁴.

A narrativa bíblica não irá se preocupar em causar uma distinção, ao menos no texto, da ação dos anjos ou do próprio Deus. Existe momentos que a ação é notável como a famosa intervenção angélica no sacrifício de Abraão

Mas o anjo de lahweh o chamou do céu e disse: "Abraão! Abraão!" Ele respondeu: "Eis-me aqui!" O Anjo disse: "Não estendas a mão contra o menino! Não lhe faças nenhum mal! Agora sei que temes a Deus: tu não me recusastes teu filho, teu único." (Gn 22,11).

Neste relato, Abraão chega a dialogar com o anjo. Todavia, existem relatos em que não é possível, ao menos não facilmente, identificar onde inicia a fala do anjo e da fala de Deus:

Deus ouviu os gritos da criança e o Anjo de Deus, do céu, chamou Agar, dizendo: 'Que tens, Agar? Não temas, pois Deus ouviu os gritos do menino, do lugar onde ele está. Ergue-te! Levanta a criança, segura-a firmemente, porque eu farei dela uma grande nação. (Gn 21,17-18)

Os anjos geralmente exercem a função de trazer uma mensagem de Deus. Eles não protagonizam uma cena diretamente, somente remetem os homens a Deus. Alguns exegetas acreditam que os textos que apresentam os anjos intercalando com a fala do Senhor, seriam um acréscimo no texto, uma espécie de receio em apresentar Deus se relacionando "diretamente" com os homens, uma possível prerrogativa de Moisés. Isso é somente uma hipótese, como apresenta o exegeta Westermann: "O anjo de Deus, na maioria das passagens do AT, é uma figura que se encontra com os seres humanos, apresenta-lhes a mensagem de Deus, e então se vai" (*Genesis 12-36* 242-44)⁵.

É praticamente impossível conceber a Economia da salvação, se desconsiderar o embate contra as obras do maligno, existente desde Gênesis ao Apocalipse de São João. Os anjos ou seres espirituais sempre estiveram no imaginário dos povos, é possível afirmar que até mesmo nas Sagradas Escrituras está também presente uma influência quase folclórica a respeito destes seres. Por serem seres espirituais que não se limitam à matéria, também não se limitam às credices a respeito deles. Todavia, desde o início a Igreja

⁴ "Anjo" in Mackenzie, *Dicionário Bíblico*. 1983, p. 45.

⁵ WESTERMANN, Claus, *Genesis 12-36: A Continental Commentary*, Minneapolis: Augsburg, 1985.

professa a fé, na qual os anjos estão inseridos e que entres estes seres há um grupo que foi decaído, neles estão a presença do mal. Sobre a famigerada discussão da origem do mal, não será o protagonismo da discussão. Contudo, desde já se faz necessário esclarecer que estes anjos mal, ou o anjo mal por excelência, não possuem a origem do mal. Sendo criatura, fazem parte do princípio de que Deus criou tudo e viu que era bom (Gn 1,31). Quanto a isso a Igreja já estabeleceu a sua posição.

Professa que a substância de todas as criaturas, quer espiritual quer corporal, é boa que não há nenhuma natureza do mal; pois Deus, que é criador de todas as coisas, não fez nada que não fosse bom⁶

Com os dados presentes na Revelação, se faz necessário organizar todo o processo de informações alcançadas sobre o chamado mundo espiritual, mais especificamente falando, sobre o mundo angélico.

1.1 A Sistematização dos seres espirituais

É Santo Tomás de Aquino que irá edificar um terreno mais sólido sobre a realidade angélica, expressando como a realidade de um mundo incorpóreo influencia a vida daqueles que estão limitados a matéria, as realidades corpóreas. Filosoficamente, como tratar de um ser real, mas que não possui matéria? A metafísica daria conta deste assunto? Podem ser essas, as nossas perguntas mais primitivas sobre este assunto, mas vamos perceber que Santo Tomás de Aquino afirma que os anjos não são seres totalmente incorpóreos.

A angelologia de Santo Tomás respeita a sobriedade do ensino da Igreja. É uma longa, minuciosa e rigorosa reflexão, a partir da afirmação da natureza incorpórea desses seres espirituais, sobre o que eles são, sobre os modos de seu conhecimento e de seu querer.⁷

Santo Tomás apresenta uma distinção entre criatura corporal e criatura espiritual. Ele apresenta essa distinção se referindo aos anjos como criaturas puramente espirituais, das criaturas puramente corporais e a criatura composta de corpo e espírito, que é o homem (cf. q.50)⁸.

⁶ Cf. Denzinger, *Compêndio dos símbolos*, DH 286.

⁷ AQUINO, Tomás de, *Suma Teológica - Volume 2* (São Paulo: Edições Loyola, 2002), Parte I, O Anjo, Introdução, p.109.

⁸ *Ibidem*, Parte I, Q. 50, p.113.

Como foi dito há pouco para Santo Tomás, o anjo não é um ser totalmente incorpóreo.

Com efeito, o que é incorpóreo somente em relação a nós e não em relação a Deus não é incorpóreo de modo absoluto. Ora, segundo Damasceno, o anjo 'se diz incorpóreo e imaterial em relação a nós; mas comparado com Deus, ele é corpóreo e material'. Logo, o anjo não é incorpóreo de modo absoluto.⁹

Percebe-se que Santo Tomás faz menção à Patrística. Os padres da Igreja já abordam essas realidades complexas da Criação. Posteriormente, o santo teólogo fará menção a Santo Ambrósio. Tomás de Aquino continua o seu raciocínio apresentando os pontos que mostram que os anjos são seres corpóreos, ou ao menos que não sejam seres totalmente espirituais como poderia se imaginar. Por serem seres que estão constantemente em movimento, conclui-se que há uma substância corpórea, pois, nenhuma substância se movimenta se não possuir um corpo, uma realidade que faça esse movimento. Quando Santo Tomás cita Santo Ambrósio diz: "toda criatura está circunscrita por limites fixos de sua natureza". Ora, ser circunscrito é próprio dos corpos. Portanto, toda criatura é corpórea (...) ¹⁰

1.2 O Demônio nas Sagradas Escrituras

O que entendemos como demônio, está muito ligado aos princípios da cultura judaico-cristã. Basicamente, o pensamento do ocidente sobre os anjos, possuem a distinção dos anjos de Deus, bons e o desejo de auxiliar os homens; dos anjos do mau, singularizado na imagem do Demônio. Todavia, o demônio não é "domínio" da cultura judaico-cristã, ao menos não como se concebia há muitos anos atrás.

A cultura mais antiga da qual se tem conhecimento que fala claramente das atividades dos demônios ou espíritos maus, impuros é a mesopotâmica. Ela vai influenciar na literatura do Antigo Testamento. "Na Mesopotâmia, aqueles males da vida que não constituíam grandes catástrofes naturais eram atribuídos a má influência dos demônios. O número de demônios era quase ilimitado." ¹¹

⁹ *Ibidem*, Parte I, Q. 50, art. 1, p.113.

¹⁰ *Ibidem*, Parte I, Q. 50, art. 1, p.114.

¹¹ "Demônio" in Mackenzie, *Dicionário Bíblico*, 1983, p. 225.

Estes demônios, não possuem a imagem absoluta do mal. Existia aqueles que realizavam boas obras, entendendo que essas boas obras se dão na vida do homem. Um grande exemplo é a mitologia babilônica que manifesta o que podemos definir como um combate entre o bem e o mal, entre deus e o demônio.

O relato mesopotâmico da criação tem início com o caos, no qual pode-se reconhecer facilmente o mar, um monstro informe, hostil à terra e em contínua guerra contra ela. No início do mito, a terra não existe. O caos é personificado por duas divindades: a divindade masculina Apsu e a divindade feminina Tiamat. Essas duas divindades constituem a origem de todos os seres, por geração. Inicialmente, elas procriam os deuses. Mas logo surge uma luta entre genitores e filhos, na qual Apsu é morto por Ea, que provavelmente era a divindade criadora na forma mais antiga do poema. Tiamat revela-se então como dragão do caos, isto é, como monstro. Do seu seio nasce uma horda de demônios, que a ajudam em seu ataque contra a sua própria prole.¹²

A primeira referência de um ser que visivelmente é inimigo de Deus e consequentemente inimigo da Criação, é a Serpente apresentada no terceiro capítulo do Gênesis. Unido ao Novo Testamento, está clara a associação desta Serpente com o Demônio, o Anjo decaído, o Inimigo de Deus (cf. Ap 12,9). Essa realidade não parece ser tão difundida no Antigo Testamento, salvo à exceção presente no livro da Sabedoria. Em Sb 3,1-9 é descrita a jornada de um homem justo: "A vida dos justos está nas mãos de Deus" (Sb 3,1). E o homem conheceu a morte, porque não guardaram a santidade concedida por Deus (cf. Sb 2,22) e perderam a vida por inveja do Diabo. "Deus criou o homem para a incorruptibilidade e o fez imagem de sua própria natureza; foi por inveja do diabo que a morte entrou no mundo: experimentam-na aqueles que lhe pertencem" (Sb 2,23-24). Interessante o texto apresentar que foi pela inveja do Diabo que a morte entrou no mundo. Adão se torna co-criador de toda a Criação Divina, pode ter sido esta a sua inveja, ou somente acrescentaria há uma realidade mais profunda. Do homem, criatura inferior aos anjos, possuir a Imagem e Semelhança de Deus. No Novo Testamento, o embate celestial dos anjos de Deus contra o Dragão, deixa clara a associação da Serpente como Diabo ou Satanás. (cf. Ap 12,9) Todavia, essa associação não é tão clara, ao menos explicitamente, no Antigo Testamento. Satã surge como um acusador, aquele que faz a acusação, como no caso de Josué no livro de Zacarias: "Ele me fez ver Josué, sumo sacerdote, que estava de pé diante do Anjo de lahweh, e Satã.

¹² "Criação" in Mackenzie, *Dicionário Bíblico*, 1983, p. 195.

que estava de pé à sua direita para acusá-lo". (Zc 3,1). Também vemos situação semelhante em 1 Crônicas:

Satã: aparece aqui como instrumento do que 2Sm 24,1 chama de "ira de lahweh". O que Deus permite pode ser atribuído às causas intermediárias. Satã, em Jó e Zc 3,1, é o nome de um oficial da corte de lahweh encarregado de testar a virtude do justo. Em Nm 22,22 Satã é chamado de mensageiro, *mal 'ak*¹³.

No livro de Jó, é importante não fazer a clara associação entre Satã como o demônio perverso e invejoso. Até mesmo seria difícil interpretar Satã como um dos Filhos de Deus que foram se apresentar a lahweh (cf. Jó 1,6).

Dentre eles se aproxima-se o adversário ('Satã'; que não deve ser tratado como um nome próprio), o acusador que espia os pecados dos homens e os relata a seu mestre (Cf. Zc 3,1ss). Ainda não se trata do 'diabo' da posterior teologia judaica e cristã; identificá-lo como tal distorce a compreensão do livro.¹⁴

Existe um problema profundo, quando se interpreta o Satã do livro de Jó exclusivamente como a personificação angélica do mal, já que com essa interpretação, deterioramos até mesmo a função teológica do personagem na narração deste livro.

Não confundamos o Satã desta narração com nossa imagem ou concepção do demônio, do anjo caído que odeia a Deus e suas obras. Ainda que alguns pontos de contato nos levem à confusão, devemos defender-nos para contemplar rigorosamente a função do personagem.¹⁵

Quando que o diabo é identificado como diabo no Antigo Testamento? Esta não é uma pergunta que se responde objetivamente. É necessário entender quais os contextos que o demônio ou satanás aparece e se realmente ele exercia a função de Príncipe deste mundo (cf. Jo 14,30).

O primeiro a contrapor o processo das ações de Deus nas Sagradas Escrituras, não é o primeiro, mas a primeira, a Serpente presente no terceiro capítulo da narrativa do Gênesis (Gn 3,1). O Gênesis é o primeiro livro das Sagradas Escrituras, o primeiro de um grupo de cinco livros importantíssimos para o judaísmo e também cristianismo, chamado de Pentateuco.

¹³ BROWN, Raymond; FITZMVER, Joseph; MURPHY, Roland. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*, Tradução: Celso Eronides Fernandes, Santo André (SP): Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2012, 23:33 (c), p. 740.

¹⁴ *Ibidem*, 30:12, p. 927.

¹⁵ SCHÖKEL, A. L., *Jó*, Bíblia do Peregrino (São Paulo: Paulus, 2. ed., 2006), 1:6-12, p. 1063.

PENTATEUCO (gr. Pentateuchos, "livro de cinco volumes"). Os primeiros cinco livros do AT. O Pentateuco é chamado a tórah, a lei no judaísmo e no NT (cf. CÂNON). Para os conteúdos, cf. GÊNESIS, ÊXODO, LEVÍTICO, NÚMEROS, DEUTERONÔMIO.¹⁶

O livro do Gênesis, é o livro da origem, mito da criação, da história de Israel. Os dois primeiros capítulos se desenvolvem sobre o plano da criação, onde Deus criava tudo e via que era bom (cf. Gn 1,31). A narrativa da criação mostra a origem do ser humano, do homem e da mulher, que possuem a Imagem e Semelhança divina, é neste contexto que surge a Serpente no terceiro capítulo. "A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos, que lahweh Deus tinha feito." (Gn 3,1). Nesta narrativa, a Serpente falará com a Mulher, obra da criação divina. Este diálogo traz o cerne do que acarretará com a expulsão do homem e da mulher do paraíso, o jardim do Éden.

Ela disse à mulher: 'Então Deus disse: Vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?' A mulher respondeu à serpente: 'Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte'. A serpente disse então à mulher: 'Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal.' (Gn 3,1b-5)

A mulher cede à tentação da serpente, ela e o homem, o seu companheiro. A serpente aqui, não possui nada que a transforme ou indique ser ela o anjo decaído do novo testamento mencionado por Jesus (cf. Lc 10,18), mas é notável que ela está para atrapalhar os planos de Deus.

A serpente não é Satanás, ainda que tradições tardias tenham interpretados desta forma. Ela era simplesmente uma criatura travessa, criada por Deus, dramaticamente necessária para estimular na mulher, o desejo de comer o fruto proibido. Ela desaparece de cena quando sua função narrativa é realizada.¹⁷

Desde o início percebemos que o mal não pode vir de Deus, já que Ele criou tudo e viu que era bom. Com isso é notável que a serpente se torna signo do mal, causadora da ruptura na criação, que seduzindo a humanidade trouxe a desordem, o caos para onde fora harmonizado por Deus.

1.3 A veracidade do mito

¹⁶"Pentateuco" in Mackenzie, *Dicionário Bíblico*. 1983, p. 716.

¹⁷BROWN et al., *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*, 2:5, p. 67.

Na percepção popular mito é sinônimo de um conto, uma história que não possui valor histórico, ou que não se dá na realidade. Faz-se necessário questionar esse aspecto e saber se as Sagradas Escrituras, especificamente o livro do Gênesis, possui uma linguagem mítica e se assim ela não é real. Como foi visto anteriormente, a cultura mesopotâmica, possui grande influência na redação dos textos bíblicos. Com isso, os mitos e folclores dessas culturas com certeza pesarão na narrativa desenvolvida ao menos no Pentateuco.

"A mitologia de Canaã é parcialmente conhecida desde 1929 por meio de documentos da antiga Ugarit, os quais esclarecem muitas das alusões do Antigo Testamento."¹⁸ Com as descobertas destes documentos, conseguiram visualizar distintamente o que era uma narrativa mitológica dos povos antigos e o que era próprio da narrativa do povo de Israel. Mesmo assim, ainda fica a pergunta sobre o que é mito nas Sagradas Escrituras e como dar crédito a eles? Antes se faz necessário conhecer qual é a definição de mito:

Segundo o Dicionário de Oxford, mito é "um relato totalmente fantástico que geralmente apresenta pessoas, ações e fatos sobrenaturais e que contém algumas ideias populares relativamente aos fenômenos históricos ou naturais".¹⁹

Pensar racionalmente sobre realidades que não se preocupam com a racionalidade dos fatos, exige uma linguagem que aborde isso claramente. Se essa linguagem não é natural para os dias de hoje, é difícil de se imaginar isso numa época de séculos anteriores a Cristo. Quando se trata de um texto que traz consigo a ideia da criação do mundo, dos seres vivos e de todo o universo, isso tende a ficar ainda mais complexo. Neste contexto o mito se torna a linguagem mais plausível para expressar essa revelação.

O mito é definido por E., Cassirer como uma forma simbólica de expressão juntamente com a arte, a linguagem e a ciência. Cada uma dessas produz e postula um mundo próprio. O mito é uma intuição e um ato de fé. Ele procura impor forma inteligível às realidades que transcendem a experiência.²⁰

¹⁸ BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph, Roland Murphy, *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, Tradução: Celso Eronides Fernandes, Santo André (SP): Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2011, 77:23 (V), p. 1395.

¹⁹ "Mito" in Mackenzie, *Dicionário Bíblico*. 1983, p. 621

²⁰ BROWN et al., *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*, 77:24, p.1396.

Numa comparação entre a narração da criação presente no livro do Gênesis e no mito babilônico sobre a criação o Enuma Elish, é possível notar as nuances entre eles. Logo de início já é notável perceber a preocupação do autor bíblico, que quer trazer uma revelação verdadeira: "No princípio, Deus criou o céu e a terra." (Gn 1,1). Já na mitologia de Enuma Elish é necessário entender uma relação cósmica da criação. É como se os deuses fossem responsáveis em dar introdução sobre os fatos:

Quando não havia firmamento, nem terra, alturas, profundezas ou sequer nomes. Quando o Apsu estava sozinho. Ele, as águas doces, o iniciador da criação, e Tiamat, as águas salgadas, e útero do universo, quando não existiam os deuses..."²¹

Os dois relatos da criação, tanto o mesopotâmico quanto o testamento bíblico, não são relatos científicos. O que separa estas duas narrativas, está no olhar sobre deus, enquanto a narrativa mesopotâmica, começa a falar de um conflito cósmico entre os deuses, nascimentos e guerras. No texto israelita, não temos nada além da palavra de Deus, que criou tudo e viu que era bom.

O AT não contém o relato de um *conflito cósmico* do qual surge a criação, um tema comum na mitologia. Mas são numerosas as alusões a uma vitória de lahweh sobre o monstro do caos, uma indicação de que a tradição oral provavelmente continha um relato da criação no qual lahweh foi vitorioso num combate. Este combate é encontrado tanto nos mitos da Mesopotâmia quanto nos de Canaã, e talvez tenha sido transferido para lahweh a partir dessas fontes, tornando-se assim um exemplo de pensamento mitopoeico transformado pelo caráter de lahweh²²

Enquanto são realizadas as comparações do relato da criação bíblica, com o mito de Enuma Elish. Não será possível fazer o mesmo sobre a criação do homem, não há paralelos para Gn 3. Um paralelo, seria a tentativa de encontrar em outras culturas as explicações sobre a origem do pecado ou o mal. Todavia, isso não impede de ter a clareza sobre esta parte da narração bíblica. Sabendo que existem homem e mulher, com a sua identidade sexual definida e que possuem a imagem e semelhança do criador. Viviam em harmonia com toda a criação, até que pela sedução da serpente, esta harmonia é ferida e todos eles

²¹ Enuma Elish, *O mito babilônico da criação*, disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12648779/enuma-elish-mito-babilonico-da-criacao-pdf-mkmousecombr>, acesso em 12 de junho 2018.

²² BROWN et al., *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, 77:27, p. 1397.

sofrem punições próprias por isso. O homem já não possui a comunhão com Deus.

É possível concluir a questão sobre a veracidade da narração bíblica sobre a criação, não sendo um mero mito, do qual não possui valor histórico.

Como manifestará o Papa Pio XII na encíclica *Humani Generis*:

Reduzindo a doutrina católica a tais condições, creem que se abre também o caminho para obter, segundo exigem as necessidades atuais, que o dogma seja formulado com as categorias da filosofia moderna, quer se trate do imanentismo, ou do idealismo, ou do existencialismo, ou de qualquer outro sistema. Alguns mais audazes afirmam que isso se pode e se deve fazer também em virtude de que, segundo eles, os mistérios da fé nunca se podem expressar por conceitos plenamente verdadeiros, mas só por conceitos aproximativos e que mudam continuamente, por meio dos quais a verdade se indica, é certo, mas também necessariamente se desfigura. Por isso não pensam ser absurdo, mas antes, pelo contrário, creem ser de todo necessário que a teologia, conforme os diversos sistemas filosóficos que no decurso do tempo lhe servem de instrumento, vá substituindo os antigos conceitos por outros novos; de sorte que, de maneiras diversas e até certo ponto opostas, porém, segundo eles, equivalentes, faça humanas aquelas verdades divinas. Acrescentam que a história dos dogmas consiste em expor as várias formas que sucessivamente foi tomando a verdade revelada, de acordo com as várias doutrinas e opiniões que através dos séculos foram aparecendo.²³

A preocupação da Igreja claramente manifestada pela Encíclica *Humani Generis*, é que a revelação não pode ser interpretada sob os ventos e impulsos de correntes filosóficas ou até mesmo teológicas que não estejam em comunhão com a Tradição e o Magistério qualificado. Se o conceito sobre o mito, revela-se hoje, como algo enraizado de superstição sem fundamento, isso não valerá para as Sagradas Escrituras. As Sagradas Escrituras utilizam o que é chamado de uma linguagem Mitopoeico, isso diferencia e separa de mitos e crenças de outros povos. "É mais exato falar de pensamento mitopoeico no AT do que de seus mitos ou mitologia"²⁴ Com a expressão mitopoeico, a Igreja encontra uma forma de expressar que a linguagem presente no Gênesis e em boa parte do AT, possui sua expressão de fé verdadeira, que longe de ser um conto mitológico, faz parte da Revelação por excelência. Estamos trabalhando a Revelação, é sempre

²³ Pio XII, *Humani Generis*, Carta Encíclica, disponível em https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis.html, acesso em 12 de junho 2018, par. 15.

²⁴ BROWN et al., *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, 77:31, p.1398.

muito importante ter isso em questão, falar da criação, dos seres vivos e de como foi organizado os cosmos. A fé judaico-cristã sempre encontrou nestes textos a compreensão de uma verdade de fé, presente na história da humanidade, os conceitos filosóficos e teológicos, podem mudar e mudam sobre muitos aspectos. Mas não é possível querer moldar a revelação sob o pretexto de novas perspectivas.

A realidade transcendental de lahweh abre caminho através das formas da mitologia como abre caminho através das formas da ciência e da metafísica, mas não podemos rejeitar qualquer uma dessas formas num esforço de compreender mais firmemente uma verdade cuja compreensão sempre nos escapa.²⁵

Assim, é possível concluir que a narração bíblica sobre a criação e como muitos outros pontos do Antigo Testamento, possui um pensamento mitopoeico, possuindo uma realidade histórica fala da criação de toda a realidade visível e invisível, sendo Deus o princípio de tudo. A criação manifesta o poder de Deus, o homem e a mulher criados por Deus para serem co-criadores, perdem a comunhão, pela sedução da serpente. E são expulsos da companhia de Deus.

1.4. Os demônios do Antigo Testamento

Consciente de que o homem já não vivia mais na companhia de Deus, desde que foi expulso do paraíso (cf. Gn 3,23), por cederem a investida da serpente. Homem e mulher estão sujeitos às consequências da atitude que tiveram. Cada um pagaria a pena que receberam pelo ato cometido e todo o Antigo Testamento estará pautado na saga do homem em voltar a comunhão com Deus. O homem não foi abandonado por Deus, mas perdeu os privilégios da sua companhia, "pois tu és pó e ao pó voltarás" (Gn 3,19). Por ter dado ouvidos à serpente, o homem estará sujeito às suas ações aqui na terra. Deus, chamará o homem à sua comunhão, encontrando graça em Noé (cf. Gn 6,8) mesmo "arrependido" por ter criado o homem, Deus vê em Noé a possibilidade de dar continuidade na sua busca pelo homem, manifestando desde já a sua misericórdia.

Noé construiu um altar a lahweh e, tomando de animais puros e de todas as aves puras, ofereceu holocaustos sobre o altar. lahweh respirou o agradável odor e disse consigo: "Eu não amaldiçoarei nunca

²⁵ *Ibidem*, 77:31, p.1398.

mais a terra por causa do homem, porque os desígnios do coração do homem são maus desde a sua infância; nunca mais destruirei todos os viventes, como fiz. (Gn 8,20-21)

Deus também chamará Abraão à sua amizade, à sua companhia e concederá a tua benção.

O Anjo de lahweh chamou uma segunda vez a Abraão, do céu, dizendo: "Juro por mim mesmo, palavra de lahweh: porque me fizeste isso, porque não me recusaste teu filho, teu único, eu te cumularei de benções, eu te darei uma posteridade tão numerosa quanto as estrelas do céu e quanto a areia que está na praia do mar, e tua posteridade conquistará a porta de seus inimigos. Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra, porque tu me obedecestes. (Gn 22,15-19)

Deus realiza a aliança com o homem, essa é a prova que Ele não abandonou o homem e tão pouco o rejeita. Contudo, Deus não tolerará a adoração a outros deuses. Já não há espaços para o politeísmo, Deus fará uma aliança e o homem deve ser fiel a esta aliança, realizado com um Deus único e pessoal. "Deus disse a Abraão: 'Quanto a ti, observarás a minha aliança, tu e tua raça depois de ti, de geração em geração.'" (Gn 17,8).

Com Moisés a aliança de Deus terá uma novidade, agora esta aliança será unilateral, "Agora, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, serei para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos, porque toda a terra é minha". (Ex 19,5) Esta aliança exigirá da parte do povo de Deus, o compromisso de honrar, viver esta aliança. Com o decálogo, o homem saberá o que Deus espera como resposta à esta aliança, "Não terás outros deuses diante de mim" (Ex 20,3) O primeiro ponto a ser vivido, é a adoração ao único Deus. O não cumprir deste mandamento, é que trará ao homem a sorte dos ímpios, por ser o primeiro dos mandamentos, se torna o primeiro dos males: a Idolatria.

A vida humana unifica-se na adoração do Único. O mandamento de adorar o único Senhor simplifica o homem e o livra de uma dispersão infinita. A idolatria é uma perversão do sentimento religioso inato do homem. O idólatra é aquele que 'refere a qualquer coisa que não seja Deus a sua indestrutível noção de Deus'²⁶.

É na idolatria, na busca de adorar outros deuses que vamos conhecer entidades, deuses que manifestam uma perturbação no coração do homem. Amar a Deus sobre todas as coisas com certeza precisaria ser o primeiro mandamento, já que foi a falta deste mandamento que fez com que o pecado

²⁶ CIC, n. 2114.

entra-se no mundo, quando o homem desobedeceu a Deus. Já que quem ama não desobedece. "São uns desgraçados, põem sua esperança em seres mortos, estes que chamam deuses a obras de mãos humanas" (Sb 13,10). A forte advertência expressada no livro da Sabedoria, demonstra quão é intolerável por Deus a adoração dos falsos deuses, longe da companhia de Deus, são uns desgraçados, pois buscam a graça onde não existe. Contudo, é na prática da idolatria, que o Antigo Testamento nos apresenta as famosas criaturas que tentando perverter o homem, afastando daquele que deveria ser o verdadeiro adorado, se revelam verdadeiros demônios.

Os objetos de apostasia são os *baais*, "outros deuses", "outros deuses dentre dos povos ao seu redor", "Baal e às Astartes". Baal era o deus da tempestade na parte de levante, uma deidade principal e provavelmente a mais poderosa; o termo *baais* refere-se às manifestações locais de Baal ou de outras deidades masculinas semelhantes. O culto a Baal parece ter sido parte da cena israelita desde os tempos de Josué até o exílio, e, ao menos durante o reinado de Acab, Baal era reconhecido como a deidade suprema de Israel, isto é, do reino do norte²⁷.

Cultuar outros deuses, é ferir a confiança em Deus e faltar com o seu amor. Essa realidade fica bem visível com a famosa cena do bezerro de ouro, presente no livro do Êxodo: "Vamos fazer, faze-nos um deus que vá à nossa frente, porque a esse Moisés, a esse homem que nos fez subir da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu" (Ex 32,1). Após essa cena, Deus dirá a Moisés que o povo se perverteu (cf. Ex 32,7) e vai querer a ruína deste povo, pela intervenção de Moisés isso não acontece, mas Moisés também não se livra da ira que invade o seu coração pela idolatria cometida por aquele povo. (cf. Ex 32,19).

Os seres adorados, os baais cultuados se tornam idolatrias nefastas, pois, se não adoram a Deus, adoram ao demônio. A idolatria praticada em Nínive é um exemplo de que os seus ídolos são tratados como entidades que conspiram contra Deus. O Belial mencionado no livro de Naum (Na 1,11) é associado ao demônio no novo testamento.

Belial: o rei de Nínive, possivelmente Senaquerib, que cercou Jerusalém em 701. A palavra provavelmente é da raiz *bl* 'significando "engolir". O deus da morte era retratado engolindo os suas vítimas (cf. Pr 1,12; Is 5,14; Hab 2,5). O termo se torna um nome para Satã no Novo Testamento (2Cr 6,15)²⁸

²⁷ BROWN et al., *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*, 8:19(b), p. 303.

²⁸ *Ibidem*, 17:33 (III), p. 530.

Os relatos bíblicos da idolatria, do povo de Israel adorando outros deuses não são poucos. Em Juízes, eles serviram aos baais e às astartes (cf. Jz 10,6). Em 1Rs, Elias convoca um desafio, uma espécie entre Deus e Baal. Baal era o deus da tempestade, com isso o desafio de Elias se torna um grande deboche à adoração deste deus: "Ao meio dia, Elias zombou deles, dizendo: 'Gritai mais alto; pois, sendo um deus, ele pode estar conversando ou fazendo negócios ou, então, viajando; talvez esteja dormindo e acordará!'" (1Rs 18,27).

Baal nome de um deus cananeu da fertilidade. Uma epopeia de Ugarit na Síria (sec. XIV a.C.) apresenta Baal como deus da tempestade, vencedor do "mar" ou "torrente"; vencido por Mot (=morte), é devolvido à vida pela irmã Anat. Esta celebra um casamento sagrado com ele e gera um touro-modelo da prostituição sagrada. Um deus com o nome ou título de Baal é atestado por nomes de pessoas já em torno de 2500 a.C, em Ebla, na Síria setentrional. No tempo da monarquia do Antigo Testamento profetas (como por exemplo, Elias e Oseias) combatiam o sincretismo que cultuava Javé como deus da fertilidade.²⁹

O valor deste embate é mostrar o vazio da adoração a Baal e a fidelidade de Deus, os seus adoradores possuem a certeza de sua ação, enquanto os adoradores de Baal constatam que os seus profetas não possuem nenhum poder.

A menção sobre um Baal está presente em todo o contexto do Antigo Testamento, ora se falando da adoração a este deus, ora mencionando os seus templos, como espécie de orientação sobre localização. Um dos primeiros é encontrado no livro do Êxodo. No contexto da saída do Egito, nós vemos no 14 capítulo do Êxodo a orientação que Deus dá a Moisés: "Dize aos israelitas que retrocedam e acampem diante de Piariot, entre Magdol e o mar, diante de Baal Sefon; vós acampareis diante deste lugar, junto ao mar." (Ex 14,2). Provavelmente Deus orienta o povo utilizando até mesmo um local de idolatria como referência, para preparar o momento que sua ação será extraordinária na vida do povo eleito, libertando-os das mãos dos egípcios: "Iahweh combaterá por vós e vós ficareis tranquilos" (Ex 14,14).

No livro de Juízes também faz menção à realidade de um templo de Baal. Baal-Berit (Cf. Jz 9,4) neste capítulo temos a desventura daquele que matou os

²⁹ "Baal" in Becker, *Dicionário de Símbolos*. 1999, p.39.

seus setenta meio-irmãos e morre com uma pedrada. Já no livro de Oséias, vemos a decaída de Israel no momento em que se permite dirigir a Baal-fegor.

Em Baal-fegor, um santuário na fronteira moabita, Israel primeiramente fez contato com os deuses cananeus da fertilidade e Israel caiu assim que o contato ocorreu.³⁰

Sobre Baal-fegor também encontramos em Números, na visível situação da idolatria, manifestada na luxúria do povo que se entrega à prostituição. Na adoração de um deus estrangeiro, o povo cai na apostasia. "Iahweh disse a Moisés: 'Toma todos os chefes do povo. Empala-os em face do sol, para Iahweh: então a ira ardente de Iahweh se afastará de Israel. Moisés disse aos juizes de Israel: 'Mate cada um daquele dos seus homens que se ligaram ao Baal de Fegor'" (Nm 25 4,5).

Também há Baal-Zebub, este em particular estará também presente no Novo Testamento (cf. Mc 3,22). Sua menção está presente em no primeiro livro dos Reis.

Ocozias, filho de Acab, tornou-se rei de Israel em Samaria no décimo sétimo ano de Josafá, rei de Judá, e reinou dois anos sobre Israel. Fez o mal aos olhos de Iahweh e imitou o comportamento de seu pai e de sua mãe, e o de Jeroboão, filho de Nabat, provocando a ira de Iahweh, Deus de Israel, como o fizera seu pai. (1Rs 22,52)

Aqui é visível que a adoração a Baal é uma das condenações que Ocozias sofrerá, ele dá continuidade a adoração que Acab e Jazabel, seus pais iniciaram.

Está clara a severa proibição da invocação de espíritos imundos, tudo que envolve superstição, magia ou conhecimentos ocultos. Existia certa identificação entre os deuses adorados pelos pagãos e o demônio. "Serviram seus ídolos, que se tornaram uma cilada para eles! E sacrificaram seus filhos e suas filhas aos demônios" (Sl 106,36-37)

Na passagem da literatura do Antigo Testamento para o Novo Testamento existe uma evolução do pensamento, não somente a influência mesopotâmica permanecia, mas também a influência helenista que também trazia resquícios de uma influência mesopotâmica. As Sagradas Escrituras quando fala de espíritos impuros ou da influência do Demônio, fala com o pensamento judaico influenciado fortemente pela tradição mesopotâmica e helenista. E os textos irão buscar a sua existência e origem.

³⁰ BROWN et al., *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*, 14:27, p. 467.

A origem dos demônios se explicava através da exegese de passagens bíblicas: nos livros apócrifos, os demônios são descritos como anjos decaídos. Também são identificados com os filhos de Deus que se casaram com as filhas dos homens (Gn 6,1-4)³¹

A existência do mau no mundo é claramente vislumbrada na Serpente da narração do Gênesis. Com isso o demônio não é somente aquele responsável pelos males físicos, mas também espirituais, ele é a origem do pecado. “Acredita-se que os demônios estejam organizados em um reino, sob a direção de um chefe, chamado Mastema, Belial ou Satanás”³². Assim, é muito importante evidenciar que desde o Antigo Testamento, a dimensão de combate já está presente. O Novo Testamento apresentará Jesus expulsando demônios e essa ação, não soa como uma novidade. Porque, o raciocínio de luta, combate espiritual já está evidenciada no Antigo Testamento, o homem luta para não ser seduzido, como já foi no passado e essa sedução lhe custou a vida, já que ao pó voltarás. (cf. Gn 3,19)

1.5 O Demônio no Novo Testamento

No Novo Testamento, não existe conhecimento de vários demônios, como no caso do Antigo Testamento, as ações demoníacas são sempre remetidas a um único autor: Satanás. E sua atuação costuma ser nas possessões sobre as pessoas. Os demônios não são entidades autônomas e caprichosas, mas estão submetidas a Deus e ao plano de salvação. Eles possuem uma personalidade distinta e separada de Deus e dos anjos e tornaram-se perversos devido à sua opção contra Deus. Os demônios também são chamados de “anjos” de Satanás como diz Jesus sobre o último julgamento (cf. Mt 25,41).

Um demônio é um ser espiritual de natureza angélica condenado eternamente. Não tem corpo, não há em seu ser nenhum tipo de matéria sutil, nem nada semelhante à matéria, pois se trata de uma existência de caráter inteiramente espiritual.³³

Os demônios estão sujeitos a Cristo. Os demônios são também criaturas de Deus em que os cristãos os julgarão (cf. 1Cor 6,3). O próprio Cristo viu

³¹ "Demonio" in Mackenzie, *Dicionário Bíblico*, 1983, p. 227.

³² *Idem*.

³³ FORTEA, José Antonio, *Summa daemoníaca*: tratado de demonologia e manual de exorcistas, tradução de Ana Paula Bertolini, São Paulo: Palavra & Prece, 2010, Q. 1.

Satanás cair do céu (cf. Lc 10,18), isso manifesta a derrota do mal devido o orgulho e sua queda na batalha contra Miguel (cf. Ap 12,9-10). Satanás é chamado de forte, o maligno, o príncipe deste mundo. Um tentador que tenta até Jesus (cf. Mt 4,1). “Quando Pedro tenta dissuadir Jesus de afrontar a sua paixão, Jesus o chama de Satã; seus pensamentos são humanos, e não divinos (Mt 13,19)³⁴ ele é o inimigo que põem joio no trigo do Senhor. O poder de satanás é o poder das trevas oposto ao poder da luz. O evangelista Lucas mostra que o poder de satanás é frustrado na tentação “até o momento oportuno” (Lc 4,13), encontra a sua oportunidade na Paixão de Jesus, a hora do poder das trevas (Lc 22,53).

Jesus fala abertamente do demônio, sem que se possa considerar isso uma mera concessão à mentalidade de época, pois esta não é perfeitamente uniforme; os saduceus não acreditavam em espíritos. O próprio Jesus não teme contradizer a mentalidade dominante, por exemplo, desvinculando a doença do pecado pessoal. Toda a missão de Jesus é apresentada como uma luta e vitória contra o demônio.

Criados por Deus (cf. Cl 1,16) pecaram e foram condenados (cf. 2Pd 2,4; Ao 12,7-9), mas continuam tentando o homem “sede sóbrios e vigiai. Vosso adversário, o demônio, anda ao redor de vós como o leão que ruge, buscando a quem devorar (cf. 1 Pd 5,8). O pecado de orgulho e rebeldia foi interpretado pela Tradição como revolta do demônio contra o projeto do Verbo de se fazer homem e como tal exigir adoração (cf. Is 14,12ss), tendo o superior que servir ao inferior e não o homem aos anjos. O pecado por inveja, por Deus se fazer homem e não anjo, ou ainda por Lúcifer querer tomar o lugar do Filho.

1.5.1 Evangelho Sinóticos

Nos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), é possível visualizar a clareza que os evangelistas apresentam de Satanás sendo um opositor da edificação do Reino de Deus. Os três evangelistas, mostram que a vida pública de Cristo se inicia com o batismo de João e logo em seguida o período em que

³⁴ "Satã" in Mackenzie, *Dicionário Bíblico*, 1983, p. 853.

Jesus passa no deserto e lá é tentado. Jesus só pode dar início a sua caminhada até Jerusalém, depois que vencer as tentações de Satanás no deserto.

Nos livros mais recentes do AT, Satanás age como uma espécie de promotor público (Jó 1-2; Zc 3,1-2) e até como a causa dos desastres de Israel (1Cr 21,1; cf. 2Sm 24,1). Nos escritos apocalípticos judaicos, ele exerce a função de líder da oposição ao povo de Deus. Aqui, ele submete Jesus a algum tipo de teste cuja natureza exata não é explicitada³⁵

Nos quatro evangelhos, Jesus é tentado por Satanás, mas nos sinóticos todos concordam que o deserto é a localização do embate de Jesus contra o seu opositor. É interessante como cada evangelista trabalha este ponto. "E logo o Espírito o impeliu para o deserto. E ele esteve no deserto quarenta dias, sendo tentado por Satanás; e vivia entre as feras, e os anjos os serviam" (Mc 1,12-13). Este é o relato de Marcos sobre a tentação, breve mesmo, pois só é dedicado dois versículos para esta cena. Bem diferente de Marcos, Mateus e Lucas detalham a cena da tentação, é abordado o que fora desconsiderado por Marcos.

A versão de Q em Mateus e em Lucas representa, assim um *midrásh* narrativo ou uma interpretação do acontecimento de modo a torná-lo pastoralmente útil para os crentes. Isto é feito conectando os 40 dias de jejum com Moisés e Elias no deserto e com a tentação ou prova da paciência de Deus pelo povo no êxodo, que se rebelou contra o alimento divino (maná) e adorou o bezerro de ouro; e ao identificar Jesus como o Filho de Deus, significando Israel, o povo de Deus, não o Messias.³⁶

Para enfrentar as tentações de Satanás, sobre o comer, o poder e o ter, encontramos nas palavras de Jesus um pano de fundo claramente embasado em Dt 6,5 "Portanto, amarás a lahweh teu Deus como todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força". (...) 'coração' refere-se aos dois impulsos ou pulsões afetivos, o bem e o mal; 'alma' significa riqueza, as propriedades e outras posses externas. Este tema fundamental do amor de Deus une todo o relato"³⁷

O contexto das tentações embasa o desejo de transformar Jesus no novo Moisés. Assim temos em Mateus e Lucas uma mesma tradição que não se apresenta em Marcos. A cena da tentação, traz algo ao Novo Testamento que

³⁵ BROWN et al., *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, 41:6, p. 69.

³⁶ *Ibidem*, 42:19, p.145.

³⁷ *Ibidem*, 42:19, p. 146.

não se via desde a narrativa da criação o demônio dialogando com alguém, mesmo com breves momentos em que os possessos falavam com Jesus, manifestando os espíritos que ali estavam, um diálogo mais profundo só é encontrado com Satanás.

Efetivamente, a tentação de Jesus consistia em seguir o caminho triunfal que o messianismo político e nacionalista do seu tempo lhe propunha. É a mesma tentação de Pedro que quer evitar a Jesus o caminho da cruz e que leva a que Este o repreve: <Afasta-te de Mim, Satanás> (Mc 8,33).³⁸

Poderia se imaginar que a tentação que Jesus sofre no deserto, singularizava uma tentação, que não estaria mais presente no decorrer da vida pública de Jesus. Não é este o pensamento dos evangelistas, a própria dimensão dos 40 dias no deserto, que claramente tem o Êxodo como pano de fundo, traz a dimensão de toda uma vida, ou seja, Cristo sempre foi tentado, assim como sempre venceu a tentação. Lucas é o único a mencionar que a tentação não se finalizaria ali, mas que "o diabo o deixou até o momento oportuno" (Lc 4,13).

Após o conflito direto com Satanás no início da vida pública de Cristo. Jesus será acusado de realizar a suas ações pelo poder do demônio. Especificamente por Belzebu: "E os escribas que haviam descido de Jerusalém diziam: 'Está possuído por Beelzebu', e também: 'É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios'" (Mc 3,22). A cena claramente presente nos sinóticos, é uma acusação, ora dos escribas segundo Marcos, ora pelos fariseus segundo Mateus. Lucas que trabalha com a multidão que segue Jesus diz que "alguns dentre eles", são os acusadores de Jesus.

Belzebu, é um demônio que já foi mencionado anteriormente, na questão da adoração à Baal no Antigo Testamento. Belzebu é o mesmo que Baal-Zebub, que Acab prestava culto e assim também fez Ocozias o seu filho, situação apresentada no primeiro livro de Reis.

Beelzebub, nome encontrado em algumas versões antigas, embora não em manuscritos gregos, baseia sua forma marcana em 2Rs 1,2, 'o senhor das moscas'. Beelzeboul é explicado de várias maneiras 'o senhor dos excrementos' ou 'o senhor do alto ou da morada', embora nenhuma seja conclusiva³⁹

³⁸ SAYÉS, António José. *O Demônio, Realidade ou Mito?*, Apelação (Portugal): Paulus, 1999, p. 28.

³⁹ BROWN et al., Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos, 41:23, p. 80.

Interessante nesta cena, é que para os fariseus realizarem a acusação de que Jesus expulsava os espíritos pelo poder de Belzebu, é de se imaginar, que também se creditava milagres realizados por demônios. E a acusação, ela possui uma espécie de evolução, distinguindo Belzebu do príncipe dos demônios, que seria o patrocinador da ação libertadora de Jesus. Quando se anuncia o príncipe dos demônios, nota-se que se fala de um reino, Belzebu seria um dos demônios que está unido a Satanás, e o príncipe é o próprio Satã. A existência de um reino do mal fica claro quando Jesus se defende da acusação que recebera:

Chamando-os para junto de si, falou-lhes por parábolas: 'Como pode Satanás expulsar Satanás? Se um reino se dividir contra si mesmo, tal reino não poderá subsistir. E se uma casa se dividir contra si mesma, tal casa não poderá manter-se. Ora, se Satanás se atira contra si próprio e se divide, não poderá subsistir, mas acabará' (Mc 3 23,-26).

O uso da expressão reino é muito importante, pois se no início do Evangelho, João Batista anunciava a conversão: "Arrependei-vos, porque o Reino dos céus está próximo" (Mt 3 2), as pessoas precisam deixar o reino do mal, para viverem, se converterem ao Reino de Deus.

O dito sobre o reino dividido ensina uma lição básica de ciência política: na unidade há força. O domínio de Satanás é descrito como um reino (que está em guerra com o de Deus). A vida é uma luta, em que Deus ganha somente a um custo terrível.⁴⁰

O cristão só conseguirá vencer o reino do mal, se estiver em unidade com Jesus, com a proposta do seu Reino, que já está no meio nós.

Podemos afirmar que o Novo Testamento possui o conflito de dois reinos: o de Deus e do príncipe deste mundo. Estão presentes nas parábolas, sempre em disparidade o que pertence ao Reino de Deus do que pertence ao maligno: "Os que estão à beira do caminho onde a Palavra foi semeada são aqueles que ouvem, mas logo vem Satanás e arrebatada a Palavra que neles foi semeada" (Mc 4,15); em Mateus, na parábola do joio e do trigo, Satanás é o inimigo que semeia o que não deve (cf. Mt 13,25).

O demônio aparece como o inimigo do Reino, o semeador da cizânia, o que desvia os corações dos homens face à pregação de Jesus. Jesus tem consciência de estar a enfrentar o poder de Satanás e de estabelecer o Reino de Deus, até o ponto de face ao demônio, Se

⁴⁰ BROWN et al., Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos, 42:79, p. 177.

apresentar como o mais forte que prende o forte, e o despoja de seus bens (Mt 12,29; Lc 11,17-22; Mc 5,1-20).⁴¹

A forma que o Novo Testamento trabalha o demônio, deixa clara que a luta espiritual que sempre esteve no Antigo Testamento, mas de forma latente, recebe importante espaço na vida daquele que seguirá o Cristo. O Cristão vive no mundo e buscará alcançar as realidades que estão além deste mundo, já o demônio, recebe o título de príncipe deste mundo, com isso suas ofertas só podem ser deste mundo, ficando assim limitadas ao tempo e espaço de uma vida carnal. Assim, Cristo é a força que enfrenta o reino do maligno, este reino não é meramente uma expressão lúdica do evangelista, mas a certeza que há um combate e quem luta do lado de Cristo, vence.

Uma outra característica é mostrada pela atitude de Jesus que não o considera como um louco obcecado, mas o próprio diabo. Isto é evidenciado pelo fato de que o diabo e Jesus manifestam uma ciência especial: o diabo reconhece Jesus, que o ameaça, ordenando-lhe para sair e não retornar mais ao homem (Marcos 1:25). O diabo o chama pelo nome Jesus de Nazaré, o Santo de Deus (Marcos 1:24); Jesus pede o nome do espírito imundo, que responde: Meu nome é Legião, porque somos muitos "(Mc 5,9). É uma relação entre duas pessoas que lutam. Por isso, o diabo assume o valor de um ser pessoal, e não um poder anônimo ou simbólico.⁴²

Não há problema em contextualizar a passagem de Cristo na história humana, como uma passagem de luta contra o mal. Prova disso, é que no livro dos Atos dos Apóstolos, o discurso de Pedro na casa de Cornélio o centurião romano ele fala exatamente sobre isso:

Sabeis o que aconteceu por toda a Judéia: Jesus de Nazaré, começando pela Galiléia, depois do batismo proclamado por João, como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder, e ele passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com ele (At 10,37-38).

⁴¹ SAYÉS, *O Demônio, Realidade ou Mito?*, p. 35.

⁴² "Un'altra caratteristica è indicata dall'atteggiamento di Gesù che non considera come avversario l'ossesso, ma il demonio in persona. Ciò si capisce dal fatto che il diavolo e Gesù manifestano ambedue una scienza particolare: il demonio riconosce Gesù e ha paura di essere sopraffatto da lui (Mc 1,24); Gesù lo riconosce e lo minaccia, ordinandogli di uscire dall'uomo e di non tornarvi più (Mc 1,25). Il diavolo chiama per <nome> Gesù Nazareno, il Santo di Dio (Mc 1,24); Gesù chiede il <nome> a uno spirito immondo, che risponde: Mi chiamo legione, perché siamo in molti> (Mc 5,9). Si tratta di un rapporto fra due persone in lotta. Il demonio perciò assume il valore di un essere personale, non di una potenza anonima o simbolica." (Renzo Lavatori, *Il Diavolo Tra Fede e Ragione*. Bologna: EDB, 2001, p.17).

É importante entender que a experiência da libertação do mal é uma experiência do amor de Deus, pois Jesus passou fazendo o bem.

O que sempre esteve claro na comunidade cristã, é que o poder que Cristo manifestou na sua vida encarnada, foi outorgado aos apóstolos. Então teremos no livro dos Atos e nos demais livros do Novo Testamento o testemunho de como agiram os apóstolos na edificação da comunidade primitiva, suas dificuldades, prodígios e o seu embate contra as forças do mal. Os fiéis encontravam nos apóstolos, uma espécie de canal direto com o Cristo.

(...) a ponto de levarem os doentes até para as ruas, colocando-os sobre leitos e em macas, para que, ao passar Pedro, ao menos sua sombra cobrisse algum deles. Também das cidades vizinhas de Jerusalém acorria a multidão, trazendo enfermos e atormentados por espíritos impuros, os quais eram todos curados" (At 5,15-16).

Claro que a missão primeira dos apóstolos não era expulsar os demônios, mas essa atividade não era menosprezada, até mesmo, porque o anúncio do Reino dos céus está ligado à renúncia do reino das trevas. Por isso o Evangelho é a Boa Nova, porque pela sedução maligna o homem preferiu a morte, quando comeu o fruto. Cristo é a proposta que se opõe a morte eterna. Ele é aquele que apresenta uma vida nova.

1.5.2 Escritos Paulinos

Paulo, não foge do embate espiritual, ou melhor, de que a salvação está dentro de um combate. O homem precisa renunciar as trevas: "para lhes abrires os olhos e assim se converterem das trevas à luz, e da autoridade de Satanás para Deus. De tal modo receberão, pela fé em mim, a remissão dos pecados e a herança entre os santificados" (At 26,18). O processo de conversão está intimamente ligado à renúncia das obras do maligno. Os apóstolos exercem o mesmo poder de Cristo, quando seu nome é invocado e o seu exemplo é imitado.

A presença e atividade de Satanás é visto em um sentido universal, como estender seu domínio sobre aqueles que ainda não atingiram a sua fé em Cristo. Além de um elemento essencial da missão paulina é justamente para permitir que os homens passem do poder opressivo de Satanás para pertença de Deus⁴³

⁴³ "La presenza e l'azione di Satana sono viste in senso universale, in quanto estendono il loro dominio su coloro che ancora non hanno raggiunto la fede in Cristo. Del resto un elemento essenziale della missione

Tratando de Paulo, é notável perceber que ele trabalha o agir de Cristo em oposição direta às obras de Satanás. Se trabalha a teologia paulina através do chamado Corpus Paulino, que praticamente preenche todo o Novo Testamento. Satanás é aquele que impede o missionário de realizar a sua missão, como Paulo diz que não visitou a comunidade de Tessalônica, porque foi impedido por Satanás (cf. I Ts2,18).

E assim se desenvolve a demonologia paulina. Satanás tem a sua astúcia, sua motivação está na destruição do fiel, por isso ele seduz com ilusões e até mesmo se apresenta como um anjo de luz (2Cor 11,14). Um aspecto interessante na demonologia paulina, é que Satanás investe suas ações, querendo ferir e atingir a sexualidade humana. Na vida do casal (1Cor 7,5), na continência das viúvas (1Tm 5,15) e também entrando na vida das pessoas por participação em rituais dos pagãos (I Cor 10,20).

Para São Paulo, o nome mais utilizado é o de Satanás, que emprega dez vezes, encontrando-se também nele nomes equivalentes como o 'Maligno' (Ef 6,16; 2Ts 3,3), 'o tentador' (1Ts 3,5) e 'deus deste mundo' (2Cor 4,4). Nunca lhe chama Belzebu, embora lhe chame Belial, que é uma palavra própria do judaísmo, numa ocasião (2Cor 6,15). São Paulo apresenta-o como o grande opositor de Cristo. Ao falar das potências celestiais, existem textos que correspondem às forças do mal (Ef 2,2; 6,12), noutros aparecem como realidades, se não boas, pelo menos neutras, diz Gozzelino⁴⁴

São Paulo diz que se faz necessário proclamar em todas as situações que Jesus Cristo é o Senhor (cf. Fl 2,10), entendendo isso devemos seguir a dinâmica de ao proclamarmos o nome do Jesus, termos o que São Paulo irá chamar de "mesmo sentimento de Cristo Jesus" (Fl 2, 5). Na imitação de Cristo, o fiel poderá vencer as ciladas, as investidas do inimigo, pois o Cristo que assumiu a nossa carne venceu, então quem o imitar também vencerá.

O Novo Testamento abandona a visão de que o demônio é o acusador e quase que somente isso. Não porque não concorde, mas porque vai além. A literatura Joanina deixa isso explícito. É João no seu evangelho que chamará Satanás de homicida desde o princípio (cf. Jo 8,44). Até mesmo a expressão usada ao demônio como "príncipe deste mundo" (Jo 14,30) provém da teologia

paolina consiste precisamente nel permettere agli uomini il passaggio dalla potenza oppressiva di Satana all'appartenza a Dio." (Lavatori, *Il Diavolo Tra Fede e Ragione*. p. 19).

⁴⁴ SAYÉS, *O Demônio, Realidade ou Mito?*, p.53.

joanina. O demônio não será meramente a figura quase que jurídica do Antigo Testamento, mas é um ser perverso e maligno.

1.5.3 Literatura Joanina

João concentra a sua teologia em Deus que é Amor (cf. 1Jo 4,8) é muito importante ter a perspectiva do Deus de Amor para entender a ação de Satanás na vida dos cristãos segundo a literatura joanina. João trabalhará com os opostos de Vida e Morte, Luz e trevas, não haverá meio termo em sua teologia. Prova disso é que os mornos, Deus vomita (cf. Ap 3,16). Assim, João distingue: os que pertencem a Cristo se assemelham a Ele, não pecam porque são justos, já que em Cristo não há pecado. Os filhos de Deus não pecam, agora os filhos do Diabo, estes pecam. João expressa que a pessoa que peca e vive nessa realidade, não pode ser tratada como filho de Deus. Se analisarmos bem as palavras de João, parece que teremos um conflito. João apresenta o cristão como aquele que não peca, pois o que peca "não o viu e nem o conheceu" (1Jo 3,6). O conflito está no que João diz no início da sua mesma carta: "Se dissermos: 'Não temos pecado', enganamo-nos e a verdade não está em nós." (1Jo 1,8). O que pode parecer um conflito se entende quando o cristão é filho do demônio por viver no pecado e não assumir a sua condição de filho de Deus, então o seu pai é só um, o próprio Demônio. "Nisto são reconhecíveis os filhos de Deus e os filhos do diabo; todo o que não pratica a justiça não é de Deus, nem aquele que não ama o seu irmão." (1Jo 3,10). Por Deus ser amor, o cristão precisará dar uma resposta, tomar uma posição diante dessa iniciativa de Deus por amar.

O amor de Deus e de Cristo pelo homem requer uma resposta. Os judeus são censurados porque não amam a Deus (Jo 5,42). Este amor não consiste em mera profissão de amor, mas deve ser demonstrado através de fatos ou obras autênticos (1Jo 3,18). A principal obra de amor consiste em guardar a palavra de Deus e os mandamentos de Jesus (Jo 14,15.21.23; 15,10; 1Jo 2,5; 5,3). Quem ama o mundo não ama a Deus (1Jo 2,15s). Não ama a Deus quem priva dos bens que possui o irmão que vê em necessidade (1Jo 3,17). Quem ama a Jesus regozija-se com a sua volta ao Pai, porque esta significa o cumprimento pleno de sua missão e a sua glorificação (Jo 14,28).⁴⁵

⁴⁵ "Amor" in Mackenzie, *Dicionário Bíblico*, 1983, p. 37.

É na obra apocalíptica da literatura joanina que teremos um vislumbre daquele que é o opositor, ou já mencionado homicida desde o princípio. O livro do Apocalipse, possui uma singularidade no Novo Testamento, ele não encontra paralelos comparativos, não há nenhum escrito com uma linguagem próxima e tão pouco com a riqueza simbólica que o livro do Apocalipse possui. É possível encontrar comparativos na linguagem antiga.

O Apocalipse começa com as palavras "Revelação de Jesus Cristo...". Neste contexto a palavra grega *apokalypsis*, 'revelação', expressa a ideia de que Deus, por meio de Jesus Cristo, de João e deste texto escrito, desvendou segredos acerca do céu e da terra, do passado, do presente e do futuro.⁴⁶

Dentro da rica linguagem simbólica, própria do gênero apocalíptico. O livro das revelações possui sua beleza e traz a sua mensagem de esperança: "Já não haverá noite: ninguém precisará da luz da lâmpada, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e eles reinarão pelos séculos dos séculos." (Ap 22,5). Todavia, a esperança é concedida aos mártires, aos santos, à todos que não se perderam no pecado, na idolatria, pois está ambientado num período de grande perseguição à Igreja primitiva, uma perseguição violenta. Por isso, o livro do Apocalipse, está mais para um livro que gera esperança no coração dos cristãos, do que uma mera narrativa de guerras e conflitos surreais.

O livro do Apocalipse pode ser distribuído numa divisão simples, Prólogo, os sete selos, as sete trombetas, sete visões da mulher, sete visões do Cordeiro, as sete taças, sete visões da queda da Babilônia e o seu epílogo. É impossível não deixar de notar a distribuição deste livro embasado no sete, este número que possui grande apelo teológico, não é utilizado à toa no livro do Apocalipse.

Muitas vezes ouvimos dizer que 'sete é o número perfeito'. Perfeição é plenitude, o vaso está cheio, denota finalização; na Torah isso acontece, porque o sete simbolizava a volta da Criação ao Uno, à sua origem, e isto é perfeição. O simbolismo do número sete indica, então, o sentido de um ciclo concluído, a totalidade do espaço e a totalidade do tempo, totalidade do Universo em movimento (CHDS,p.826).⁴⁷

No primeiro momento, as sete cartas às sete igrejas, é possível identificar menções diretas a Satanás, nas comunidades ou igrejas Esmirna, Pérgamo,

⁴⁶ BROWN et al., *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, 63:3 (a), p. 836.

⁴⁷ MORAES, Micael de, *Os números na Bíblia*, São Paulo: Palavra e Prece, 2012, p. 87.

Tiatira e Filadélfia. É para a comunidade de Esmirna que existe a polêmica expressão "sinagoga de Satanás!"(Ap 2,9)

A sinagoga de Satanás expressão, indicando os judeus, também ocorre na carta para a Filadélfia. Aqui, no entanto, a tensão entre judeus e cristãos será resolvido em favor do último. Os judeus, por não ter recebido a Cristo, não conseguiram a dignidade do povo de Deus. Mas Cristo também exerce sobre eles, que vai assumir uma nova atitude em relação à Igreja, porque, como os estrangeiros e os pagãos em Jerusalém eles virão e adorar a presença de Deus entre os cristãos.⁴⁸

Satanás, no livro do Apocalipse, surge como o motivador de todo o sofrimento aos cristãos, por isso ele estará tanto em voga no desenvolvimento da mensagem de esperança, não como protagonista, mas como claro inimigo que deve ser superado. Se referindo ao Anjo da Igreja em Pérgamo, a figura de Satanás possui um pano de fundo político. "Sei onde moras: é onde está o trono de Satanás." (Ap 2,13), essa expressão "trono de Satanás" instiga há várias interpretações.

O contexto imediato associa o 'trono de Satanás', à morte de Antipas, a quem Cristo chama de 'minha testemunha fiel'. Como na mensagem a Esmirna, Satanás é visto como, em última análise, o instigador das medidas tomadas contra os cristãos pelas autoridades locais. A palavra 'testemunha' sugere que Antipas foi preso e interrogado pelo governador romano, *que foi morto junto a vós*: estas palavras sugerem que o resultado foi a execução dele. O 'trono de Satanás', então é o tribunal do governador romano.⁴⁹

O decorrer do livro do Apocalipse expressa a associação das lideranças civis como joguetes de Satanás. A carta à Pérgamo continua com algumas reprovações: "tens aí pessoas que seguem a doutrina de Balaão" (Ap 2,14) e também a censura aos que seguem a doutrina dos nicolaítas (cf. Ap 2,15). E em tudo, é necessário a conversão.

Para as comunidades de Tiatira existe a advertência por não serem fiéis a doutrina apostólica, se perdendo na sedução dos ídolos. Seguindo a Jezabel,

⁴⁸ "L'espressione sinagoga di Satana, indicante i giudei, ricorre anche nella lettera a Filadelfia. Qui però la tensione tra giudei e cristiani si risolverà a favore di quest'ultimi. I giudei, non avendo accolto il Cristo, sono venuti meno alla dignità di popolo di Dio. Ma Cristo esercita un'azione anche su di essi, i quali assumeranno un atteggiamento nuovo nei confronti della Chiesa, perché, come gli stranieri e i pagani a Gerusalemme, essi verranno e adoreranno la presenza di Dio in mezzo ai cristiani." (Lavatori, *Il Diavolo Tra Fede e Ragione*. p. 22).

⁴⁹ BROWN et al., *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, 63:24 (c), p. 847.

conhecerão "as profundezas de Satanás" (cf. Ap 2,24) e com a comunidade de Filadélfia, volta o uso da expressão "sinagoga de Satanás" (Ap 3,9).

De todas as ações explícitas na narração apocalíptica de João, não tem como não destacar o emblemático confronto entre a Mulher e o Dragão, o famoso capítulo 12 do Apocalipse de São João.

Satanás é descrito como um dragão vermelho com sete cabeças, dez chifres e sete coroas (Ap 12,3-4) e dispõe de um poder tão monstruoso que o homem nada pode fazer contra ele. Este dragão serve-se dos seus aliados como a besta que sai do mar (Ap 13,1), figura do poder político e social de cariz idolátrico que é sem dúvida o Império Romano que, naquela altura persegue os cristãos.⁵⁰

A cena principal deste capítulo, não pode ser outra, senão o embate entre a Mulher e o Dragão e a sua expulsão do céu. "É provável que estas fontes tenham sido compostas por judeus não cristãos e que João as tenha editorado, fazendo numerosos acréscimos, inclusive os hinos dos vv.10-12"⁵¹. A mulher surge neste capítulo com grande expressão solene "Um sinal grandioso apareceu no céu" (Ap 12,1). A compreensão de quem seja essa mulher, sempre foi um tema amplamente debatido, não há que se discutir da grande importância que essa mulher tem, João a descreve com adornos que enriquecem a sua importância. "uma Mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas" (Ap 12,1). Não é muito difícil identificar essa mulher como Maria, a mãe de Jesus. Mas, essa não é a única interpretação possível: "Outras sugestões são que ela é a Jerusalém celestial, a sabedoria personificada, ou a igreja."⁵² A outra personagem que realiza o confronto com a mulher, é o dragão: "Apareceu então outro sinal no céu" (Ap 12,3). Ambos surgem no céu, mas o dragão não possui a mesma beleza e solenidade que ornamenta o surgimento da mulher. O que é descrito sobre o dragão, traz em si aspectos da sua natureza ou missão "cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres sobre as cabeças sete diademas" (Ap 12,3). Na linguagem apocalíptica, não é difícil de imaginar que João tenha se valido de tradições antigas para utilizar um dragão de sete cabeças, realidade que está presente na literatura babilônica.

⁵⁰ SAYÉS, *O Demônio, Realidade ou Mito?*, p. 55.

⁵¹ BROWN et al., *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, 63:43(a), p. 858.

⁵² *Ibidem*, 63:43(a), p. 858.

A cena do conflito entre a Mulher e o Dragão, precisa ser contemplada com a perspectiva da Igreja contra as forças do mal, o povo de Deus contra as investidas do demônio, a ascensão de Maria como nova Eva no confronto contra a antiga Serpente. Aqui pode vislumbrar o cumprimento da profecia "Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre tua linguagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar." (Gn 3,15). Se desta cena, podemos encontrar até mesmo no Antigo Testamento, de forma aleatória, cenas semelhantes. Existe um pano de fundo ou uma inspiração muito próxima da cena bíblica, encontrada na mitologia greco-romana, sobre o nascimento de Apolo.

Leto, uma deusa, foi engravidada por Zeus. Píton, um dragão, previu que o filho de Leto o substituiria como governante do oráculo de Delfos. Assim, ele a perseguiu quando ela estava perto de dar à luz, a fim de matar a criança. Por ordem de Zeus, o vento norte e Poseidon, deus do mar, ajudaram Leto. Ela deu à luz Apolo e Ártemis. Apolo, então, matou Píton. Uma das fontes usadas por João era uma adaptação desta narrativa para descrever o nascimento do Messias. Uma vez que vários imperadores, particularmente Nero, associavam-se a Apolo, João e a sua fonte sugeriram, em oposição a esta propaganda, que o Messias prometido a Israel traria a verdadeira era de ouro.⁵³

Como na descrição mitológica, a mulher está grávida e visivelmente a perseguição do dragão é pelo menino, o varão que ela carrega em seu ventre. "Ela deu à luz um filho, um varão, que regerá todas as nações com cetro de ferro." (Ap 12,5). O dragão não conseguirá precipitar o menino, com isso o Messias será o vencedor deste conflito. Toda esta cena se passa no céu, numa realidade acima da terra. Se o Messias reina como vencedor, não há espaço para quem se opoe a Ele, neste contexto surge Miguel (mika-'el = quem como Deus). "Houve então uma batalha no céu: Miguel e seus Anjos guerrearam contra o Dragão. O Dragão batalhou, juntamente com seus Anjos, mas foi derrotado, e não se encontrou mais um lugar para eles no céu. Foi expulso o grande Dragão, a antiga Serpente, o chamado Diabo ou Satanás, sedutor de toda a terra habitada - foi expulso para a terra, e seus Anjos foram expulsos com ele." (Ap 12,9).

Assim, se compreende toda a narração da serpente sedutora, presente na criação. O livro do Gênesis diz que Deus fez tudo e viu que era bom (cf. Gn

⁵³ BROWN et al., *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, 63:43(a), p. 858.

1,31), o questionamento de como a serpente poderia estar lá, se ele criou tudo e viu que era bom é respondido no livro do Apocalipse, já que João enfatizou que aquele dragão expulso do céu por se opor ao Messias é a antiga serpente.

Os cristãos têm a capacidade de vencer o dragão no mesmo campo da história, onde agora habita e trabalha ativamente. A vitória, no entanto, é causada pelo sangue de Cristo e manifesta-se no testemunho dos cristãos; testemunho de que chegou ao ponto de renunciar a si mesmo amando até a morte. Neste sentido, o dragão é derrotado. No entanto, ele é deixado na terra e tem como alvo homens com intenções sinistras, cheio de indignação; no entanto, está sob o controle de Deus e tem pouco tempo. Segue-se que a sua agressividade torna-se inquietos, turbulentos e amargurados, ações típicas das forças do mal. Porém, vive na fase pre-escatológica em vista do fim. Por isso tem pouco tempo.⁵⁴

A vitória dos cristãos sobre as influências do mal, é a grande motivação do livro do Apocalipse. Na modernidade, é remetido à este livro, por parte do censo comum, uma grande carga catastrófica e mirabolante, motivada pela cultura hollywoodiana, que o deturpa em suas produções midiáticas. A verdade é que o livro do Apocalipse é um grande impulso para que os contemplados com o Sangue do Cordeiro perseverem na tribulação que passam e que irão passar.

É visível que não tem como desconsiderar a dualidade de vida e morte na literatura joanina. Cristo é a vida, sua missão é transmitir a vida em plenitude (cf. Jo 10,10). Com isso aqueles que edificam as obras do maligno buscam a própria morte e também se faz necessário enfrentar o próprio maligno. João é o grande estimulador dos cristãos, o inimigo é forte, o combate é intenso, porém aos que perseverarem, contra as investidas de Satanás, encontrarão a luz da vida. A Luz que não se apaga (...) porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e eles reinarão pelos séculos dos séculos (Jo 22,5).

O Novo Testamento é a grande boa nova do Reino de Deus, todavia, é importante ter sempre muito clara que o demônio faz afronta à este Reino.

⁵⁴ “I cristiani hanno la capacità di vincere il drago proprio nel medesimo campo della storia, dove esso adesso dimora e opera attivamente. La vittoria però è causata dal sangue di Cristo e si manifesta nella testimonianza dei cristiani; testimonianza che raggiunge l'apice de <non amare se stessi fino a morire>. In questo senso il drago È sconfitto. Tuttavia esso, sceso sulla terra, si trattiene ancora lì e ha di mira gli uomini con intenzioni minacciose, è pieno d'ira; però sta sotto il controllo di Dio e ha poco tempo. Ne deriva che la sua violenza diventa inquieta, turbolenta, inasprita, espressioni tipiche delle forze del male. Ma egli vive nella fase preescatologica in vista della fine. Pertanto dispone di un <tempo piccolo>.” (Lavatori, *Il Diavolo Tra Fede e Ragione*, p. 23).

“Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo; eu, porém, orei por ti, a fim de tua fé não desfaleça” (Lc 22,31). O Novo Testamento mostra que o demônio mata, mente e engana, por isso na edificação do Reino de Deus, Pedro recebe a função de guardar a fé dos seus irmãos, ora porque ele deve apascentar as ovelhas (Jo 21,17), ora porque ele precisa confirma-los (Lc 22,32).

1.6 Literatura Apócrifa

Se entendemos que o canon das Sagradas Escritura, trazem consigo uma realidade autenticamente inspirada. "A Bíblia e a tradição são as fontes _ escrita ou oral_ da doutrina revelada, na doutrina católica."⁵⁵ Precisa ter clareza que a rica literatura apócrifa, não significa que seja algo menosprezível, ao contrário, possui o seu valor. Alguns dos livros apócrifos possuem contemporaneidade com os livros inspirados e a tradição católica conseguia encontrar nestes livros, dados culturais e informações que poderiam possuir relevância sem alterar sua doutrina ou ferir na revelação divina. Imagina-se que a expressão ou classificação de Apócrifo seja uma realidade exclusivamente cristã católica, o que não é real, o Antigo Testamento também possui escritos de era bíblica, mas que não foram considerados inspirados.

Os rabinos sabiam da existência de "Livros de Fora", livros fora da coleção sagrada e usados pelos hereges e samaritanos. Contudo, o termo "apócrifos", que veio a designar os livros que são expostos aqui, deriva-se do termo grego *apokryphos*, "oculto"⁵⁶

Um livro apócrifo não necessariamente possuía uma conotação negativa. O peso dessa expressão veio ao longo do tempo, quando começaram a questionar o valor divino destes livros. No catolicismo, os apócrifos fazem parte do grupo dos livros que não possuem a verdade revelada. A Igreja realizou este processo sob o poder da sua autoridade. "Foi estabelecido que na Igreja não se leia nada sob o nome de Escrituras divinas a não ser os escritos canônicos"⁵⁷. Na tradição protestante também existe a classificação de livros apócrifos. Um

⁵⁵ "Inspiração" in Mackenzie, *Dicionário Bíblico*, 1983, p. 439.

⁵⁶ BROWN et al., *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, 67:4, p.949.

⁵⁷ Denzinger, *Compêndio dos símbolos*, DH 186.

grupo de 15 livros, que provém do judaísmo, até mesmo obras escritas em aramaico, que foram rejeitadas pelos protestantes que seguiram uma influência judaica.

A concepção católica expressa como doutrina de fé no Concílio de Trento, é que 12 dessas 15 obras (numa enumeração diferente, contudo) são Escritura Canônica; elas são chamadas de livros deuterocanônicos. Os três livros dos apócrifos protestantes que não são aceitos pelos católicos são: 1 e 2 Esdras e Oração de Manassés⁵⁸

Os livros apócrifos possuem informações sobre Satanás, eles abordam uma linha que se distancia dos evangelhos, pois seguem a linha de que o demônio é um ser monstruoso.

O Evangelho de Bartolomeu, o original do que pode ser alcançado até o Século III em c.4, apresenta o apóstolo que vê e pede <o inimigo da humanidade>, o anticristo ou Belial (Belial), cuja figura é assim descrita : <Dominado pelas cadeias de fogo e sessenta e seis mil anjos. Seu comprimento era de mil e novecentos côvados, a largura de setecentos mestros, a sua asa tinha oitenta côvados. Seu rosto estava queimando como o fogo, seus olhos estavam nublados e da fumaça de suas narinas saía sua maldade. Sua boca como uma pedra de lava>. É uma figura tão gigantesca e monstruosa que assusta os próprios apóstolos, que <caiu por terra e ficou a tremer>. Mas Jesus encoraja-os e diz a Bartolomeu <esmagar a cabeça> de Satanás, com seus pés, em clara referência ao texto de Gênesis 3:15 (cf. Rom 16:20). Bartolomeu executa o comando do Senhor que esconjura o monstro para revelar a sua identidade⁵⁹.

É apresentada a história de Belial, este nome, este demônio que não é estranho aos cânones sagrados, mas que não possuem as descrições próprias dos livros apócrifos. A linguagem extremamente surrealista já fundamenta a falta de canonicidade destes escritos. Como a releitura, que se assim pode dizer, sobre a cena da queda do homem ao pecado. Quando na criação, a mulher foi seduzida pela serpente.

⁵⁸ BROWN et al., *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*, 67:5, p. 949.

⁵⁹ “Il vangelo di Bartolomeo, il cui originale può risalire al III secolo, nel c.4, presenta l'apóstolo che vede e interroga <il nemico dell'umanità>, l'anticristo o Beliar (Belial), la cui figura viene così descritta: <Attanagliato dalle catene di fuoco di seimila e sessanta angeli. La sua lunghezza era di mille e novecento cubiti, la larghezza di settecento, una sua ala era di ottanta cubiti. La sua faccia ardeva come il fuoco, i suoi occhi erano rannuvolati e dalle sue narici usciva il fumo della sua cattiveria. La sua bocca come una lava di pietra>. È una figura così gigantesca e mostruosa che spaventa gli apostoli stessi, i quali <caddero bocconi e diventarono tremanti>. Ma Gesù li incoraggia e dice a Bartolomeo di <schiacciare la testa> di Satana con i suoi piedi, in chiaro riferimento al testo di Gen 3,15 (cf. Rm 16,20). Bartolomeo esegue il comando del Signore e apostrafa il mostro perché riveli la propria identità.” (Lavatori, *Il Diavolo Tra Fede e Ragione*, p. 25).

Aqui se origina a sedutora atividade de empurrar contra o homem a sua vingança. Satanás prepara um líquido, composto pelo suor de seu peito e suas asas, para Eva beber e será movida por desejos carnisais a cometer o pecado com o marido. Mas o diabo lamenta a ação realizada, tal como resulta da suas palavras: "Ai de mim, porque através de Eva eu fui o vencedor, por meio da Virgem Maria, elas ganharam. E fui preso por seu filho e agora eu queimo terrivelmente. Ai de mim, pois por meio de uma virgem foi descoberto a minha intenção, minha força desmoronou e eu estou a queimar⁶⁰.

O que há de claro e comum entre os apócrifos e os textos canônicos, é a concepção de que pelo orgulho e as mazelas que reúnem em seu ato, o demônio se opoe à bondade de Deus, se opoe à submissão de Cristo e não pode propagar o amor, pelo contrário, somente realiza ações para destruir a natureza humana e ofender a Deus.

1.7 O desenvolvimento Magisterial

O primeiro concílio a falar do demônio não como assunto principal, mas necessário foi o Concílio de Braga (561). O concílio combatendo o pensamento maniqueísta, dizia que o demônio não é o princípio do mal, ele foi criado bom por Deus; não são obras do diabo o trovão, o raio, a tempestade e a estiagem.

Se alguém diz que o diabo não foi anteriormente um anjo bom feito por Deus e que a sua natureza não foi obra de Deus, mas diz que ele saiu do caos e das trevas e que não há quem o tenha criado, sendo ele mesmo e o princípio e também a substância do mal, como o disseram Maniqueu e Prisciliano, seja anátema⁶¹.

O papa Inocência III explicou sobre o demônio, que ele não foi criado mal na sua essência, pois Deus viu que tudo era bom, houve uma decisão de recusa do amor de Deus. Decisão eterna, pois não existe tempo aos anjos que possuem pleno entendimento das coisas, não como Deus, mas superior aos homens.

⁶⁰ "Da qui ha origine l'attività seduttrice quale spinta vendicativa contro l'uomo. Satana prepara un liquido, composto dal sudore del suo petto e delle sue ali, bevendo il quale Eva sarà mossa da desideri carnali e commetterà il peccato con suo marito. Ma il diavolo si rammarica dell'azione compiuta, come risulta dalle sue parole: <Ma guai a me, giacché per mezzo di Eva sono stato vincitore, per mezzo di Maria vergine sonos stato vinto. Da suo figlio sono stato impiogionato e ora brucio terribilmente. Guai a me, giacché per mezzo di una vergine È stata scoperta la mia intenzione, la mia forza si è disgregata e io brucio moltissimo." (Lavatori, *Il Diavolo Tra Fede e Ragione*, p. 26).

⁶¹ Denzinger, *Compêndio dos símbolos*, DH 457.

A influência do maniqueísmo na vida dos cristãos já havia se dado em séculos anteriores, influência que também se popularizou na história pela biografia de Santo Agostinho.

O maniqueísmo, uma religião herética fundada pelo persa Mani no século III, implicava: 1) vivo racionalismo; 2) um marcado materialismo; 3) dualismo radical na concepção do bem e do mal, entendidos não apenas como princípios morais, mas também como princípios ontológicos e cósmicos.⁶²

A Igreja nunca concebeu a existência de dois princípios eternos e co-eternos, para entender o bem e o mal. Todavia, essa concepção maniqueísta influenciou muitos cristãos ao longo dos primeiros séculos do cristianismo. O maniqueísmo não assimilava a existência soberana de Deus como criador soberano, já que promovia o pensamento de que também existia um deus criador do mal. O que sempre esteve claro é que o Demônio não tem força criadora.

Enquanto o Papa Sisto III combatia as heresias que afrontavam as duas naturezas de Cristo, nos meados do século V, será o Papa Leão I aprofundar a doutrina da Igreja sobre o seu poder temporal, combater as heresias dos priscilianos e também dos maniqueístas e os conflitos dos modalistas contra a Santíssima Trindade. Todavia, falando sobre a natureza do diabo, nós entendemos os males da dualidade que as heresias queria inserir na fé católica.

A sexta anotação denuncia que eles dizem que o diabo nunca foi bom e que sua natureza não é obra de Deus, mas que ele emergiu do caos e das trevas: a saber, porque não tem autor algum, mas é ele mesmo a substância de todo o mal, enquanto a verdadeira fé... professa que a substância de todas as criaturas, quer espiritual quer corporal, é boa e que não há nenhuma natureza do mal (...)⁶³

Pensar na autonomia do mal, como uma substância auto originada é o grande problema que a Igreja irá insistir em condenar, apresentando a fé professada num único Deus criador. Que o demônio não foi criado mal, mas se subverteu ao mal, é uma realidade presente desde as Sagradas Escrituras. No decorrer do capítulo 8 do evangelho de São João, temos a cena do embate sobre Jesus e a descendência de Abraão. Jesus acusa claramente os judeus de possuírem um pai que não é Abraão, mas o próprio Demônio: "Vós sois do diabo, vosso pai, e quereis realizar os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o

⁶² REALIE, Giovanni, *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*, São Paulo: Paulus, 1990, p. 430.

⁶³ Denzinger, *Compêndio dos símbolos*, DH, 286.

princípio e não permaneceu na verdade porque nele não há verdade (...)" (Jo 8,44). Assim, fica claro que o mal não é uma realidade própria, existente desde a eternidade, mas uma subversão daquilo que originalmente foi criado.

Eles não nasceram maus, porém, depois de criados, foram submetidos a uma prova antes que lhes fosse oferecida a visão da essência da Divindade, pois viam a Deus, mas não viam Sua essência. Neste caso, o verbo *ver* é figurativo, já que a visão dos anjos é intelectual.⁶⁴

O Catecismo da Igreja Católica expressa que antes do pecado original cometido pelo homem, já houve uma desobediência a Deus que fora cometido por seus mensageiros. "A Escritura fala de um pecado desses anjos. Esta 'queda' consiste na opção livre desses espíritos criados, que rejeitaram radical e irrevogavelmente a Deus e seu Reino".⁶⁵ É sempre necessário lembrar que satanás influencia nos homens por seu estado angelical, mesmo que decaído, mas seu poder não é absoluto. O projeto de Salvação de Deus aos homens jamais poderá ser vencido pelo poder das trevas, todavia a ação nefasta de satanás contribui na nossa condição de pecador, se afastando de Deus. Toda e qualquer ação diabólica, passa pela permissão de Deus, que nos seus misteriosos desígnios sabe conduzir o homem por caminhos que fogem à compreensão humana.

Outro ponto muito evidente entre os padres da Igreja é a compreensão da ação do Diabo na natureza humana desde o pecado original. E que o seu desejo é realizar o que se entende como escravidão, sendo a luta contra o pecado, a verdadeira conquista libertadora.

A demonologia dos Padres insere-se nitidamente no mistério de Cristo. Santo Irineu, por exemplo, contrapõe a ação redentora de Cristo à obra negativa realizada por Adão. E a redução cristológica que o tema apresenta no Novo Testamento é algo que também se nota nos Padres"⁶⁶

A tradição cristã sempre entendeu que a imitação de Cristo é uma realidade profunda. Se no batismo o fiel morre com Cristo e nasce para uma vida nova. A imitação de Cristo passa por essa morte de cruz e a vida nova se alcança com a ressurreição, tudo isso num paralelismo à vida do fiel. E claro, se o demônio é o inimigo de Cristo, o cristão tem o demônio como seu inimigo, o

⁶⁴ FORTEA, *Summa daemoniaca*: tratado de demonologia e manual de exorcistas, Q. 1.

⁶⁵ CIC, n. 392.

⁶⁶ SAYÉS, *O Demônio, Realidade ou Mito?*, p. 63.

grande opositor. O mal não é uma natureza própria, é um ser, um agente que tentará, que atacará sempre a vida daqueles que buscam a Deus. Assim, vivendo o batismo, o fiel renunciará sempre as obras do mal.

1.8 O Exorcismo

“Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. De graça recebestes de graça daí”(Mt 10,8). A prática do exorcismo, a expulsão do demônio sempre fez parte da missão de todo o cristão a mando do seu mestre. A encarnação do Verbo e, por conseguinte a sua revelação trinitária tem como por objetivo resgatar a humanidade submersa no pecado, para isso o Filho de Deus precisou vencer a morte atingindo o seu autor, o demônio. “O mundo todo jaz sob o Maligno” (1 Jo 5,19) , mas “eis por que o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do demônio. “Não se compreenderia a obra salvadora de Jesus Cristo se negasse a existência de Satanás e dos demônios e a sua influência no mundo e sobre os homens.”⁶⁷. A luta de Cristo em sua passagem pela terra é para libertar o homem das garras da antiga serpente (Ap 12,9), esse será o combate que todo cristão enfrentará para se manter fiel ao Senhor: “Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio. Pois não é contra homens de carne e sangue que temos de lutar, mas contra os principados e potestades, contra os princípios deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal ‘espalhadas nos ares’” (Ef 6,11-12)

O combate de cada cristão com o príncipe deste mundo (cf. Jo 12,31), tem início desde o seu batismo, assim como foi com Cristo que no início da sua vida pública, após o batismo de João, foi tentado por satanás: “E ficou no deserto quarenta dias. Foi tentado pelo demônio e esteve em companhia dos animais selvagens. E os anjos o serviam. (Mc 1,13) É muito interessante analisar onde atinge as tentações que satanás faz a Jesus, que são as mesmas em que os homens se veem investidos: prazer, sucesso, poder. Se Adão cederá a tentação da serpente, Jesus resistirá e buscará sua força na realização da vontade de

⁶⁷ BAMONTE, Franceso, *Possessões diabólicas e exorcismo*; como reconhecer o astuto pai da mentira, São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007, p 28.

Deus. “Assim como pela desobediência de um só homem foram todos constituídos pecadores, assim pela obediência de um só todos se tornarão justos.” (Rm 5,19). Se satanás influenciou sobre Adão, não será assim com Jesus, pois com seu sacrifício de sangue e na sua ressurreição o reino de satanás sucumbe.

Satanás, como já foi dito, não está sozinho. Com ele está uma multidão de espíritos perversos (Ef 6,12) que se chamam demônios e que formam um reino (cf. Mt 12,25). “Eles agem no mundo por ódio contra Deus e contra o homem e aproveita todo meio para atingi-los, porque, sabendo que estamos destinados e estar um dia lá, onde eles não poderão jamais chegar, devorados pela inveja, procuram com todo esforço possível conduzir consigo para a perdição eterna”⁶⁸. Satanás, jamais terá o conforto da paz eterna, sua livre e irrevogável decisão de se apartar de Deus o deixa nessa condição de padecer no fogo eterno (cf. Mt 25,41), com isso o maior desejo de satanás é afastar o homem dessa condição que ele jamais irá alcançar, desde o princípio o seu agir está cheio de inveja: “Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal.” (Gn 3,5). O Papa João Paulo II ensinava: “O espírito maligno procura transplantar no homem a mesma atitude de rivalidade, de insubordinação, ou de oposição a Deus, que se tornou quase a motivação de toda a sua existência (audiência em 13 de agosto de 1986)”⁶⁹.

“No seu amor por nós, portanto, Deus sabe extrair das más intenções e ações dos demônios uma vantagem para nosso benefício.”⁷⁰ O Magistério compreende que Deus permite a ação de satanás sobre o homem, permitindo que sofra e seja tentado, não por negligência, mas por saber que também satanás faz parte de todo o “instrumental” de Deus para que o homem alcance a salvação.

No entanto, o poder de Satanás não é infinito. Satanás é uma simples criatura, poderosa pelo facto de ser puro espírito, mas, de qualquer modo, criatura: impotente para impedir a edificação do Reino de Deus. Embora Satanás exerça no mundo a sua acção, por ódio contra Deus e o seu reinado em Jesus Cristo, e embora a sua acção cause graves

⁶⁸ BAMONTE, Francesco, *Possessões diabólicas e exorcismo: como reconhecer o astuto pai da mentira*, p. 31.

⁶⁹ João Paulo II, *Audiência Geral*, 13 de agosto de 1986, disponível em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1986/documents/hf_jp-ii_aud_19860813.html, acesso em 23 de abril de 2015.

⁷⁰ BAMONTE, *Possessões diabólicas e exorcismo: como reconhecer o astuto pai da mentira*, p. 35.

prejuízos – de natureza espiritual e indirectamente, também, de natureza física – a cada homem e à sociedade, essa acção é permitida pela divina Providência, que com força e suavidade dirige a história do homem e do mundo. A permissão divina da actividade diabólica é um grande mistério. Mas «nós sabemos que tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus» (Rm8, 28).⁷¹

Satanás age comumente nas tentações, seria essa a sua via de regra para afastar o homem de Deus, mas em seus planos existem acções extraordinárias que são as possessões e presenças satânicas. E mesmo com todas essas acções, Deus não desampara ninguém. Assim se dá na compreensão do "livrai-nos do mal", presente na oração do Pai Nosso, como vai dizer São Pio X em seu catecismo:

Dizemos: livrai-nos do mal, e não: dos males, por que não devemos desejar ser isentos de todos os males desta vida, **mas** só daqueles que são nocivos à nossa alma, e por isso pedimos a libertação do mal em geral, isto é, de tudo aquilo que Deus vê que para nós é mal⁷²

Assim, não há mal da qual Deus não possa tirar um bem, em todas as situações deve se buscar a Deus. Pois Ele nos quer dar a vida, e Ele a dá em abundância (cf. Jo 10,10), já satanás investe na destruição eterna do homem. Será a possessão, sua acção mais extraordinária e sobre essa acção que Jesus ordena que os discípulos enfrentem, combatendo assim as acções do maligno.

Satanás, em suas acções maléficas e extraordinárias toma posse do corpo, fazendo-o dele seu trono. A Igreja, para dar maior ajuda àqueles que sofrem de danos maléficos, instituiu um sacramental específico, o exorcismo. “O exorcismo visa expulsar os demônios ou livrar da influência diabólica, e isto pela autoridade espiritual que Jesus confiou à sua Igreja”⁷³. O demônio quando toma posse de um corpo não possui o mesmo poder da união da alma com o corpo, pois essa é uma união de vida em que sua separação resulta na morte do corpo, ou seja, sua separação de corpo e alma. A acção de satanás é como “um aluguel” do corpo. O exorcismo consiste no múnus sacerdotal que Jesus transmite aos discípulos, consiste na libertação do homem da grande influência de satanás. Contudo, o exorcismo só tem eficácia, quando a alma possesora sofre de um mal que não desejou. Não é possível um exorcismo, por aquele que une seu desejo

⁷¹ CIC, n. 395.

⁷² Pio X, *Catecismo Maior de São Pio X*, São Paulo: Permanência, 2009, n. 318.

⁷³ CIC, n. 1673.

as ações deliberadas do mal, querendo se unir com o príncipe deste mundo. “Judas, por exemplo, na sua alma era certamente escravo do demônio e de maneira fortíssima, mas Jesus não lhe fez nenhum exorcismo, porque a sua vontade já estava comprometida com o demônio e o exorcismo não tem eficácia nenhuma sobre a vontade de um homem que decide livremente pelo pecado.”⁷⁴

1.9 Jesus e sua atividade exorcista

A realização do exorcismo tem em vista sempre a ação salvífica de Cristo na terra, em que a derrota de satanás mostra que o Reino de Deus se faz já presente entre os homens: “Se é pelo Espírito de Deus que expulso os demônios, então chegou para vós o Reino de Deus” (Mt 12,28).

O material presente nos evangelhos sinóticos mostra que o exorcismo e a prática exorcista de Jesus representam uma parte considerável do material sinótico, o que constitui um indício de que essa prática não é um aspecto accidental de Jesus. Prova disso é o grande espaço que o evangelista Marcos dá para a ação exorcista de Jesus. Em vista das narrativas do Novo Testamento sobre o exorcismo, não é possível encontrar uma analogia no Antigo Testamento, tal qual o Novo Testamento apresenta. Isso não significa que Jesus manifesta uma novidade desconhecida, pois, existe uma demonologia no Antigo Testamento e o relato do que seria mais próximo a um exorcismo como o narrado em Tb 3,7-17; 6,8. “A conclusão natural é: os elementos do Antigo Testamento não bastam como pano de fundo, para interpretar a prática exorcista de Jesus. É preciso levantar dados do mundo bíblico circunvizinho e do judaísmo tardio. A partir do exílio babilônico, verificou-se uma influência acentuada desse mundo extra bíblico em Israel, principalmente no que diz respeito à crença nos demônios e a sua ação maléfica sobre as pessoas.”⁷⁵

Seguindo o caminho apresentado e trilhado pelos sinóticos, existe uma verdadeira inflamação demoníaca no primeiro século do cristianismo. Claro, que é necessário ter consciência que no judaísmo contemporâneo a Jesus, todos os âmbitos da vida poderiam ser “demonizados”, no sentido de que ali seria uma

⁷⁴ BAMONTE, *Possessões diabólicas e exorcismo: como reconhecer o astuto pai da mentira*, p. 47.

⁷⁵ RABUSKE, Irineu J., *Jesus exorcista: estudo exegético e hermenêutico de Mc 3, 20-30*, São Paulo: Paulinas, 2001, p. 46.

condição em que quem impera é o demônio, como a doença, pobreza e o pecado. A missão de Jesus é levada a plenitude com a sua Paixão em que Ele vence a morte sofrendo as penas que o homem devia pagar, sua ressurreição sana toda e qualquer dívida. “Toda a missão de Jesus Cristo é uma luta radical contra o mundo demoníaco, do qual Satanás é o chefe e os demônios são os seus servos e ajudantes”⁷⁶ .

Como acontecia no tempo de Jesus, os demônios continuam a atacar os homens com suas atividades. Será o dever do cristão que ouvindo atentamente o desejo de Cristo de pregar o Evangelho a todos, manifestará as obras daqueles que creem, “expulsarão demônios em meu nome” (cf. Jo 16,17)

⁷⁶ BAMONTE, *Possessões diabólicas e exorcismo: como reconhecer o astuto pai da mentira*, p. 27.

II CAPÍTULO: A HISTÓRIA DO EXORCISMO

O exorcismo é uma prática realizada com eficácia por Cristo que deixa essa função aos apóstolos. Exorcismo significa: esconjura. Mas não é esconjura qualquer coisa, mas antes o demônio ou espíritos impuros. Do grego exorcismo é *eksorkismós*, ou 'ação de prestar juramento'. Antes de Cristo é difícil de imaginar que houvesse alguma prática exorcista com a mesma eficácia das realizadas por Cristo, o que não impede de conceber que algumas pessoas de vida reta diante de Deus, possa assumir algum dom divino para combater com eficácia os males espirituais.

Ao longo da história da Igreja, de Cristo até os tempos atuais a prática do exorcismo sempre foi modificada em seus ritos e mal compreendida na sua realização. O raciocínio da luta contra o mal sempre existiu, porém, o modo de se operar este combate ou se pôr assim dizer o método a ser realizado, nunca foi explicitamente claro. A começar pelo estabelecimento de um rito ordinário para o ritual do exorcismo, assim como exorcistas. Durante a história da Igreja, a teologia irá desenvolver a ideia sobre o mal, sobre o demônio, contudo é notável a carência de expoentes na área prática do exorcismo.

Não existe algum estudo linear sobre a prática do exorcismo. O que há de dados são relatos bíblicos, padres da Igreja, escritos de santos até se chegar ao Concílio Vaticano II. O padre Gabriele Amorth, famoso exorcista da cúria romana sugere um quadro, uma linha de raciocínio, uma linearidade da história do exorcismo.

E passo finalmente ao breve excuro histórico, que divido em sete períodos: na vida de Cristo e dos Apóstolos; nos três primeiros séculos; do século III ao século VI; do século VI ao século XII; do século XII ao século XV; do século XVI ao século XVII; e do século XVIII até os nossos dias.⁷⁷

O papa Paulo VI afirmou que a demonologia tem um lugar importante na Teologia Católica, isso não quer dizer que ela ocupa um lugar central, pois o centro é sempre Jesus. “N’Ele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra...” (Cl 1,16). Os anjos não são criaturas no primeiro plano dentro da realidade da Revelação, mas pertencem a ela de uma forma plena. Consciente disso vamos trilhar a história.

⁷⁷ AMORTH, Gabriele. *Exorcistas e psiquiatras*. São Paulo: Paulus Editora, 2004, p.13.

O evangelho é claríssimo ao apresentar a luta frontal entre Cristo e o demônio. Jesus, desde logo, tem de combater e vencer Satanás na sua atividade corrente de tentador: a vida pública de Jesus começa com a página das tentações.⁷⁸

Podemos assim dizer que na história da Igreja o demônio tentou Jesus e até hoje ele exerce essa sua função.

2.1 Período Apostólico

Tanto os evangelhos sinóticos quanto o quarto evangelho mostram a eficácia de Jesus sobre os espíritos impuros, dos quais todos encontram sua raiz em satanás, príncipe dos demônios. A saga de Jesus sobre a terra se inicia com a tentação do demônio no deserto até a vitória sobre a cruz. Não é possível imaginar a edificação do Reino de Deus sem a destruição do reino de satanás.

Jesus falou claramente da ação de Satanás contra Deus (pense-se, por exemplo, nas explicações que ele próprio dá a parábola do trigo e do joio e à do sementeiro); libertou os endemoninhados, fazendo clara distinção entre a libertação do demônio e a cura de uma doença; concedeu este importantíssimo poder aos Apóstolos, depois aos discípulos e, por fim, a todos aqueles que viriam a acreditar nele (...)⁷⁹

Quando Cristo liberta um endemoninhado das artimanhas de satanás, Ele não só derrota aquele espírito impuro como prova que N'Ele está a fonte da vida, a Vida Eterna. No limiar da Igreja, os Apóstolos seguirão a ordem de Cristo de expulsar os demônios em seu nome, com isso teremos os relatos bíblicos das batalhas espirituais entre o demônio e os apóstolos.

São Pedro apresentará de forma categórica satanás, como o inimigo daqueles que querem seguir a Cristo: “Sede sóbrios e vigilantes! Eis o vosso adversário, o diabo, vos rodeia como leão a rugir, procurando a quem devorar. Resiste-lhe, firmes na fé.” (1Pd 5,8-9a). São Tiago: “Sujeitai-vos, pois, a Deus; resisti ao diabo e ele fugirá de vós.” (Tg 4,7). São Paulo: “Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos

⁷⁸ AMORTH, Gabriele. *Exorcistas e psiquiatras*. São Paulo: Paulus Editora, 2004, p.14

⁷⁹ *Ibidem*, p. 15

do Mal, que povoam as regiões celestiais. (Ef 6,12). É notável que a prática do exorcismo iniciada em Cristo se mantém entre os apóstolos, seus sucessores.

"Então, alguns dos exorcistas judeus ambulantes começaram a pronunciar, eles também, o nome do Senhor Jesus, sobre os que tinham espíritos maus. E diziam: 'Eu vos conjuro por Jesus, a quem Paulo proclama!'" (Atos 19,13). Quando se desenvolve a compreensão da história do exorcismo, é necessário saber que essa prática nunca foi uma exclusividade de Cristo, ou uma novidade d'Ele, mas somente em Cristo, será visível o valor desta ação e o poder que Cristo concede. A primeira coisa que deve vir à mente, é que o exorcista, por excelência deve ser configurado à Cristo. Essa configuração do exorcista à Cristo, será compreendida paulatinamente na história da Igreja e na maturação deste sacramental. A cena dos Atos dos Apóstolos aqui mencionada, visualiza bem essa situação. Ao verem o poder que Paulo tinha, pelas curas realizadas e a expulsão dos espíritos impuros, os judeus exorcistas, procuram utilizar o nome de Jesus em suas ações. "Mas o espírito mau replicou-lhes: 'Jesus eu o conheço; e Paulo, sei quem é. Vós, porém, quem sois?'" E investindo contra eles, o homem no qual estava o espírito mau dominou a uns e outros, e de tal modo os maltratou que, desnudos e feridos, tiveram de fugir daquela casa" (Atos 19,15-16). O demônio não reconhece aqueles exorcistas judeus, por isso, sem a configuração do exorcista à Cristo, a invocação do nome de Jesus não possui eficácia. O nome de Jesus não possui um poder cabalístico, que funcionasse com qualquer um que desejasse. Mas a experiência libertadora na ação do exorcismo terá sua eficácia na união do exorcista com Cristo.

Quando a Igreja exige publicamente e com autoridade, em nome de Jesus Cristo, que uma pessoa ou objeto seja protegido contra a influência do maligno e subtraído a seu domínio, fala-se de exorcismo. Jesus o praticou, é dele que a Igreja recebeu o poder e o encargo de exorcizar⁸⁰.

Se o Catecismo da Igreja Católica, fala e expressa com clareza sobre a ação e realidade de um exorcismo, é necessário entender que essa compreensão não foi sempre tão clara assim. O que se sabe, é que já era uma realidade presente na Igreja Apostólica.

⁸⁰ CIC, n. 1673.

2.2 Influência dos Apócrifos

No processo de maturação da fé cristã, não é possível imaginar que a demonologia fosse algo esquecido que ficava aquém do pensamento teológico ou da catequese central. O demônio nunca foi guia ou inspiração para o anúncio do evangelho, o Reino de Deus é a motivação principal, mas o embate que existe para a edificação deste Reino, com certeza está no desenvolvimento catequético, Jesus já expressava isso, quando na oração do Pai Nosso diz que é necessário pedir a Deus, que os livre do mal (Mc 6,13).

Uma grande influência presente no início da era cristã é a literatura apócrifa. Literatura que possuía grande expressão nas comunidades cristãs que em alguns casos era consultada quase que paralelamente com os escritos canônicos que possuímos.

Nesta literatura apócrifa, que visivelmente influenciou cristãos primitivos, se destaca as narrativas do patriarca Enoc. Enoc, é o que se pode chamar de um profeta pré-diluviano, seria ele filho de Caim.

Enoc difere dos outros membros da genealogia setita pela idade (365 anos, muito menos que os outros) e pela afirmação de que ele andou com Deus e depois Deus o arrebatou; de Enoc não se diz simplesmente que “morreu”, como os outros.⁸¹

Enoc se tornará uma figura envolvida em muito misticismo e sincretismo religioso, realidade já presente no início do cristianismo e que perdura até os tempos atuais. Os textos atribuídos a Enoc, nunca foram defendidos como canônicos, mesmo com as menções em textos canônicos do Novo Testamento. A carta de São Judas faz menção a ele: “A respeito deles profetizou Henoc, o sétimo dos patriarcas a contar de Adão...” (Judas 14).

Nos escritos cristãos do primeiro século encontramos expressão de uma crença de que o mundo está sob o controle de poderes hostis a Deus. Ela não é derivada do AT, mas os cristãos poderiam aprender como e por que isso tivesse acontecido em uma série de documentos cuja composição abarcam o período compreendido entre o século III aC ao século I dC: O livro de Enoch, o livro dos Jubileus e o Testamento dos Dozes Patriarcas, e textos assênios.⁸²

⁸¹ “Enoc”, in Mackenzie, *Dicionário Bíblico*, 1983, pag. 281.

⁸² “Negli scritti cristiani del I secolo troviamo espressa la convinzione che il mondo sia sotto il controllo di potenze ostili a Dio. Essa non deriva dall'AT, ma i cristiani potevano apprendere come e perché questo era accaduto in una serie di documenti la cui composizione abbraccia il periodo che va dal III secolo a. C. fino al I secolo d. C: il Libro di Enoch, il Libro dei Giubilei e i Testamenti dei Dodici Patriarchi, i testi essenini.” (*Il diavolo e i suoi angeli: testi e tradizioni (secoli I-III)*), Bologna: EDB, 1996, p. 16).

O livro de Enoch, é composto de sub-livros cujo um dos mais antigos é chamado de Livro do Vigilante, ele aborda a relação dos anjos com as mulheres da terra. Referência a discutida passagem sobre os Nefelins, de Gênesis 6,1-4. As informações que estão nos apócrifos que vão além do texto canônico é que nesta relação dos possíveis "demônios" com a mulheres da terra, foi revelado segredos que não poderiam estar ao alcance dos homens, magias e a utilização de ervas para tal. Se no livro do Gênesis a narrativa diz que Deus não se agradava da maldade presente no coração dos homens, sem dar um desfecho a relação dos filhos de homem com os filhos de Deus. O livro de Enoch dirá que a relação dos Nefelins com os homens ficou insustentável pelos conflitos relacionados a comida e pelos problemas existentes nas revelações das coisas ocultas.

Um outro sub-livro da obra de Enoch, é chamado de livro das Parábolas, neste livro, é mencionado que os arcanjos Miguel e Rafael, compadecidos pela sina dos anjos decaídos, tentam em vão interceder junto a Deus. Deus, começa a explicar e detalhar o pecado destes anjos. Já no livro dos Sonhos, a relação dos anjos com as mulheres é expressada como uma realidade simbólica. Ainda há o sub-livro dos Jubileus, aqui o contexto da descida dos anjos sobre a terra possui um outro contorno. É algo positivo, pois os anjos ensinaram os homens a fazerem o bem e a fazerem o bem na terra. Posteriormente eles se uniram as mulheres da terra, então, nesta ocasião são punidos e os gigantes, seus filhos são destruídos em conflitos entre si, juntamente com os homens que viviam no pecado, mas estes foram mortos na grande inundação. Contudo, o mal não é expulso da terra e o próprio Noé consegue enxergar a maldade que estava presente no coração do homem por grande e inexplicável influência demoníaca. Noé, morre temendo que o mal entrasse no coração daqueles que ainda haviam sido salvos do grande dilúvio e assim o mal continuaria na terra. Por fim, o último livro que completa a compilação de Enoch, o Testamento dos Doze Patriarcas é o que melhor trabalha a realidade do mito, supera o imaginário quase folclórico. O livro trabalha o lado da influência do mal, a influência espiritual sobre o homem. A menção direta sobre os males espirituais é dada à Satanás que também se compreende como Beliar. O homem deve seguir a influência dos anjos bons, o

caminho da luz, caem no pecado e assim vivem, quando cedem a influência dos espíritos maus.

Os espíritos da verdade e da injustiça, guiados respectivamente por um Príncipe da Luz e por um Príncipe das trevas (Belial), são tais por que criados assim por Deus, segundo o seu plano inescrutável. O mesmo desenho estabelece quais homens são filhos da luz e caminham ao lado do anjo que os guia e quais homens, ao contrário, são submetidos ao anjo das trevas. Assim, retomando temas e terminologia, os Testamentos reagem com decisão ao determinismo ético de Qvuram⁸³

O livro de Enoch, traz uma importante compilação sobre a teologia, ou a tentativa de fazer teologia sobre o mundo espiritual. Não precisa aprofundar muito para compreender que não foi difícil entender porque este livro não faz parte do cânon católico das Sagradas Escrituras. Também acentua, a compreensão distorcida que era propagada sobre os anjos em tempos contemporâneos a Cristo e os séculos seguintes. Com a influência destes textos, já no início do cristianismo, associavam o exorcismo à conotação mágica e supersticiosa. Esse pensamento não predominou, mas deixou suas marcas.

2.3 Didaqué

Quando abordamos a história da igreja pós-bíblica, entendemos que essa realidade está presente no final do I século, pois até então temos a construção dos evangelhos e das cartas paulinas, ou seja, em síntese a formação do Novo Testamento. No início do segundo século da era cristã já podemos questionar sobre a existência de um rito comum à prática do exorcismo e como isso era aplicado.

Um documento muito importante, que não traz nenhuma orientação particular sobre o exorcismo, mas que expressa a abominação sobre a magia, encantamentos e comunicação com os mortos. É a Didaqué, obra também conhecida e chamada de "Instrução dos Doze Apóstolos". Do grego, didaqué

⁸³ “Gli spiriti della verità e dell'ingiustizia, guidati rispettivamente da un principe della Luce e da un principe della Tenebra/ Belial, sono tali perché creati così da Dio, secondo un suo piano imperscrutabile. Lo stesso disegno stabilisce quali uomini siano figli della luce e camminino a fianco dell'angelo che li guida e quali uomini invece siano sottomessi all'angelo delle tenebre. Pur riprendendo temi e terminologia, i Testamenti reagiscono con decisione al determinismo etico di Qumrân.” (*Il diavolo e i suoi angeli: testi e tradizioni (secoli I-III)*, Bologna: EDB, 1996, p. 24).

quer dizer doutrina ou instrução. Pode se considerar o primeiro catecismo dos cristãos. Os teólogos, expressam um consenso de que esta obra é uma compilação de escritos ou ensinamentos orais, que manifestam a tradição presente desde o primeiro século do cristianismo.

A Didaqué traz uma catequese sobre o essencial do cristianismo, a prática do decálogo e a experiência do batismo, confrontando com o mundo pagão, esse documento vem salientar a necessidade de se livrar de costumes e práticas que não fazem parte da fé cristã: "Não mate, não cometa adultério, não corrompa os jovens, não fornique, não roube, não pratique a magia nem a feitiçaria." (Didaqué Cap. I ver. 4)⁸⁴. A abominação sobre as práticas pagãs é claramente condenada. "Filho, não se aproxime da adivinhação porque ela leva à idolatria. Não pratique encantamentos, astrologia ou purificações, nem queira ver ou ouvir sobre isso, pois disso tudo nasce a idolatria". (Didaqué Cap. III ver. 4)⁸⁵. A didaqué tem sua formação creditada entre as décadas de 60 a 90, esse grande espaço se deve a falta de consenso sobre sua criação. O que torna interessante, é que ela potencialmente existia antes mesmo da literatura joanina. Este documento se harmoniza com os evangelhos canônicos e traz muitas referências ao Antigo Testamento. É possível que a referência em Atos dos Apóstolos (2,42) sobre os "ensinamentos dos apóstolos", seja uma referência a Didaqué.

É importante notar, que a Didaqué associa às práticas de magia e superstições à idolatria, isso não é novidade, já que tudo isso foi já apresentado no Antigo Testamento (e aqui também temos a influência dos escritos de Enoc, como já foi supracitado). O combate a idolatria, é basicamente o desejo de que as pessoas não se percam da fé em Deus, pois o seu retorno é eminente.

Como os evangelhos e os escritos que compõem o Novo Testamento não se preocupam em relatar a origem ou até mesmo a natureza do demônio. É de se imaginar que o demônio é um ser que faz oposição a Deus, não enfrenta-O diretamente, mas fere aqueles que possuem a imagem e semelhança do Criador. É possível imaginar que a edificação do Reino dos Céus, também exista para destruir o império, ou hierarquia das trevas. Assim, é possível compreender,

⁸⁴ Didaqué: A instrução dos Doze Apóstolos, disponível em: <<http://www.monergismo.com/textos/credos/didaque.htm>> Acesso em 12 de junho de 2018.

⁸⁵ *Idem.*

porque entre os milagres de Jesus, ele seja acusado de expulsar os demônios, com ajuda dos próprios demônios (cf. Mt 9,34).

Com o fim da revelação na compreensão apostólica, cabe agora aos bispos fieis as escrituras e a tradição conservar e anunciar o Evangelho no mundo.

Para que o Evangelho sempre se conservasse inalterado e vivo na Igreja, os apóstolos deixaram como sucessores os bispos, a eles “foi transmitido seu próprio encargo de Magistério”. Com efeito, a pregação apostólica, que é expressa de modo especial nos livros inspirados, devia conservar-se por uma sucessão contínua até a consumação dos tempos.⁸⁶

Uma nova compreensão da fé será iniciada. Com a revelação “fechada”, os cristãos vão perscrutar os ensinamentos de Cristo ora para pratica-los, ora para defende-los contra os ataques e as heresias que surgirão ao longo da história.

2.4 A Patrística

Cristo instaurou o Reino de Deus nesta terra, com a sua Paixão, Cristo deu a conhecer ao mundo os planos do Pai e com a vinda do Espírito Santo a revelação se torna plena. (cf. Jo 16,13). Com o fim da chamada era apostólica, inicia-se a era dos Padres da Igreja. A riqueza deste período é contemplada por uma era de grande formação e riqueza doutrinária.

Começou-se desta forma, na luta pelo dogma, a citar os grandes nomes dos tempos primitivos, isto é, a coloca-los como autoridades da fé de igual gabarito lado a lado ou depois da Bíblia⁸⁷

A fase patrística é a rica era dos grandes embates teológicos doutrinários, os padres dessa época sempre lutavam pela pureza da interpretação das Sagradas Escrituras combatendo as possíveis distorções e heresias. Nesse contexto, o exorcismo era um poderosíssimo instrumento de evangelização e se assim pode dizer, uma ação apologética. Todos os atormentados judeus ou não iam até os cristãos para serem libertos no nome de Jesus Cristo, morto e

⁸⁶ CIC 77.

⁸⁷ "Patrologia" in Eicher, Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia. 1993, p.644

ressuscitado, com isso os cristãos ganham notoriedade como aqueles em que o seu deus tem o poder sobre o mal.

Cristo nasceu por vontade do Pai para a salvação dos crentes e reina dos demônios. Podeis convencer-vos mediante o que vedes com os vossos olhos. Em todo o universo e na vossa cidade (Roma) existem numerosos endemoninhados que os outros exorcistas, encantadores e magos, não conseguiram curar. Muitos de nós cristãos, pelo contrário, ordenando-lhes em nome de Jesus Cristo, crucificado sob Pôncio Pilatos, curámo-los reduzindo à impotência os demônios que os possuíam.⁸⁸

Registros de Tertuliano, Cipriano e outros, insistem na prática do exorcismo como um processo que dá continuidade ao rito do batismo, sempre foi distinto os dois ritos, mas sempre se compreendeu a relação estreita que havia entre os dois. Aquele que nasce para a vida nova é liberto das investidas de satanás, isso é visível até hoje nas promessas batismais que se renovam a todo ano. A prática do exorcismo no início do cristianismo provavelmente deve ter influenciado a formação da profissão de fé, ou está intimamente ligada a ela. Existe um grande valor as palavras do rito do exorcismo que se tem registro, elas trazem consigo uma grande carga dogmática:

Todo e qualquer demônio a quem se dê uma ordem em nome do Filho de Deus – gerado antes de toda a criatura, que nasceu de uma Virgem, fez-se homem submetido ao sofrimento, foi crucificado pelo vosso povo sob Pôncio Pilatos, morreu, ressuscitou dos mortos e subiu aos céus – todo e qualquer demônio, digo ordenado em força deste nome é derrotado e subjugado.⁸⁹

Os estudos sobre como cristãos dos primeiros séculos abordavam a demonologia e como era realizada a prática do exorcismo, não é muito acessível. Além do que, hoje existe uma grande dificuldade de considerar os fatos do passado, quando estamos numa geração pós iluminismo, idealismo e vive o atual discurso científico que quer dar resposta à tudo sobre o crível da experiência. O famoso jargão, aquilo que é comprovado cientificamente. Por isso, é muito importante que tudo esteja em consonância com o Novo Testamento, já que é difícil de se imaginar uma ruptura brusca de pensamento em tão curto espaço de tempo, entre o período apostólico e os três primeiros séculos do cristianismo.

⁸⁸ AMORTH, Gabriele. *Exorcistas e psiquiatras*. São Paulo:Paulus Editora, 2004, p. 16

⁸⁹ *Ibidem*, p. 17.

2.4.1. Santo Irineu de Lion

Nomes como de Santo Ambrósio, São Jerônimo e Santo Agostinho assim como também os orientais São Basílio e São Gregório ilustram bem a riqueza deste período. Pairando bem sobre o início da era patrística, nos situamos em 177, Santo Irineu de Lião. Foi um dos primeiros grandes doutores da Igreja, organizando um conjunto da doutrina cristã.

Irineu sucede Fotino, morto como mártir durante a perseguição, cujo relato temos na carta dos mártires de Viena e Lião a seus irmãos da Ásia. Desde cedo ele se dispõe à evangelização e ao combate ao gnosticismo. Por volta dos anos 190-191, ele intervém junto ao Papa Vítor para exortá-lo a propósito da controvérsia pascal e diante dos bispos da Ásia, para que tenham sentimentos de paz.⁹⁰

Os padres da Igreja, para instruir os fiéis no combate espiritual, condenarão as práticas do paganismo na magia e práticas ritualistas que invocavam deidades. Neste contexto Santo Irineu fará uma catequese sobre a cena da criação, trabalhando a perspectiva do mal. Santo Irineu discorre sobre a criação de forma natural, acentuando a beleza da criação que manifesta a grandiosidade divina e que o homem poderia gozar de tudo aquilo livremente. Tudo aquilo estava a serviço dele, antes mesmo dele ser criado. Contudo, Santo Irineu fala de uma infância sobre o homem criado. Ele relata que no mundo criado os anjos do Senhor estavam a serviço do homem. Numa oportunidade um dos servos aproveitou a ausência de Deus para enganar e se tornar chefe dos anjos.

Fez o homem dono da terra e como não é, segredo fez mestre dos servos que estavam lá. Estes foram em pleno desenvolvimento, enquanto que o proprietário, ou seja, o homem, que era pequeno, porque era criança e tinha que crescer e chegar a idade adulta. Então você abrigou e se desenvolveu com alegria e júbilo, ele estava preparando um lugar, o melhor deste mundo, favorecido pelo ar, beleza, luz, alimentação, plantas, frutas, água e todas as outras necessidades da vida. Este lugar é chamado de Jardim. Tão bonito e relaxante foi o Jardim que a palavra de Deus foi lá regularmente, eu estava andando e que ele teve com o homem renunciando o que iria acontecer no futuro, que seria seu concidadão e teria falado com ele e viveu com os homens ensinando-lhes justiça. Mas o homem era uma criança, e seu senso de discricção ainda não tinha desenvolvido. Foi tão facilmente seduzido pelo sedutor.⁹¹

⁹⁰FIGUEIREDO, Fernando Antônio, o.f.m, *Curso de Teologia Patrística: A vida da Igreja Primitiva (Séculos I e II)*, Própolis (RJ): Vozes, p. 135

⁹¹Fatto l'uomo padrone della terra e quanto vi si trova, segretamente lo fece padrone dei servi che vi erano. Questi erano nel pieno sviluppo, mentre il padrone, cioè l'uomo, era piccolo, perchè bambino e doveva

O desenvolvimento do pecado original com Santo Irineu vai além da concepção da cena canônica de que pela acolhida da mulher ao fruto proibido o pecado entrou no mundo e o homem foi expulso do paraíso. Entenda, Santo Irineu não contradiz o que está presente nas Sagradas Escrituras, pelo contrário ele é profundo sobre esta cena, deixando bem claro como foi a sedução da serpente. A começar pela própria serpente, que ele diretamente relaciona como um ser espiritual. Um ser espiritual que conviveu com a humanidade e a seduziu, não meramente pela oferta de um fruto proibido, mas por uma campanha, que foi realizada neste convívio. Santo Irineu desenvolve o pecado original dentro da transcendência da vontade, do querer de Deus na vida do homem. Este anjo se torna aqui chefe e guia de todos aqueles que estão expulsos do jardim de Deus. E com isso, num jardim que não suporta a transgressão da vontade de Deus, expulsa o homem, pois nele há o pecado.

Como foi mencionado sobre a missão dos padres da Igreja, era livrar o povo das práticas pagãs. Já que pelo pecado original, fora da companhia de Deus, os filhos dos homens se relacionaram com os filhos de Deus. (cf. Gn 6,2). É justamente nessa relação que se propaga as práticas ocultistas ligadas a poderes através de plantas e ervas, poções mágicas e etc. Para Santo Irineu os anjos expulsos do jardim tiveram relações com as mulheres assim nasceram os Gigantes que o livro do Gênesis menciona. Nessa relação os anjos pervertidos ensinaram porções, magias e ritos que Deus abomina.

Em seguida, esses anjos deram como presentes para suas mulheres perversa: em marcados os seus poderes de plantas e ervas e Casa Mãe, os corantes de arte e cosméticos, a descoberta de substâncias valiosas, as poções mágicas, ódios, amores, paixões, as seduções do amor, cadeias mágicas, todos os tipos de adivinhação e idolatria que Deus odeia. Uma vez no mundo, o mal tráfico inchou e transbordou, enquanto a justiça cônico e diminuto⁹².

crescere per arrivare allo stato adulto. Affinchè si nutrisse e si sviluppasse com gioia e letizia, gli fu preparato un posto, migliore di questo mondo, privilegiato per l'aria, la bellezza, la luce, il cibo, le piante, i frutti, le acque e per tutte le altre cose necessarie ala vita. Questo luogo si chiama Giardino. Così bello e riposante era il Giardino che il verbo dio Dio vi si recava habitualmente, vi passeggiava e si intratteneva con l'uomo prefigurando quello che sarebbe accaduto in futuro, cioè che sarebbe stato suo concittadino e avrebbe conservato con lui e dimorato com gli uomini insegnando loro la giustizia. Ma l'uomo era bambino e il suo senso dela discrezione non era ancora sviluppato. Così venne facilmente ingannato dal desuttore. (BIBLIOTECA Patrística, Il Diavolo e i suoi angeli. pag. 202)

⁹² Allora questi angeli diedero in regalo alle loro donne dottrine perverse: in segnarono loro i poteri delle piante e dlle erbe, l'arte delle tinture e dei cosmetici, la scoperta delle sostanze preziose, i filtri magici, gli odi, gli amori, le passioni, le seduzioni d'amore, le catene magiche, ogni genere di divinazione e di idolatria

Assim, Santo Irineu na sua catequese sobre o combate contra o mal, ele vai dizer que a vocação cristã tem como missão voltar a originalidade da criação. Originalidade “roubada” pela serpente, com isso ao dizer que deve voltar a originalidade não é nada mais que cumprir a sua vocação de eternidade, a perfeita relação com Deus. O maligno leva à morte e Deus criou o homem para a eternidade, vida eterna. “O homem foi feito pelas mãos de Deus, que tomou a terra mais pura, a terra virgem, ainda não irrigada pela chuva nem trabalhada por ninguém”⁹³.

Os relatos patrísticos dos primeiros séculos nos fala das conquistas espirituais dentro de uma catequese ricamente teológica. O poder do mal não é menosprezado, contudo a experiência da ressurreição de Cristo e o seu senhorio é o maior poder que o cristão pode ter.

2.4.2 Tertuliano

Mesmo que não seja um unânime nome da patrística, é importante mencionar Tertuliano. A polêmica está no fato de que sendo um escrivão, Tertuliano não seria um pai da igreja, mas seria somente um compilador eclesiástico. Aqui não importa essa discussão. Importa o que conseguimos com esta figura de grande importância.

Uma das características de Tertuliano é a sua rigidez, mais especificamente sua rigidez no agir da fé. Se ele já era uma figura polêmica em seu tempo, não seria diferente nos dias presentes. O agir da fé para Tertuliano, exige uma adesão total, não se tolera brechas para o mundanismo.

Em 197, Tertuliano publicava a sua mais importante obra apologética, o *Apolgeticum*, defesa dos cristãos pelas várias acusações que lhes foram imputadas. Endereçada aos magistrados, responde à acusação levantada contra o nome de cristão e à acusação feita aos cristãos de imoralidade. Tertuliano inverte a questão e apresenta a acusação contra os pagãos, ressaltando a imoralidade tanto na religião como no modo de vida deles.⁹⁴

che Dio detesta. Una volta entrati nel mondo, i traffici malvagi ingrossarono e strariparono, mentre si assottigliava e diminutiva la giustizia. (BIBLIOTECA Patrística Il Diavolo e i suoi angeli. pag. 203)

⁹³ Irineu de Lião. *Dicionário de mística*, 1998 pag 554.

⁹⁴ FIGUEIREDO, Fernando Antônio, o.f.m. *Curso de Teologia Patrística: A vida da Igreja Primitiva (Séculos I e II)*, p. 51.

Tertuliano assumirá um combate direto contra a idolatria. O modo que ele concebe este embate contra o paganismo e os idólatras é o que fundamenta a rigidez de sua fé, que na atualidade seria tratada como fanatismo religioso. A razão está somente na Igreja, razão que se entende como verdade, tudo isso em confronto contra os hereges.

Em situações particulares, Tertuliano acreditava que, mesmo antes de abordar o debate sobre a comparação doutrinária com os hereges sendo necessário mostrar se eles têm qualquer direito sobre as Escrituras. O Tertuliano posição eche Escritura legitimamente pertence apenas à Igreja Católica, a única além de ser o guardião da doutrina apostólica.⁹⁵

O raciocínio de Tertuliano é que Cristo fundou a Igreja e deu legitimamente poder aos apóstolos. Então com a ascensão de Cristo, os apóstolos se tornam a maior autoridade neste mundo. Assim, não há autoridade legítima que não tenha sido dada pela igreja ou que não esteja ligada a igreja. Tertuliano, vai combater os hereges utilizando da composição da Igreja na sua hierarquia e sacramentos.

Neste combate, Tertuliano se valerá de uma mentalidade pagã, já presente na filosofia grega, da existência de um ser espiritual, uma espécie de guardião da sorte, realidade que Tertuliano vai acusar. Dizendo que claramente isso não remete à Deus, pois não pertence aos instrumentais da edificação do Reino de Deus.

E também afirmamos que existem algumas substâncias espirituais. Não se trata de um novo nome: os filósofos conhecem (os demônios), o próprio Sócrates estava esperando pelo seu demônio para manifestar a sua vontade. Por que não? Diz-se que um demônio, que, que o persuadi desde pequeno.

Todos os poetas conhecem e as pessoas, mesmo ignorantes usa os constantemente quando lançam maldições. Eles invocam, com base em uma intuição espiritual, até mesmo o nome de Satanás, o príncipe da linhagem do mal. Com as mesmas expressões. Também Platão admitiu a existência de anjos. Os magos atestavam a existência de uma ou de outra. Mas nas Escrituras antes de lermos a história de como um grupo de anjos corruptos surgiu voluntariamente uma corrida ainda mais corrupto de demônios e como ele foi ordenado por Deus com os seus príncipes e o príncipe que eu mencionei⁹⁶.

⁹⁵ Nel caso particolare, Tertulliano ritiene che prima ancora di affrontare il dibattito sul confronto dottrinale con gli eretici sia necessario dimostrare se essi abbiano un qualche diritto sulle Scritture. La posizione di Tertulliano è che le Scritture appartengono legittimamente soltanto alla Chiesa cattolica, l'unica inoltre ad essere depositaria della dottrina apostolica. (Il diavoli e i suoi angeli, tertulliano, p 307)

⁹⁶ Ed anche noi affermiamo che ci sono alcune sostanze spirituali. Non si tratta neppure di un nome nuovo: i filosofi conoscono (i demoni), lo stesso Socrate attendeva che il suo demone manifestasse la sua volontà.

Tertuliano está falando do *daimonion*, justamente este ser não corpóreo que acompanha as pessoas. Na cultura grega, não há uma conotação nefasta, uma ideia de que este ser seja um ser mau que faz o mal. Um ser que acompanha as pessoas e assim se espera uma sorte pela sua companhia.

As primeiras referências, ou melhor, as mais famosas se encontram nos textos socráticos. No processo de acusação promovido contra Sócrates, se argumentam que, por daimons, entidades divinas, Sócrates infestava a sociedade e contaminava a juventude com o seu discurso. Observe:

Entre as acusações contra Sócrates estava também a de que era culpado “de introduzir novos *daimónia*”, novas entidades divinas. Em sua *Apologia*, Sócrates diz o seguinte a propósito da questão: “A Razão (...) é aquela que muitas vezes e em diversas circunstâncias ouvistes dizer, ou seja, que em mim se verifica algo de divino e demoníaco, precisamente aquilo que Melito (o acusador), jocosamente, escreveu no seu ato de acusação: é como voz que se faz ouvir dentro de mim desde quando era menino e que, quando se faz ouvir, sempre me detém de fazer o que estou a ponto de fazer, mas que nunca me exorta a fazer. ” Portanto, o *daimonion* socrático era “voz divina” que lhe vetava determinadas coisas: ele o interpretava como uma espécie de sortilégio, que o salvou várias vezes dos perigos ou de experiências negativas.⁹⁷

Não há uma única interpretação sobre este *daimon* que orientava Sócrates, seria a sua própria consciência? Estaria dentro de uma expressão irônica? Para Tertuliano este ser espiritual vai se configurar aos seres que longe da companhia de Deus, vão atormentar os homens. Quanto a isso, Tertuliano não vê estes seres espirituais semelhantes a anjos que auxiliam os homens, mas seres do mal. “Seu trabalho consiste na ruína dos homens; seu modo malicioso do ser espiritual desde o início tem-se centrado em destruir o homem”⁹⁸

Perché no? Si racconta infatti che un demonio, che lo dissuadeva senza dubbio dal bene, gli si fosse attaccato dalla fanciullezza.

Tutti i poeti li conoscono ed anche la gente ignorante li usa costantemente quando lancia maledizioni. Essa pronuncia, sulla base di un'intuizione propria dell'anima, anche il nome di Satana, principe di questa stirpe malvagia., con gli stessi accenti di imprecazione. Pure Platone ammise l'esistenza degli angeli. Gli stessi magi attestano l'esistenza degli uni e degli altri. Ma nelle antiche Scritture si legge il racconto di come da un gruppo di angeli volontariamente corrotti sia sorta una stirpe ancor più corrotta di demoni e di come sia stata condannata da Dio con i suoi capi e con quel principe di cui dicevamo. (Il diávonlo e o suoi angeli, Tertuliano p. 309)

⁹⁷REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da Filosofia vol. 1, São Paulo: Paulus, 1990. p.94

⁹⁸ Il loro operato consiste nella rovina degli uomini; pertanto la malizia spirituale fin dagli inizi si è dedicata a distruggere l'uomo (Il Diávonlo e Suoi Angeli, pág. 309)

Tertuliano tinha clareza que a primeira e grande arma contra as investidas dos seres espirituais, os demônios era o batismo. A assimilação completa do ser, do indivíduo com Deus é a forma, neste caso, o maior exorcismo que pode haver em alguém. Cumprindo a ordem em que Jesus deixa claramente como uma prioridade da missão apostólica (cf. Mc 16,15-18), o batismo está claramente associado ao poder de expulsar demônios e assim de se livrar dele.

Como Tertuliano trabalhava a comunhão eclesial, como regra de ouro, essa comunhão tinha sua raiz nos apóstolos, um gesto, um costume entre os cristãos precisava ter fundamento nas Sagradas Escrituras, os textos sagrados era a seta de direcionamento. Todavia, Tertuliano, não desconsiderava costumes que pudessem ser exercidos, mesmo sem respaldo bíblico. Contudo, precisava passar pelo crivo apostólico, ou seja, se se tinha conhecimento que os apóstolos assim agissem, seria lícito e quase um dever observar tal prática. Por exemplo, o batismo mesmo, sacramento originado em Cristo, assim como todos os demais e ordenado pelo mesmo que se batizassem. Porém, não havia um lugar estabelecido para isso, sendo que a matéria do batismo se encontra na água, foi se estabelecido lugares para o batismo, localizado no acesso a água. Assim, serão inseridos costumes que expressam a eficácia do batismo.

Em seu tempo, por ocasião do batismo, celebram-se diversas cerimônias que não são previstas na Sagrada Escritura, cerimônias oficiadas pelo bispo: a renúncia ao demônio, suas pompas e seus anjos.⁹⁹

Interessante mencionar que a renúncia “as pompas” provenientes do maligno, é uma expressão utilizada até hoje no ritual do batismo, na profissão de fé e assim na renovação das promessas batismais. As pompas estão ligadas à vaidade, luxúria, os prazeres e venerações mundanas já presentes na cultura romana.

Se São Cipriano (como veremos) defendia a unidade da Igreja, Tertuliano defendia a fidelidade as Sagradas Escrituras e aos apóstolos. Temos de um lado a necessidade da comunhão eclesial e do outro a comunhão com o agir da Igreja, sua fidelidade a Cristo. Podemos não ter um ritual de exorcismo estabelecido formalmente, mas não há como negar que já havia pontos

⁹⁹FIGUEIREDO, Fernando Antônio, o.f.m. *Curso de Teologia Patrística: A vida da Igreja Primitiva (Séculos I e II)*, p. 53.

fundamentais sobre o agir contra a ação do maligno. Os padres da Igreja construíram isso, unidade e legitimidade.

2.4.3. São Cipriano

No terceiro século do cristianismo, temos uma grande figura, que ficou conhecida por sua apologia da unidade dos cristãos, a unidade da Igreja. São Cipriano trabalhará pontos da catolicidade da Igreja, como a sua unidade e o agir do sacerdote como pessoa de Cristo. Esses pontos são extremamente importantes dentro da formulação do ritual do exorcismo que ainda não existe como rito regrado, ou fórmula universal. O que se sabe é que desde o princípio, os que possuíam a vocação de libertar os espíritos impuros faziam na comunhão com os seus bispos, já que imitavam os seus superiores que assim também realizam.

São Cipriano é o grande apologista da doutrina sacramental da Igreja que é consequência do grande trabalho que ele apresentava sobre a unidade da mesma. “Poncio, dâcono de Cipriano, escreve a vida do bispo de Cartago. Com este relato, pode-se dizer, ele cria a biografia cristã.”¹⁰⁰ Poncio, o biógrafo de Cipriano fala de muitas obras deste santo, treze especificamente, contudo, o que se tem acesso até hoje são somente de onze. São obras todas elas muito ricas, que falam sobre o sacerdócio os famosos pontos de sua doutrina que já foi mencionado.

Lê-se no tratado sobre a oração: <O povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo>. Seguindo um pensamento de Tertuliano, Cipriano concebe a Igreja como procedendo de Deus (*de divina firmitate venientem*) e participando da forma unitiva de Deus mesmo (*sacramentis caelestibus cohaerentem*). A Igreja se apresenta assim como a imagem da Santíssima Trindade. Ela é o povo reunido graças a esta comunicação da unidade da Trindade¹⁰¹.

É herança de São Cipriano a dimensão da unidade da Igreja na pessoa do bispo, onde está o bispo ali está a Igreja. Essa unidade é principalmente caracterizada na eucaristia e na liturgia. Essa realidade possui peso no rito do exorcismo até hoje, já que sem a unidade do ministro com o seu bispo, não há

¹⁰⁰ FIGUEIREDO, Fernando Antônio, o.f.m, *Curso de Teologia Patrística: A vida da Igreja Primitiva (Séculos I e II)*, pág. 57.

¹⁰¹ *Idem* pág. 60

vitória do bem sobre as influências do mal. É a famosa realidade do reino dividido que não resiste em pé (cf. Mc 3,24). Também muito importante será seus ensinamentos sobre a Eucaristia, pois o ministro é aquele que faz o mesmo que Cristo fez, agindo na pessoa de Cristo (*in persona Christi*).

Estar em união com o bispo, para Cipriano, quer dizer estar unido à Igreja; separar-se dele, ou pior, criar outro bispo em seu lugar, é romper a unidade da comunidade cristã. Pôr-se, pois, fora da unidade da Igreja é expor-se a perder a fé, portanto, a perder-se porque fora da Igreja não há salvação. Da realidade unitária, surgida no batismo, entre Deus e a Igreja, é que deriva, para o bispo de Cartago, a disparidade de fé entre os hereges e os outros cristãos.¹⁰²

Com isso começamos a traçar o início do que possamos chamar de um itinerário para a realização do ritual do exorcismo. A simbologia é muito importante, como veremos nos relatos presentes nas cartas de São Cipriano.

Se alguém está chocado com o fato de que alguns daqueles que foram batizados durante uma doença, ainda estavam presas aos espíritos imundos, para saber que a maldade do diabo permanece obstinado à água saudável, mas que no batismo perde todo o veneno de sua maldade¹⁰³.

A simbologia da água está presente desde o início do cristianismo, a verdade é que a importância da água no desenvolvimento da fé, está presente desde as Sagradas Escrituras. São Cipriano se apoia em São Paulo para falar da água do Mar Vermelho que se abriu na famosa passagem do Êxodo.

Um exemplo é que o rei Faraó, muito relutante descrente e teimoso, poderia resistir e vencer somente contanto que ele veio para a água: uma vez que chegar lá, você foi derrotado e destruído. O bem-aventurado Apóstolo Paulo diz que o mar era o símbolo do batismo: Eu não quero, irmãos, que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, todos passaram pelo mar e todos foram batizados em Moisés, tanto na nuvem, tanto em mar¹⁰⁴.

Temos então com clareza a água com o seu valor sacramental, via de santificação. Quando olhamos para o tempo presente, tempos em que

¹⁰² “Cipriano”, *Dicionário de Mística*. 1998 p. 225

¹⁰³ Se qualcuno è sconcertato dall fatto che alcuni di quelli che venivano battezzati durante un malattia, erano ancora preda degli spiriti immondi, sappia che la malvagità del diavolo persiste ostinata fino all'acqua salutare, ma che nel battesimo perde tutto il veleno della sua malvagità. (BIBLIOTECA Patrística Il Diavolo e i suoi angeli. P. 341)

¹⁰⁴ Ne è un esempio il re Faraone che, a lungo riluttante e ostinato nell'incredulità, potè resistere ed avere la meglio soltanto finchè giunse all'acqua: una volta arriavotovi fu vinto e distrutto. Il beato apostolo Paolo afferma che quel mare è stato il simbolo del battesimo: Non voglio che voi, fratelli, ignoriate che tutti i nostri padri furono sotto la nuvola, tutti attraversarono il mare e tutti furono battezzati in Mosè, sia nella nuvola, sia nel mare. (Idem)

possuímos um rito de exorcismo pronto e estabilizado universalmente, corremos o risco de desconsiderar pontos que podem ser considerados como de menor importância. Contudo, conhecendo o forte apelo de comunhão que São Cipriano defende. Constatamos que por exemplo, o uso da água benta dentro do rito, já faz parte das prerrogativas da Igreja contra o demônio. Presente na ação dos bispos e que os cristãos em comunhão com o seu pastor, mantiveram até hoje.

Uma característica muito forte na demonologia presente nos santos padres é a manifestação do fantasioso, não inventado, mas fantasiado. Também se deve ao uso dos apócrifos, que estava muito presente na época. Essa realidade vai ser modificada, já pelo século IV, quando os apócrifos serão abandonados, os padres caminharão seguindo firme com os textos canônicos. Assim, nesse período, a patrística já se purificava das fantasias acerca dos seres espirituais e já se construía uma base sólida sobre a teologia destes seres. Aqui já se pode afirmar uma teologia sólida sobre o demônio, que vigora até hoje.

Uma coisa que não levanta dúvida nos ensinamentos dos Santos Padres é que os demônios são criaturas de Deus que se revoltaram contra Ele. Isto era já ponto assente pela Sagrada Escritura, mas os Padres têm que voltar frequentemente a este ponto para se defenderem do maniqueísmo dos primeiros séculos.¹⁰⁵

Vale a pena a menção de que à partir do século III o cristianismo já não é a religião perseguida como clandestina, está definitivamente claro que não é uma ramificação do judaísmo e o paganismo já não é uma realidade tão presente como está nos tempos bíblicos. Nesse período se destaca São Martinho de Tours que inicia a vida monástica e recebe popularidade por ser responsável pela conversão dos invasores bárbaros e claro pela sua prática de exorcista. A vida monástica dará grande impulso para as atividades exorcistas entre os séculos III ao século VI.

Os primeiros monges, como por exemplo, Antão, Pacômio, Hilário, não se retiram para o deserto para fugirem do mundo, mas para combaterem o demônio que, segundo antiga tradição, tem no deserto a sua morada preferida.¹⁰⁶

A vida ascética, de jejum e oração é a arma contra os demônios, a imitação de Jesus que venceu as tentações de satanás no deserto, os monges

¹⁰⁵ SAYÉS, António José. *O Demônio Realidade ou Mito?*. Portugal: Paulus, 1999 p.61

¹⁰⁶ AMORTH, Gabriele. *Exorcistas e psiquiatras*. São Paulo:Paulus Editora, 2004, p. 19

serão os combatentes diretos contra os espíritos impuros que querem perder as almas.

2.4.4. Santo Agostinho

Vai ser na fase áurea da Patrística que se formulará o chamado pecado dos anjos. A teologia patrística fundamentará que antes da queda, do pecado original, há uma queda que antecede a queda dos homens, a queda angélica.

Essa reflexão é muito importante, já que contemporâneo a Santo Agostinho, nos embates contra o Maniqueísmo, a mentalidade de um deus mal, um deus paralelo ao Deus de Israel, estava muito presente no consciente até mesmo dos cristãos.

Portanto, tudo o que existe é bom; e o mal, cuja origem eu procurava, não é uma substância, porque se o fosse seria um bem. De fato, ou ele seria substância incorruptível, e portanto um grande bem; ou seria uma substância corruptível, que se não se poderia corromper se não fosse boa.¹⁰⁷

Trabalhando a dimensão de que um mal absoluto não poderia se auto criar, fica notável a fundamentação teológica dos seres criados bons que se corromperam. Uma grande questão que surgiria após entender que houve um pecado angélico, seria a natureza deste pecado. A soberba, sempre esteve na concepção dos padres da Igreja, como motivo da queda dos anjos. Contudo, associavam essa soberba pela prática da luxúria, especificamente na cena de Gênesis, a relação dos filhos de Deus com as filhas dos homens (cf. Gn 6,4). O problema é que esta cena é posterior a criação do homem e o que se sabe é que o pecado dos seres espirituais antecede o pecado original.

Por isso se vai impondo entre os Padres uma segunda teoria que explica o pecado dos anjos relativamente à dignidade concedida por Deus ao homem. Alguns anjos, dizem, tiveram inveja do homem e recusaram reconhecer e reverenciar nele a imagem de Deus. Assim se explicam Ireneu, Tertuliano, Cipriano, Gregório de Niza e Santo Agostinho, entre outros¹⁰⁸.

Isso não anula também a recusa do servir dos anjos ao Filho do Homem que assume a dignidade da criatura. A ideia de que os anjos tentavam ser como

¹⁰⁷ AGOSTINHO, Santo. *Confissões* 7,12. São Paulo: Vozes, 2004.

¹⁰⁸ SAYÉS, António José. *O Demônio Realidade ou Mito?*. Portugal: Paulus, 1999 p.62

Deus, também é o pensamento presente Orígenes, Ambrósio e Agostinho. Entende que isso estava muito claro nas palavras da Serpente para mulher: “Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal” (Gn 3,5).

Orígenes, vai chamar o demônio de anjo apóstata¹⁰⁹ que influenciou toda uma legião a seguir o seu caminho apostático. Contudo, temos em Orígenes uma perspectiva da redenção de Cristo, que se torna no mínimo algo muito interessante. A dimensão de que a Paixão de Cristo não se torna um sacrifício ao Pai, meramente, mas também uma reparação a uma espécie de dívida com o demônio.

Com Santo Agostinho teremos uma reflexão ampla sobre a origem do mal e a sua influência. É de se imaginar que graças a vida de pecado que Santo Agostinho admite que viveu, ele precisará sanar os males que por ele mesmo foi propagado. Aqui pode se valer da máxima paulina “mas onde avultou o pecado, a graça superabundou” (Rm 5,20).

Antes da sua conversão ao cristianismo Santo Agostinho foi um grande expoente da doutrina maniqueísta.

Aos dezenove anos (373), Agostinho abraçou o maniqueísmo, que parecia oferecer-lhe ao mesmo tempo uma doutrina de salvação no nível racional e um espaço também para Cristo. O maniqueísmo, uma religião herética fundada pelo persa Mani no século III, implicava: 1) vivo racionalismo; 2) um marcado materialismo; 3) dualismo radical na concepção do bem e do mal, entendidos não apenas como princípios morais, mas também como princípios ontológicos e cósmicos¹¹⁰.

O maniqueísmo explicitava em sua doutrina dois deuses, um deus bom e um deus mau. No maniqueísmo esses deuses são visualizados no Antigo Testamento e no Novo Testamento bíblico. Associando o deus mau ao Antigo Testamento e o deus bom para o Novo Testamento. Os dois seriam deus, não deuses na concepção divina grega, mas dois seres coeternos. Assim a

¹⁰⁹ A Apostasia é o ato deliberado de renunciar a sua fé, Orígenes assim o chama, por ter renunciado ao senhorio de Jesus Cristo. Conforme, Originis De Principiis. De diabolô quoque et angelis eius contrariisque virtutibus ecclesiastica praedicatio docuit quoniam sint quidem haec, quae autem sint vel quomodo sint, non satis clare exposuit. Apud plurimos tamen ista habetur opinio, quod ângelus fuerit iste diabolôs, et apostata effectus quam plurimos angelorum secum declinare persuaserit, qui et nunc usque angeli ipsius nuncupantur. (BIBLIOTECA Patrística *Il Diavolo e i suoi angeli*. p. 354)

¹¹⁰ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia* vol. 1, São Paulo: Paulus, 1990. p.430.

explicação maniqueísta sobre a existência do mal se dá pela existência de um deus mal.

Na conversão de Agostinho, ele se depara com um problema, ele que influenciou tantas pessoas doutrinando-as sob a estrutura maniqueísta, precisava agora dar uma “satisfação” à tantas pessoas que ele tenha lesado com a falsa doutrina. Então, explicar o mal, sua existência e o seu agir, será um ponto necessário na sua vida pastoral e um ponto essencial dentro das obras agostinianas.

Santo Agostinho explica que o mal não é uma substância (pois toda substância criada por Deus é boa), mas uma deficiência que existe nos seres criados. É a privação de um bem devido que, como privação, acontece em algo que por si só é bom. Assim, o demônio foi criado bom. Era um anjo bom que prevaricou com o seu pecado. Tornou-se mau, portanto, por causa do mau uso que fez da sua liberdade.¹¹¹

Claro que a definição do mal em Santo Agostinho, não ficou somente na expressão de ausência do bem. Ele dedica uma obra completa a este assunto: *De Libero Arbitrio*. Santo Agostinho fala da vontade, liberdade e enfim a origem do mal. Dizer que o mal é ausência de bem, como se toda a reflexão de Santo Agostinho pudesse ser condensada nessa frase, é empobrecer a profunda reflexão que o bispo de Hipona realiza. Santo Agostinho analisa o mal na esfera metafísica, moral e física. Quando Santo Agostinho faz a afirmação sobre a ausência do bem, ele não tem desejo de limitar o assunto no campo filosófico, como o mal existindo e surgindo somente por privação do ser. Por isso a sua reflexão é profunda. Por exemplo, a compreensão do mal moral:

Já o mal moral é o pecado. E o pecado depende da má *vontade*. E a má vontade depende do quê? A resposta de Agostinho é bastante engenhosa. A má vontade não tem uma “causa eficiente”, mas, muito mais, uma “causa deficiente”. Por sua natureza, a vontade deveria tender ao Bem supremo¹¹².

Isso é uma pequena parte da profunda reflexão de Santo Agostinho a respeito do mal. E como Santo Agostinho não esgotou este assunto, nem poderia por tamanha complexidade, a existência do mal suscita até hoje calorosos debates. Assim, o problema do mal é confrontado em Cristo, não porque a

¹¹¹SAYÉS, *O Demônio, Realidade ou Mito?*, p.61

¹¹²REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia* vol. 1, São Paulo: Paulus, 1990. p.455 .

crisologia dá uma resposta a este assunto, mas porque em Cristo o mal é superado, já que não pode vencer.

Que o sentido e a obra do Espírito que continua no mais profundo de nós mesmos a presença de Deus, que Jesus viveu diante de nossos olhos, não passam e que nos é prometida uma insondável criação de vida, para além de uma morte indubitável? Que a amizade iniciada por Deus aqui no mundo entre ele e nós não se romperá, que Deus se lembra de todos que ele ama e não é demasiadamente fraco para chama-los à vida junto de si? Com isso não se explica o mal, mas apenas se diz que permanece aberta uma porta de esperança – apesar do mal.¹¹³

A riqueza da patrística deixou claro a compreensão do Demônio. Um anjo decaído que atua na aniquilação do ser humano. Opositor, antagonista da criação, é derrotado em Cristo. E o papel da Igreja da continuidade na edificação do Reino dos Céus e na derrota contra as investidas de Satanás.

Os Padres da Igreja estavam conscientes de que o exorcismo não era um bem somente ao indivíduo exorcizado, mas a toda a sociedade que vivia sob o paganismo, idolatria e a imoralidade. Assim se concebia o mundo: “Nós sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro está sob o poder do Maligno” (1Jo 5,19)

2.5 Magistério

No desenvolver da história da Igreja e ainda sobre os influxos do maniqueísmo. Grupos que não mantiveram a sua comunhão eclesial e que foram devidamente afastados, influenciaram grupos e cristãos que acreditavam que o mal possuía uma essência paralela a essência divina de Deus. O perigoso dualismo, em que Deus e o Demônio são semelhantes em essência e se diferenciam no seu agir, um para o bem e o outro para o mal. Nas influências dos albigenses, novacianos e dos cátaros tínhamos o catarismo.

A doutrina Cátara baseava-se no dualismo que apresenta Deus e Satanás como dois princípios incriados e de igual essência. Deus seria o criador dos seres espirituais bons, enquanto que Satanás seria também um princípio incriado do mal e teria criado a matéria em todas as suas formas. Os demônios e os anjos não teriam, portanto, liberdade própria, já que teriam sido criados maus e bons pelo princípio do mal e pelo princípio do bem. Satanás não teria sido criado por Deus no sentido verdadeiro e absoluto¹¹⁴.

¹¹³ "Mal" in Eicher, *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. 1993, p. 524

¹¹⁴ SAYÉS, *O Demônio, Realidade ou Mito?*, p.73

A Igreja já possuía clareza sobre a compreensão de que o demônio e os seus anjos são criaturas, sempre os foram. Todavia, com o forte crescimento de mentalidades heréticas e que se propagava como real, o Papa Inocêncio XIII no IV Concílio Ecumênico manifesta de forma dogmática a compreensão da fé.

Creemos firmemente e confessamos sinceramente que um só é o verdadeiro Deus eterno e incomensurável, imutável, incompreensível, onipotente e inefável, Pai e Filho e Espírito Santo: três pessoas, mas uma só essência, substância ou natureza absolutamente simples. O Pai não provém de ninguém, o Filho só do Pai, o Espírito Santo de modo igual de um e de outro, sempre sem início e sem fim..., único princípio do universo, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, espirituais e materiais, que com sua força onipotente desde o princípio do tempo criou do nada uma e outra criação: a espiritual e a material... Pois o diabo e os outros demônios foram criados por Deus naturalmente bons, mas por si mesmos se transformaram em maus. Já o homem pecou por sugestão do diabo¹¹⁵.

2.5.1. Ministérios menores

Agora firmemente expressado a doutrina da Igreja, vamos perceber que pela delicadeza do assunto, será através dos concílios que a demonologia será estabelecida com um campo seguro de estudos, livrando-se assim das especulações que sempre estiveram presentes no decorrer dos tempos.

Por volta do século IV, é organizado de forma canônica as primeiras linhas do rito do exorcismo, pois desde então já se encontrava no meio do povo aqueles falsos exorcistas que se utilizavam desta prática para ludibriar de alguma forma os fiéis e se aproveitarem desta situação. “O *Sínodo Romano*, que se realiza durante o pontificado do Papa Silvestre, nomeia os exorcistas entre as ordens menores. É a tendência, em parte devida ao direito romano, de querer regularizar todos os âmbitos.”¹¹⁶

Esses ministérios eram conferidos a leigos, homens de boa fama que na comunidade sempre exerciam a caridade e estavam a serviço das atividades litúrgicas. Com o documento *Ministeria Quaedam*, o Papa Paulo VI suprimiu as ordens menores. Assim houve o pensamento de que se perdia uma grande arma contra as ações de satanás, mas não era. Já que essa ordem era um sacramental criado pela Igreja e não um sacramento.

¹¹⁵ Denzinger, *Compêndio dos símbolos*, DH, 800.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 20

A ordem menor do exorcistado era uma benção que a Igreja dava através de um rito litúrgico, no qual se pedia a graça de Deus para exercer esse ministério. Então, embora tivessem recebido essa ordem menor, não poderiam exercer esse ministério sem a permissão do seu bispo.¹¹⁷

Interessante frisar que essa é uma realidade ocidental, já que no oriente se concebe a prática do exorcismo como uma prática carismática, em que recebia da Igreja o apoio aquele que quisesse seguir por este apostolado, no oriente seguirá a linha carismática. No ocidente com o Papa Inocêncio I a prática do exorcismo será limitada à autoridade dos bispos.

A regularização canônica da prática do exorcismo e a sua limitação à autoridade do Bispo, não visa à manipulação deste sacramental, mas o desejo de preservar este bem dos mal-intencionados. “Ninguém pode legitimamente fazer exorcismos em possessos, a não ser que tenha obtido licença peculiar e expressa do Ordinário local.”¹¹⁸

Isso não resultou na limitação do Espírito Santo, como se isso fosse possível, tanto que a história com o testemunho dos santos mostra que essas pessoas sem possuírem o ministério de exorcistas realizaram verdadeiros exorcismos. Alguns grandes exemplos são: Santa Catarina de Sena, São João Bosco e São Pio. Temos agora clareza de que na história da Igreja tudo o que se referir a exorcismo, está ligado ao sacramental. Surge uma nova fase da história do exorcismo entre os séculos VI e XII.

É um período caracterizado por uma grande criatividade de fórmulas de exorcismos, de variada proveniência. Como fórmulas oficiais, ou oficiosas, encontramos pela primeira vez a fórmula para a ordenação do exorcista nos *Statuta Ecclesiae Antiquae*, do século VI.¹¹⁹

Este será um período longo, em que o exorcismo possui uma equilibrada prática pastoral, nele é reconhecido a sua eficácia no combate espiritual e na sua função evangelizadora. Contudo, os séculos que virão não darão continuidade a esse equilíbrio, já que entre os séculos XII e o XV, a prática do exorcismo entrará em crise devida ao que foi chamado “caça às bruxas”. A perseguição arbitrária a mulheres que por algum motivo tinha um caráter que não se encaixava com o que poderia ser descrito como costume da época.

¹¹⁷ FORTEA, José Antonio. *Summa Daemoniaca*. São Paulo: Palavra & Prece, 2010, n.122.

¹¹⁸ Código de Direito Canônico, cân. 1172.

¹¹⁹ AMORTH, Gabriele. *Exorcistas e psiquiatras*, p 22

Precisamente estas mulheres, que mais do que qualquer outra pessoa precisavam ser exorcizadas, são perseguidas e queimadas no fogo. Não posso deixar de referir Santa Joana D'Arc, considerada bruxa por motivos políticos, que nunca foi exorcizada e foi condenada à fogueira. É a ruína da justiça pastoral e jurídica, que faz perder a cabeça até aos mais responsáveis, que emanam disposições com consequências gravíssimas, porventura com a ilusão de, num primeiro momento, conseguir moderar as situações, regulando-as. Em 1252, Inocêncio IV autoriza a tortura contra os hereges; em 1326, João XXII autoriza pela primeira vez a inquisição contra as bruxas.¹²⁰

É interessante a reflexão de que um dos períodos mais turbulentos da Igreja é também um período que não se praticava os exorcismos. A Inquisição é acompanhada de guerras civis, divisão na Igreja, um clero imoral e doenças exterminadoras como a peste negra. O que se entendia por uma ação demoníaca era levada a purificação no fogo, claro tudo realizado sem os mínimos requisitos de prudência.

“Também é verdade que não podemos esquecer que cada fato histórico deve ser compreendido no contexto da mentalidade da época em que ocorreu. ”

¹²¹ Como o próprio padre Gabriele afirma, isso não irá legitimar os atos, mas será compreensível a sua motivação. Todavia, o pior ainda está a vir entre o século XVI ao XVII. Já não há prática de exorcismo, somente a prática de fanatismo.

É um fato consumado naquele tempo: onde já não se fazem exorcismos, o seu lugar passa a ser ocupado pelas perseguições; onde se fazem exorcismos, não há perseguições, embora o período seja o mesmo, a mentalidade também, e os problemas igualmente.¹²²

A batalha espiritual realizada no exorcismo é real, isso foi esquecido no período medieval, sabem da existência do demônio, mas não o combatem. Nos locais (poucos) que se mantiveram a prática do exorcismo, os homens não foram demonizados e mortos.

Mesmo em meio a escuridão medieval, houve algumas exceções em que a prática da condenação pela fogueira como única solução, foi substituída pela prática do exorcismo. Existe um caso devidamente documentado e que também é citado pelo padre Gabriele: o caso da irmã Joana Fery (1559-1620). Esta freira por um pacto satânico era verdadeiramente uma bruxa. Antes que a inquisição a encontrasse, monsenhor Luís de Berlaymont a encontrou primeiro. Foi

¹²⁰ *Ibidem*, p 23

¹²¹ *Ibidem*, p. 24

¹²² AMORTH, Gabriele. *Exorcistas e psiquiatras*. São Paulo: Paulus Editora, 2004, p24

necessário um longo tempo até a libertação total da freira das artimanhas de satanás que foi vencido pelo exorcismo e a situação não foi “resolvida” com a condenação da inquisição.

Só é pena que outros Bispos, embora doutos e santos, não tenham agido da mesma maneira. Refiro-me, por exemplo, a São Carlos Borromeo, que neste caso foi completamente vencido pela ideias do seu tempo: não deixa, no entanto, de ser um grande santo e um grande Bispo; a santidade não protege ninguém de ideias erradas.¹²³

Do século XVIII até a atualidade as perseguições inquisitórias cessaram, mas não foi substituída pela prática do exorcismo, algo como ideal para acontecer. As trevas dos séculos passados deixaram um peso muito grande na sociedade, causando uma aversão a tudo que se diz respeito ao demônio e aquilo que antes era satanizado, agora é ignorado. Isso fez com que se criasse um grande preconceito as forças do mal, preconceito que foi defendido pelo indiferentismo a respeito de exorcismo e seus afins. Sob uma visão espiritual, isso foi uma conquista do demônio que agora possui um tranquilo campo para atuar, não há inimigos para enfrentar, já que acreditam na sua inexistência.

De acordo com a experiência dos séculos, a Sagrada Escritura ensina à família humana que o progresso, um grande bem para o homem, traz consigo ao mesmo tempo uma tentação enorme. Com efeito, perturbada a hierarquia de valores e misturando-se o bem com o mal, os indivíduos e os grupos olham somente os próprios interesses e não os dos outros.¹²⁴

O avanço tecnológico, a industrialização e a era moderna, trazem consigo o que se chamará de cultura laica. Essa cultura como disseminadora de um indiferentismo ao sagrado e religioso atingirá os ambientes eclesiástico. Faculdades e até seminários serão influenciados direta ou indiretamente pelo pensamento que eleva o homem a categoria de autossuficiente e cada vez mais independente de Deus. Esse fenômeno será forte na Europa e somente na atualidade começará a atingir as Américas.

A cultura laica passou a estar dominada pela obra de desmitização dos racionalistas incrédulos, depois pela influência irônica e escarninha dos iluministas, e ainda pelos cientistas do século passado, que contestaram em bloco o cristianismo e a revelação. Para chegar, durante o século XX, ao materialismo histórico, ao ateísmo ensinado às massas pelo comunismo, ao consumismo do mundo ocidental.¹²⁵

¹²³ *Ibidem* p 26.

¹²⁴ CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Constituição Pastoral: Gaudium et Spes. n. 37, In Compendio do Vaticano II – Constituições Decretos e declarações. 29ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹²⁵ AMORTH, Gabriele. *Exorcistas e psiquiatras*. São Paulo:Paulus Editora, 2004, p 27

A fé do povo que já sofrerá os abalos das duras realidades da Idade Média, ficou abandonada, com isso buscou no ocultismo um apoio que correspondesse aos anseios. Não é verdadeira, a afirmação de que a Igreja desconsiderou o exorcismo de forma categórica, isso nunca aconteceu, mas sob a influência das culturas que tornava o homem o princípio das ações e reações do universo, assim como as práticas espirituais estavam sendo cada vez mais desconsideradas, o mesmo aconteceu com o exorcismo.

Com isso se aplicou a imagem do exorcista e do exorcismo uma realidade caricata, em que um é um mago ou poderoso personagem lúdico que realiza uma batalha espiritual que mais parece um folhetim hollywoodiano. A recuperação (mesmo que mínima) da imagem do exorcista que imita e obedece às ações de Cristo virá com o Concílio Vaticano II, não por abordar o assunto diretamente, mas por lembrar a realidade do mundo e a batalha que o homem travará com as forças do mal até os últimos dias.

Uma luta árdua contra o poder das trevas perpassa a história universal da humanidade. Iniciada desde a origem do mundo vai durar até o último dia, segundo as palavras do Senhor. (cf. Mt 13,26-43)¹²⁶

É importante ser frisado que os mais de 2000 anos de catolicismo, nunca houve sequer um só período em que o exorcismo não tenha sido praticado ou a sua eficácia tenha perdido o valor, acontece que houve períodos de profundas crises. E que nestes períodos ficou claro em que nos locais em que não havia exorcistas e tão pouco exorcismo, o homem era demonizado e morto. O demônio é uma realidade, verdadeiramente criado boa por Deus, mas que se perverteu por culpa própria, seu poder maléfico no homem perpassa sob a vontade de Deus e cabe ao poder eclesiástico que recebeu esse imperativo do Senhor Jesus, salvar as almas que por ele é atormentada.

A cultura laica e tudo que faz parte do processo de modernização do homem, como a ciência, desenvolvimento tecnológico e social produz o descrédito sobre todas as realidades espirituais. O exorcismo, é atingido por essa descrença, é papel da Igreja promover o exorcismo, com isso a preparação

¹²⁶ CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Constituição Pastoral: Gaudium et Spes. n. 37, In Compendio do Vaticano II – Constituições Decretos e declarações. 29ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

de exorcistas e ter consciência que essa é uma realidade e necessidade puramente pastoral que só tem a reconhecer a eficácia de Cristo e a Igreja sobre o reino de Satanás.

2.5.2 Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano Segundo inaugurará uma nova fase na Igreja, na sua história e na sua estrutura pastoral. Sim, o Concílio Vaticano II é um concílio de cunho pastoral e quando damos conta que é um concílio que fala sobre o combate às tendências e influências perigosas do mundo moderno, a ação do demônio foi trabalhada como há muito não se via. Fica visível quão grande era a necessidade de abordar e aprofundar este tema no seio da igreja. Um concílio que beberá muito dos primeiros padres, atesta que para falar sobre a edificação do Reino de Deus para o mundo moderno, se faz necessário confrontar aquele que sempre fez oposição a Deus.

Expressado na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, falando sobre a salvação aos não cristãos. A igreja já entende que aquela mesma sedução que a serpente promoveu na humanidade em sua criação, é um atentado constante na humanidade.

Por outro lado, muitas vezes, os homens, enganados pelo Maligno, se desvaneceram em seus pensamentos e mudaram a verdade de Deus em mentira, servindo à criatura mais que ao Criador (cf. Rom 1,21 e 25) ou, vivendo e morrendo sem Deus neste mundo, se expõem a condenação eterna.¹²⁷

A preocupação da Igreja sobre a salvação dos não cristãos, está ligada visivelmente a uma ação do maligno que sempre quer perverter a humanidade, afastando a criatura do seu criador. A dimensão de combate, luta espiritual é claramente assumida pelo concílio. Quando este mesmo documento, *Lumen Gentium* toma para si, juntamente com São Paulo, a necessidade do cristão de se revestir da graça para não sucumbir no embate contra o maligno¹²⁸.

O Concílio Vaticano II quer fazer com que a Igreja não esteja preza as paredes dos templos, mas que dialogue e atinja a todos. Porque as palavras do

¹²⁷ CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium* (LG). n. 42, In Compendio do Vaticano II – Constituições Decretos e declarações. 29ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹²⁸ Cf. LG, n.131.

concílio são dirigidas a todos, na mesma proporção que o mesmo entende que todos foram escravizados pelo demônio, pois feriu a humanidade, feriu o mundo.

O mundo portanto que tem diante dos olhos é o dos homens, e toda a família humana com a totalidade das coisas entre as quais vive; este mundo, teatro da história do gênero humano e marcado por sua atividade: derrotas e vitórias; esse mundo criado e conservado pelo amor do Criador, segundo a fé dos cristãos; esse mundo na verdade foi reduzido à servidão do pecado, mas o Cristo crucificado e ressuscitado quebrou o poder do Maligno e o libertou, para se transformar de acordo com o plano de Deus e chegar à consumação.¹²⁹

Essa preocupação sobre quem são os destinatários do Concílio Vaticano é muito importante ser considerada. Tudo porque, quando a Igreja diz que ela está falando para todos os povos e nesse discurso faz menção sobre o embate de Cristo e o Maligno, pontua, que o demônio não é uma figura meramente espiritual, que está dentro de uma esfera religiosa, mas é um ser que atua na história, que age na humanidade, ratificando a teologia joanina: “o sedutor do mundo inteiro” (cf. Ap 12,9).

A *Gaudium et Spes*, de uma forma particular, tem o desejo de levar toda a humanidade a sua experiência sublime, a verdade e a caridade é a vocação universal e natural ao ser humano. Com isso o convite a experiência da ressurreição de Cristo é um convite também a renunciar ao reino de Satanás, vencido por Cristo na cruz.

A temática sobre a atuação das trevas neste mundo, dentro do concílio, tem o seu auge no decreto missionário *Ad Gentes*. A grande preocupação da Igreja de cumprir a missão apostólica “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15) faz com que a Igreja assuma a sua vocação que dentre várias prerrogativas, também possui a missão de “exorcista da humanidade”.

Para estabelecer a paz ou comunhão com Ele e a fraterna sociedade entre os homens pecadores, Deus decretou também entrar na história humana de modo novo e definitivo. Para isso enviou o Filho em nossa carne, a fim de por Ele livrar os homens do poder das trevas e de Satanás e n'Ele reconciliar Consigo o mundo.¹³⁰

¹²⁹CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudim et Spes* (GS). n. 202. In Compendio do Vaticano II – Constituições Decretos e declarações. 29ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹³⁰CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes* (AG). n. 867 In Compendio do Vaticano II – Constituições Decretos e declarações. 29ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

Entendemos que a existência de Cristo, sua encarnação na história liberta o homem que vivia na escravidão do demônio. Assim a ação missionária da Igreja é libertadora, portanto faz parte das prioridades do anúncio do evangelho libertar as pessoas dos espíritos impuros, da ação diabólica seja ela em suas várias escalas. Tanto que os evangelhos claramente atestam esse poder que entre os sinais, estaria o de expulsar os demônios (cf. Mc 16,17; Mt 10, 1; Lc 9,1).

2.6. Beato Paulo VI

Paulo VI ainda se destacará muito no assunto a respeito da demonologia, respirando os ares do Concílio Vaticano II, ele e outros papas abordarão a temática sobre o demônio. E não tem como fugir da impactante expressão do Beato Paulo VI que por uma fissura a fumaça de Satanás, entrou na Igreja

Referindo-se à situação da Igreja hoje, o Santo Padre diz que ele tem a sensação de que "de que por alguma fissura o fumo de Satanás entrou no templo de Deus." Há dúvida, incerteza, problemas, inquietação, insatisfação, confronto. Ninguém confia na Igreja; confiam o primeiro no profeta profano que vem para conversar com algum jornal ou algum movimento social para correr atrás dele e perguntar-lhe se ele tem a fórmula para a vida real.¹³¹

Há um grande louvor a esse discurso do Papa Paulo VI, uma espécie de advertência necessária pós concílio. A radical mudança que o concílio estabeleceu na liturgia e no agir pastoral da Igreja, trouxe consigo grande confusão, perturbação. A Igreja sofria uma espécie de crise na sua identidade, com o abandono de vários sacerdotes que ora não aceitaram as mudanças, ora não se abriram as novas adaptações, o papa exorta à voltar-se para autoridade da Igreja, dos seus mestres. Contudo, contemporâneo ao discurso, o papa foi ridicularizado pelos meios de comunicação, assim, mais num gesto de reflexão, o santo padre não insistiu neste assunto, preferiu um silêncio mais reflexivo do

¹³¹ Riferendosi alla situazione della Chiesa di oggi, il Santo Padre afferma di avere la sensazione che «da qualche fessura sia entrato il fumo di Satana nel tempio di Dio». C'è il dubbio, l'incertezza, la problematica, l'inquietudine, l'insoddisfazione, il confronto. Non ci si fida più della Chiesa; ci si fida del primo profeta profano che viene a parlarci da qualche giornale o da qualche moto sociale per rincorrerlo e chiedere a lui se ha la formula della vera vita. (Omelia di Paolo VI Solennità dei Santi Apostoli Pietro e Paolo Giovedì, 29 giugno 1972) disponível em:

http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1972/documents/hf_p-vi_hom_19720629.html

que omisso. Tanto que ele volta a essa temática posteriormente, naquele mesmo ano.

O Papa começa por dizer que uma das maiores necessidades da Igreja é a de se defender daquele mal a que chamamos demônio. É certo que o Papa apresenta o quadro maravilhoso da criação de Deus, mas descobre também a existência do mal que se inseriu na história e no cosmos e principalmente no homem. E o Papa acrescenta: Encontramos o pecado, perversão da liberdade humana, e causa profunda da morte, e depois, por sua vez, ocasião e efeito de uma intervenção em nós e no nosso mundo de um agente obscuro e inimigo, o demônio.¹³²

No decorrer dos anos foi se dado mais atenção a fumaça de Satanás, do que a audiência de 15 de novembro do mesmo ano de 1972. O próprio papa sentiu o peso deste assunto, o mundo moderno não estava acostumado a falar sobre o demônio, a caricatura em cima desta personagem tão emblemática, ainda era muito caricata e rodeada de exageros. Tanto que no ano seguinte, é lançado na sétima arte o filme *The Exorcist* de Willian Friedkin, causando grande assombro sobre o espírito maligno. Assim, vale a orientação do Papa “O mal não é apenas uma deficiência, mas também uma eficiência, um ser vivo, espiritual, pervertido e perversor. Terrível realidade. Misteriosa e pavorosa”¹³³

Se existia um pensamento de que o demônio seria mera mentalidade opositora da época ou um gênero literário, após o concílio e as locuções do papa, não tem como negar que se faz necessário uma posição pastoral da Igreja no combate contra as forças do mal, uma necessidade do povo de Deus e um poder da Igreja.

2.7 São João Paulo II

O Papa João Paulo II também dará atenção a demonologia. A rebelião angélica vai ser um dos temas de suas catequese. O Papa se volta para a discussão da patrística sobre o pecado dos anjos. Inicia enfatizando que a criação dos anjos é algo bom, positivo, ou seja, não foram criados mal, mas se perverteram. O papa faz um profundo questionamento sobre a revolta dos anjos ao amor de Deus. E em consonância com os padres da Igreja o papa vai falar

¹³² SAYÉS, José Antonio. *O Demônio realidade ou mito?*, Portugal: Paulus, 1999, p. 81

¹³³ Idem.

de uma “cegueira”, que por ela pode se compreender tal revolta. O diferencial das catequeses de São João Paulo II, é que ele trabalha o modo de agir do demônio na vida do fiel.

Os espíritos puros têm um conhecimento de Deus homem incomparavelmente mais perfeito, porque com o poder do seu intelecto, não condicionada ou limitada pela mediação de conhecimentos sentido, ver para as profundezas da grandeza do Ser infinito, a primeira verdade, o supremo tudo bem. Para esta capacidade sublime de conhecimento dos espíritos puros Deus ofereceu o mistério da sua divindade, tornando-os participantes, através da graça, da sua glória infinita.¹³⁴

O papa salienta que as primeiras formas do agir demoníaco é no intelecto, na vontade, agindo sobre as memórias, atingindo os desejos, assim levando as pessoas ao pecado, à perdição.

2.8 Bento XVI

O grande papa teólogo Bento XVI falou muito sobre assuntos ligado a exorcismos, anjo da guarda e o diabo, ainda quando era somente o teólogo Ratzinger. Ele participou de uma sessão de perguntas e respostas de uma revista católica na Itália. “O demônio não é um anti-Deus, mas ‘a negação da pessoa, uma vez que personifica a recusa da verdade e a negação do amor’”¹³⁵. O futuro papa trabalha um sentido personificado do demônio, ao posicionar que ele não é um deus opositor, mas um negativo humano, se compreende que a sua “vocação” o seu agir está diretamente ligado ao desejo de diminuir o ser humano, leva-lo a inferioridade, ao mais baixo que o homem pode chegar. Posteriormente, essas perguntas e respostas foram copiladas em um livro que ganhou maior notoriedade quando o Cardeal Ratzinger assume Bento XVI.

¹³⁴ Gli spiriti puri hanno una conoscenza di Dio incomparabilmente più perfetta dell’uomo, perché con la potenza del loro intelletto, non condizionato né limitato dalla mediazione della conoscenza sensibile, vedono fino in fondo la grandezza dell’Essere infinito, della prima Verità, del sommo Bene. A questa sublime capacità di conoscenza degli spiriti puri Dio offrì il mistero della sua divinità, rendendoli così partecipi, mediante la grazia, della sua infinita gloria. (Undienza Generale, *Mercoledì*, 23 luglio 1986) disponível em:

http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiences/1986/documents/hf_jp-ii_aud_19860723.html.

¹³⁵ Quando o teólogo Joseph Ratzinger dizia que o diabo não era um anti-Deus, disponível em:

<https://www.publico.pt/sociedade/jornal/quando-o-teologo-joseph-ratzinger-dizia-que-o-diabo-nao-era-um-antideus-17173>, acesso em 13 de junho 2018

2.9 Francisco

Se durante o papado de Bento XVI, amplamente a demonologia não foi abordada diretamente, o mesmo não se pode dizer do pontificado de Francisco, que já no seu primeiro discurso ao colégio cardinalício que o elegeu vem salientar que não pode ser vencido pela a amargura do demônio¹³⁶. É de se imaginar que após a surpreendente renúncia de Bento XVI, um espírito desanimador pudesse estar presente tanto no coração dos fiéis, quanto daqueles que estão a serviço da Igreja.

O Papa Francisco já enfatizou que sem a cruz a Igreja se resume a uma ong, uma comunidade de assistencialismo, porém não é essa a realidade. A Igreja é a esposa de Cristo, onde assumindo essa relação, esse vínculo espiritual profundo, a cruz é a força do cristão contra as investidas do demônio.

Se por algum momento o exorcismo ficou nas periferias da fé, em períodos da história do cristianismo, essa realidade já não se faz mais presente. Hoje já existe inclusive uma associação internacional de sacerdotes exorcistas, reconhecida juridicamente na Igreja desde 2014.

¹³⁶ Cf. Discurso do Santo Padre Francisco, *audiência aos membros do colégio cardinalício*, disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130315_cardinali.html, acesso em 13 de junho de 2018.

III A Teologia do Ritual do exorcismo

É de forma solene, como sempre é, que a Igreja torna pública uma ação de grande importância, no seu agir pastoral e na sua necessidade espiritual. Assim, aos 22 de novembro de 1998, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos decretou a nova edição do Ritual Romano de exorcismo.

Obediente à oração da Pai-nosso, já desde os tempos antigos, a Igreja misericordiosamente cuidou que, entre os sacramentais, por piedosas súplicas se pedisse a Deus que livrasse os fiéis cristãos de todos os perigos e especialmente das insídias do demônio. Particularmente, foram instituídos na Igreja os exorcistas que, imitando a caridade Cristo, libertem os possessos do Maligno e até, mandando em nome de Deus, que os demônios se afastassem e nunca mis importunassem qualquer criatura humana.¹³⁷

Esse decreto deixa claro que o combate espiritual tantas vezes aqui mencionado, não é uma mera ilustração espiritual sobre a narrativa bíblica ou uma descrição de um momento da vida do fiel. É uma realidade que a Igreja assume publicamente, ou seja, ela só dá continuidade ao que São Paulo já havia anunciado em Efésios 6,12: “Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos Mal, que povoam as regiões celestiais.”

O mal é atuante e está presente, muito presente no cotidiano das pessoas. É de se imaginar que essa preocupação de Jesus não é à toa. Claro que não é à toa, todavia, percebemos que durante grandes períodos tudo isso foi negligenciado. É de se imaginar que antes do Concílio Vaticano II existiam não mais de que seis ou sete exorcistas na França por exemplo. Hoje esse número já alcança a casa de uma centena, porque se vê evidentemente a necessidade da Igreja em suprir a grande demanda que somente cresce ao longo dos anos.

Após entender a origem da concepção diabólica e a história da prática do exorcismo até hoje, se constata que a liturgia é o local ou o campo de ação da Igreja neste combate direto as obras do maligno. Com isso temos o Ritual Romano da Prática do exorcismo.

¹³⁷ JORGE Card. Medina Estévez. DECRETO. In: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Ritual do Exorcismo e outras súplicas. São Paulo:Paulus , 1998.

O Espírito Santo de Deus nos ajude a compreender cada vez melhor que toda ação litúrgica da Igreja é celebração do mistério pascal da paixão, morte e ressurreição de Cristo, expressão máxima da vitória sobre o demônio e desmoronamento de todo o seu poder.¹³⁸

Todos os sacramentos possuem em si sua carga exorcizante, desde a renúncia direta a satanás e as suas pompas no ritual do batismo e na confirmação, quanto no arrependimento dos pecados na confissão. O próprio itinerário litúrgico sempre relaciona a edificação do Reino dos Céus, o seguimento a Cristo, como um combate direto a Satanás.

O Missal Romano que temos atualmente é também testemunha da existência do diabo. Editado em 1970, continua a refletir a convicção existente na Igreja a propósito das intervenções demoníacas – comenta a Declaração da Congregação da Fé¹³⁹.

Desde o início do Ano Litúrgico, com o clamor de que o povo que andava nas trevas encontrou uma grande luz, até o seu encerramento proclamando Jesus Cristo como Rei do Universo, a liturgia perpassa pela experiência constante da renúncia as obras do maligno.

O riquíssimo período da Quaresma trabalha explicitamente esse embate. Cristo tentado no deserto, vence as tentações, tudo isso em todos os anos litúrgicos, até mesmo porque esse conflito direto entre Jesus e Satanás é material presente nos evangelhos sinóticos. E assim segue no tempo comum e nas solenidades.

A festa da Assunção e o comum da Virgem apresentam a leitura do Ap 12,1-6, isto é, a ameaça do dragão contra a mulher que dá à luz. Mc3,20-35, que descreve a discussão de Jesus com os fariseus sobre Belzebu, faz parte das leituras do X Domingo do ano B, já mencionado. A parábola do trigo e do joio (Mt 13,23-43) aparece no XVI Domingo do Ano A, e a sua explicação (Mt 13,36-43) lê-se na Terça-feira da semana XIII. O anúncio da derrota do príncipe deste mundo (Jo 12,20-23) lê-se no V Domingo da Quaresma do ano B, e Jo 14,30 lê-se durante a semana.¹⁴⁰

Este é o campo das leituras litúrgicas, analisando as orações presentes na celebração eucarística o combate cristão fica ainda mais visível. “Concedei-

¹³⁸ RITUAL ROMANO RENOVADO POR DECRETO DO CONCÍLIO VATICANO II, PROMULGADO POR AUTORIDADE DO PAPA JOÃO PAULO II, Ritual de exorcismos e outras súplicas. Tradução portuguesa para o Brasil da edição típica. São Paulo: Paulus, 2005. Página 7. As citações seguintes referentes a esse documento seguirão com a sigla:RE

¹³⁹ SAYÉS, José Antonio. *O Demônio realidade ou mito?*, Portugal: Paulus, 1999, p. 106

¹⁴⁰ Ibidem. p. 107.

nos, ó Deus todo-poderoso, iniciar com este dia de jejum o tempo da Quaresma, para que a penitência nos fortaleça no combate contra o espírito do mal. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.”¹⁴¹ Na memória do abade Santo Antão, o chamado pai da vida monástica, assim dos monges. Também fica bem notável a súplica que a Igreja faz contra as forças do mal. “Ó Deus, que nos fortaleceste pelo vosso sacramento, concedei-nos vencer as tentações do inimigo, como destes a Santo Antão esplêndidas vitórias contras as forças do malo. Por Cristo, nosso Senhor.”¹⁴²

Assim, mesmo com todo esse itinerário litúrgico, em que a igreja convida o fiel a viver o combate diário da fé, a Igreja sentirá a necessidade de manifestar um rito próprio para esta ação litúrgica. Assim, basicamente o Ritual do Exorcismo tem o desejo de livrar a alma do fiel das investidas de Satanás.

3.1 Quem é o possesso?

O ritual do exorcismo deixa bem claro alguns princípios que se devem seguir à risca para a prática deste sacramental. O exorcista precisa de uma permissão expressa do ordinário local, que na sua maioria das vezes é o bispo diocesano e só deve ser concedida a um sacerdote que se distinga pela “piedade, ciência, prudência e integridade de vida e especificamente preparado para essa função.”¹⁴³ Essa exigência canônica é de extrema importância, por isso a Igreja deixa bem claro qual é a expectativa realizada sobre o ministro que exercerá a atividade de exorcista.

O cânon 1172 usa um termo no qual ele mesmo não se aprofundará. Possesso, quem é o possesso do qual o cânon se refere? “Ninguém pode legitimamente fazer exorcismos em possessos, a não ser que tenha obtido a licença peculiar e expressar do Ordinário local.”¹⁴⁴ Essa resposta não se encontrara com facilidade de forma sistemática. O reconhecimento do possesso estará ligado a prática pastoral do exorcista que juntamente com uma equipe que colabore com o ministro, ajude a discernir a identificar os sinais que

¹⁴¹ Quarta-feira de Cinzas, *Missal Romano*. 6º ed, Paulus,1992, p.175

¹⁴² *Ibidem*, p.540.

¹⁴³ Código de Direito Canônico 1172, parágrafo 2

¹⁴⁴ *Ibidem*, parágrafo 1.

identifique que o fiel esteja dentro de um processo de possessão. Contudo, existem pontos que por eliminação ajudam o exorcista a identificar um possesso.

Não é a tentação que os fiéis, mesmo que tenham nascido de novo em Cristo, experimentem; os meios normais de lutar contra a tentação não são suficientes: fé, oração da Igreja, sacramentos; não é uma doença psíquica; não é fruto da imaginação; não é uma enfermidade natural que pode ser tratada com remédio, mas com exorcismo.¹⁴⁵

O discernimento sobre a situação do fiel, é o que ajudará o exorcista à definir se o exorcismo se encaixa, ou seja se o fiel está realmente possesso. Neste caso a tradição da Igreja ajudará neste processo, tradição ligada ao agir pastoral de outros exorcistas. Alguns pontos evidenciam a necessidade de uma intervenção eclesial, pontos que os exorcistas relatam como evidências da presença do mal. São eles: “falar fluentemente línguas desconhecidas ou entender alguém que a fala, revelar coisas ocultas e distantes. Manifestar forças superiores à idade ou condição física”¹⁴⁶. Por isso que o próprio ritual do exorcismo busca grande cautela para a sua aplicação.

No caso de alguma intervenção considerada demoníaca, o exorcista tenha, sobretudo, a necessária e máxima circunspeção e prudência. Em primeiro lugar, não creia facilmente que alguém esteja possesso do demônio, pois pode tratar-se de outra doença, sobretudo psíquica.¹⁴⁷

Toda essa cautela está em vista da preservação do fiel e da própria Igreja, para que não torne tal realidade sacra em um evento polêmico, sem finalidade alguma.

3.2 Quando inicia a ação do maligno?

À essa pergunta não existe uma resposta fácil. Quando que o fiel ficou exposto ao maligno? Quando a possessão se concretizou? Existe preliminares

¹⁴⁵ _ non È la tentazione che i fedeli, anche se rinati in Cristo, sperimentano; non sono sufficienti i normali mezzi di lotta contro la tentazione: fede, preghiera della Chiesa, sacramenti; non è una malattia di natura psichica; non è frutto d’immaginazione; non è una infermità naturale curabile con la medicina, ma con l’esorcismo. (BOGETTI, Maurizio. *L’Esorcista, gli ossessi e L’esorcismo* nel cânone 1172 del Codice di Diritto Canonico Fonti e Legislazione vigente, Torino: U.S.E.D.E.I. Università di Scienze Specialistiche Esorcistato Demonologia Escatologia Internazionale, 2011. p. 55)

¹⁴⁶ Parlare correntemente lingue sconosciute o capire chi le parla; rivelare cose occulte e lontane; manifestare forze superiori all’età o alla condizione fisica. (Ibidem, p.56)

¹⁴⁷ RE, n. 14.

sobre esta ação? Todas essas perguntas não se satisfazem com uma resposta básica, não se diz começou ali ou se deu aqui. Se analisa toda uma situação, individual, familiar, social, enfim, várias esferas da vida do fiel devem ser trabalhadas.

Desde o início podemos entender que com a existência da serpente no Gênesis 3,1. O mal está presente neste mundo, o mal reina neste mundo e Satanás deseja edificar o seu reinado, já que ele é o príncipe deste reino (Jo 16,11). Assim, a humanidade sucumbe por ceder a relação com o demônio que era visível na “pessoa” da Serpente.

A dinâmica da fé cristã, entre várias bases de sustento, exige a edificação do Reino dos céus como um dever. Porém, aqueles que não edificam o Reino dos céus, alguma coisa edifica, algum reino se constrói na vida. Assim, sabemos que nem todas as pessoas buscam o reino dos céus, mas se entregam ao reinado deste mundo. “Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno. Eles não são do mundo como eu não sou do mundo”. (Jo 17,15-16).

Com a distinção destes reinos, veremos ao longa da história da humanidade as edificações destes reinados. Voltando para a cena da sedução em Gênesis, vemos que o modo de operação do demônio está ligado no desejo de ser como Deus, assim subverter o homem à Deus. Portanto, tudo aquilo que faz oposição a Deus, é instrumento direto e eficaz da ação demoníaca neste mundo. Assim, se faz necessário um olhar sobre a sociedade, sobre o indivíduo para conhecer ou reconhecer o início de uma ação maligna.

O Brasil é um estado laico, ou seja, não possui uma religião oficial. O estado laico trata todos os seus cidadãos de forma semelhante, não é levada em conta a religião de ninguém ou de algum grupo em específico. Com isso, é importante entender que o estado não é contra a religião, ou ateu, simplesmente ele não professa um credo e suas leis cíveis possuem autonomia. A ideia do estado laico, não é problemática e tão pouco conflitante com a fé cristã. Agora o problema é quando a sociedade laica, entenda esse estado como uma renúncia dos valores da fé. Padre Gabriele Amorth relata o seu saudosismo por uma sociedade que servia ao Senhor.

Estou velho, mas não tanto para me esquecer daquela fé que se vivia no tempo em que as igrejas ficavam cheias todos os domingos e as pessoas ainda se ajoelhavam; no tempo em que, de nossas nações (Itália, França, Áustria, Espanha, Portugal, Irlanda...), partiam missionários para o mundo todo porque os seminários e as casas

religiosas estavam cheias de vocações; no tempo em que as famílias eram unidas e as mães cumpriam seu papel, que é o de educar os filhos; e assim por diante. Como, em vez disso, é decadente e corrompida a sociedade de hoje!¹⁴⁸

Uma sociedade que começa a negar a Deus, é uma sociedade que acredita que se basta. Sua autossuficiência é o cumprimento da promessa da serpente de sereis como deuses.

Em 1975, uma igreja que recém celebrava o Concílio Vaticano II, já expressava a preocupação da sociedade moderna. A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé publicava um estudo intitulado Fé cristã e demonologia.

Ao longo dos séculos, a Igreja condenou as várias formas de superstição, a preocupação excessiva com Satanás e os demônios, os diferentes tipos de culto e apego mórbido a esses espíritos; Seria injusto dizer que o cristianismo fez de Satanás o argumento preferido de sua pregação, esquecendo o senhorio universal de Cristo e transformando a Boa Nova do Senhor ressuscitado em uma mensagem de terror. Já São João Crisóstomo declarou aos cristãos de Antioquia: "Não é para mim qualquer prazer falar do diabo, mas a doutrina que este assunto me sugere será muito útil para você". De fato, seria um erro fatal se comportar como se nada tivesse que nos ensinar as lições da história e considerar que a Redenção já teve todos os seus efeitos sem precisar se engajar na luta que o Novo Testamento e os mestres da vida nos falam. espiritual¹⁴⁹

O concílio precisava falar com a chamada sociedade moderna, os novos livros de rituais litúrgicos fazem menção aos demônios, ou melhor à renúncia de Satanás, chefe dos demônios. Isso não é uma novidade, já que os ritos antes do CVII já falavam diretamente sobre ele, contudo, em meio uma sociedade que se debruçava cada vez mais sobre os rituais mundanos, a Igreja precisava expressar onde se encaixa o demônio em seus ritos, ou melhor dizendo, onde

¹⁴⁸ AMORTH, Gabriele. *O Sinal do Exorcista* Minha última batalha contra Satanás. São Paulo: Ecclesiae, 2013. p. 9

¹⁴⁹ Fe Cristiana y Demonologia, *Sagrada Congregación para la Doctrina de la Fe*, 26 de junho de 1975, disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19750626_fede-cristiana-demonologia_sp.html, acesso 13 de junho de 2018.

A lo largo de los siglos la Iglesia ha reprobado las diversas formas de superstición, la preocupación excesiva acerca de Satanás y de los demonios, los diferentes tipos de culto y de apego morboso a estos espíritus ; sería por esto injusto afirmar que el cristianismo ha hecho de Satanás el argumento preferido de su predicación, olvidándose del señorío universal de Cristo y transformando la Buena Nueva del Señor resucitado en un mensaje de terror. Ya San Juan Crisóstomo declaraba a los cristianos de Antioquia: «No es para mí ningún placer hablaros del diablo, pero la doctrina que este tema me sugiere será para vosotros muy útil». Efectivamente, sería un error funesto comportarse como si nada tuvieran que enseñarnos las lecciones de la historia y considerar que la Redención ha surtido ya todos sus efectos sin que haga falta empeñarse en la lucha de la que nos hablan el Nuevo Testamento y los maestros de vida espiritual.

não se encaixa, já que todas as menções ao demônio, está ligado à renúncia e recusa das ações do maligno.

Cinquenta anos depois do Concílio Vaticano II, a Igreja ainda tem o grande desafio de dialogar com uma sociedade que deseja constantemente bastar a si mesma. O avanço tecnológico, o advento da internet, o surgimento das redes sociais, tenebrosamente em muitos casos, tem alimentado o cumprimento da oferta da Serpente, de que sereis como deuses. Hoje na velocidade de um click, qualquer pessoa pode ter acesso a uma instituição que se denomina Associação Portuguesa de Satanismo¹⁵⁰, assim grupos satanistas, adoradores de Lúcifer e ou grupos de oposição ao cristianismo tem crescido fortemente na sociedade. Estas ações não estão nas periferias das relações sociais, cada vez mais existe um destaque e relevância. O exemplo concreto disso, foi a investida de um grupo satânico nos Estados Unidos de promover um curso infantil para ensinar as crianças americanas os fundamentos do satanismo, com o intuito de promover uma oposição direta à doutrina cristã.

Se cursos religiosos são permitidos nas escolas, nós queremos espalhar nossos clubes por toda a nação para garantir que múltiplos pontos de vista estejam representados", disse à BBC Brasil Chalice Blythe, diretora nacional do programa "Satã Depois da Escola" (After School Satan Program, no original), do Templo Satânico dos EUA.¹⁵¹

Os visíveis sinais de uma sociedade bem mais laica tem se mostrado como uma sociedade sem Deus. Com isso é importante levar em consideração que a Igreja está inserida na sociedade, os seus pastores, os seus consagrados vieram desta sociedade. Neste raciocínio os problemas da sociedade, também são os problemas da Igreja. Se em 1972 o papa Paulo VI falava explicitamente das ações do maligno dentro da Igreja, hoje é de se imaginar que se a sociedade tem levado uma vida mais apática em relação ao Sagrado, isso de alguma maneira afeta ainda mais a Igreja. Mesmo assim, não é possível falar com clareza sobre as ações do demônio dentro da Igreja. Essa presença seria uma interferência no agir pastoral ou no magistério? Se a Igreja tem o dever de edificar o Reino de Deus nesta terra o demônio tem como a Igreja sua maior

¹⁵⁰ Associação Portuguesa de Satanismo, APS, disponível: http://www.apsatanismo.org/aps_frame.html, acesso 13 de junho de 2018.

¹⁵¹ SENRA, Ricardo "Satanistas criam curso infantil para contrapor ensino cristão em escolas dos EUA", *BBC Brasil em Washington*, 3 de agosto de 2017, disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-40784156>, acesso 13 de junho de 2018.

inimiga. “Posto isto, sendo a ação do diabo uma ação frontal contra Cristo, perguntamos a nós próprios se o atual processo de secularização que a Igreja vive não se deve de certo modo a ele.”¹⁵² A secularização deve ser entendida como uma separação, todavia, se a santidade o ser santo, também significa separado. Entende-se que essa secularização é na verdade uma separação do que é sagrado e no final das contas o clérigo ou o religioso, não está mais separado da sociedade para viver do Sagrado, daquilo que não compactua com o pecado. Ele está separado é do Sagrado mesmo. “Pois bem, este processo secularizador que renega Cristo, nasceu na Igreja nos finais dos anos sessenta e continua ainda presente entre nós”¹⁵³ Os consagrados, os clérigos deixaram as suas posições e não foi por um espírito missionário, foi exatamente por perder a sua identidade sacra, andando pelos caminhos da política, reformas trabalhistas. Situações visivelmente identificada com a teologia da libertação. Até mesmo no terreno do entretenimento muitos arriscam a caminhar, o sacerdote muitas vezes é confundido com um terapeuta midiático, aquele que promove um discurso de autoajuda. A imagem, a pessoa vem em primeiro plano, é como se anunciasse um cristianismo sem Jesus, uma fé apática aos sacramentos, não se fala de sacrifício, mas somente do bem-estar físico e emocional.

Uma realidade que tem grande participação na secularização total da sociedade. É a grande influência das religiões orientais, as chamadas religiões do karma e outras doutrinas. Ao seu modo, vem se utilizando de propriedades cristãs e assim causando uma grande confusão. Expressões como Deus é uma boa energia, força do pensamento tem se misturado ao inconsciente cultural de tradição cristã. É a chamada de Nova Era.

Estes novos movimentos religiosos, quase todos de matriz oriental, são caracterizados por um sincretismo religioso em que você encontra costumes cristãos, budistas, hindus, técnicas de meditação, terapias alternativas, elementos mágico e esotérico, a favor da nova cosmologia e visões naturais com a promessa de alcançar salvação a todo custo, paz e unidade, esperando o advento de uma "religião planetária" que deveria resumir o positivo das religiões de todos os tempos e levá-las à realização¹⁵⁴

¹⁵² SAYÉS, António José. O Demônio Realidade ou Mito?. Portugal: Paulus, 1999 p.122.

¹⁵³ Ibidem, p. 124

¹⁵⁴ “Questi novi movimenti religiosi, quase tutti di matrice orientale, sono connotati da un sincretismo religiosi in cui si incontrano elementi cristiani, buddisti, induisti, tecniche di meditazione, terapie alternative, elementi magico-esoterici, nuove visioni cosmologiche e naturalistiche che promettono il raggiungimento dela salvezza a tutti i costi, dela pace e dell’unità, auspicando l’avvento di um ‘religione

Neste processo uma sociedade que vê Deus em tudo (na natureza, nos cosmos, na arte, na ciência), mas não a reverência em nada, define que a maior divindade é o seu eu, o próprio ego. Eu me basto, porque posso tudo. Com o slogan de que você pode ser feliz e tem a felicidade ao seu alcance, tudo isso numa perspectiva individualista do ser, não há espaço para doação, para o amor ao próximo. Assim, a promessa da serpente de que sereis como deuses para aqueles que provam do seu fruto se faz presente em nossa sociedade e diabolicamente se infiltra na Igreja. Seja pela força da Nova Era ou das divisões internas que possam existir na Igreja, esses são os primeiros sinais de uma possessão maligna, começando no macro até atingir o micro, das massas até o indivíduo.

3.3 O agir ordinário do Demônio

Se determinar os parâmetros de início de uma ação maligna não é uma tarefa fácil, identificar o agir do Demônio já possui propriedades específicas, quando não situações bem mais concretas para serem analisadas. Os “sintomas” para se realizar um exorcismo já foram apresentadas, mas a possessão não é a única via de ataque, de tormento que o demônio realiza. Pelo contrário, o armamento do demônio é vasto e maior ainda é a sua munição para atacar. Se fala muito e até se superestima a possessão, contudo, a maior arma do maligno na vida do fiel é a tentação, pois, nela existe a livre participação, adesão do homem sobre o pecado. Para conhecer às várias facetas do demônio não basta recorrer aos manuais de teologia, a Igreja reconhece em sua catequese pastoral, o testemunho de combate espiritual que os exorcistas oferecem.

Uma primeira divisão, afirmada pelo conhecido exorcista francês De Tonquedec, já exposta antes dele, e que podemos considerar universalmente aceita, é esta: o demônio exerce uma atividade ordinária, a tentação, e uma atividade extraordinária, que compreende uma gama completa de perturbações maléficas, de diversa gravidade e natureza.

planetaria’ che dovrebbe riassumere il positivo delle religioni di tutti i tempi e portarle a compimento” PASQUA, Leoluca. *Lottare per vivere il combattimento spirituale*. Roma: Città Nuova, 2008 p. 17.

A ação ordinária é a tentação. Ordinária, porque é a ação comumente utilizada pelo maligno, assim ele fez com os nossos primeiros pais (Gn 3,4) e assim fez com Cristo (Mc 1,13). E até hoje ele o faz com cada homem e mulher que habita essa terra. A tentação não é o pecado propriamente dito, mas é a via direta para pecar. Por isso que pedimos ao Pai que não nos deixe cair em tentação, conforme a oração que Ele nos ensinou:

“Não cair em tentação” envolve uma decisão do coração: “Onde está o teu tesouro, aí estará também teu coração... Ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6,21.24). “Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também nossa conduta” (Gl 5,25). Neste “consentimento” dado ao Espírito Santo, o Pai nos dá a força. “As tentações que vos acometeram tiveram medida humana. Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados acima de vossas forças. Mas, com a tentação, Ele vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar” (1Cor 10,13)¹⁵⁵

O grande poder da tentação está ligado à adesão direta ao pecado, por uma ação voluntária, mesmo que por forte influência, já que esse é o papel da tentação, exercer uma influência. Contudo, não foi o a serpente quem comeu o fruto no qual era proibido ao homem, foi o homem (aqui entendemos como humanidade) quem comeu. A humanidade pode não ceder ao pecado, quando vence a tentação. Cedendo a tentação o homem sucumbe ao pecado e assim ele fica a mercê do demônio. Essa escravidão do pecado, esse ficar à mercê do demônio é uma realidade dogmática, assim sempre se expressou a Igreja:

Se alguém não admite que o primeiro homem Adão, tendo transgredido no paraíso a ordem de Deus, perdeu imediatamente a santidade e a justiça nas quais tinha sido constituído, e que, por este pecado de prevaricação, incorreu na ira e na indignidade de Deus e, por isso, na morte com que Deus o havia ameaçado anteriormente e, com a morte, na escravidão sob o poder daquele que depois “teve o domínio da morte” (Hb 2,14), isto é, o diabo; e que o Adão inteiro por aquele pecado de prevaricação mudou para pior, tanto no corpo como na alma, seja anátema.¹⁵⁶

A cena da tentação no deserto, em Lucas é dito que após aquela cena, o diabo deixou Jesus e voltaria no tempo oportuno (cf. Lc 4,13). Essa menção está somente na narração lucana, ela tem a sua importância, porque assim como a tentação que Jesus sofreu do demônio não foi uma situação específica, mas sim uma ação contínua na vida do messias. Assim também é na vida do fiel. Ninguém

¹⁵⁵ CIC 2848

¹⁵⁶ Paulo III: Concílio de Trento: 5ªsessão página 398

é tentado somente uma vez na vida, ou em somente uma circunstância, mas é tentado a todo tempo.

As tentações diabólicas possuem um grande desejo de promoção do homem, claro que essa promoção não é uma edificação, algo que enobrece a natureza humana. A grande verdade é que a tentação está fundada na mentira, a tentação oferece uma falsa alegria, um prazer que satisfaz a carne, assim falseia a alegria. A verdadeira alegria eleva a alma. Jesus diz que o demônio é pai da mentira (Jo 8,44), por isso as tentações possuem sua base na mentira, pois, essa é a forma do demônio fermentar o seu reino, através de uma grande sedução, uma grande promessa, que não passa de uma grande mentira.

O demônio propõe o êxito, o êxito que se consegue à custa de não dizer a verdade, de não aconselhar a verdade, quando pode tornar-se odiosa. Vender a alma ao diabo é uma coisa muito mais simples e muito menos dramática do que se pode imaginar. Basta seguir a corrente e não levar o peso da fidelidade à verdade, o peso da cruz.¹⁵⁷

Quando Jesus diz que a verdade vos libertará (cf. Jo 8,32), essa libertação não se resume à esfera moral, comportamental, pelo contrário, vai além. Cristo fala aos judeus que se permanecerdes na sua palavra, tornarão verdadeiros discípulos e o discípulo de Cristo é livre. Essa liberdade é uma liberdade profunda, verdadeira, uma liberdade espiritual. “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1). Por isso, a renúncia à toda e qualquer tentação do demônio é uma experiência de se manter livre, a liberdade concedida na remissão de todos os nossos pecados, alcançada por Cristo na Cruz, experimentada no batismo.

3.4 O agir extraordinário do Demônio

Sobre o agir extraordinário da ação do maligno, não existe uma linguagem oficial, que se encontra nos documentos do magistério. Existe um consenso, não quanto as expressões, mas quanto o modo de agir extraordinário do demônio. Padre Gabriele, é uma grande autoridade nesse quesito, no seu livro *Novos relatos de um exorcista* ele distingue as ações extraordinária em distúrbios externos, possessões diabólicas, vexações diabólicas, obsessões e infestações

¹⁵⁷ SAYÉS, José Antônio, *O Demônio Realidade ou mito?* Portugal: Paulus, 1999. p.118

diabólicas. Comumente os exorcistas trabalham com a distinção de obsessões, possessões e infestação diabólica. Assim unem os termos vexação e obsessão num único sentido.

3.4.1 Vexação

Vexação não é uma palavra comumente utilizada no linguajar popular, ela é utilizada num campo específico. Vexação é o sinônimo de humilhação e opressão.

A vexação é um fenômeno de gravidade intermediária entre obsessão e possessão. Estes são distúrbios que não resultam na possessão. Pode afetar a pessoa diretamente (na saúde com doenças, chegando até as várias formas de sofrimento físico real com espancamentos e flagelos); ou indiretamente (na propriedade, nas relações familiares, nas relações afetivas, no trabalho, nos negócios).¹⁵⁸

A humilhação e opressão que a vexação se refere, é uma ação física, literal mesmo. Se verifica em situações como essas: cortes, queimaduras ou até mesmo uma fratura óssea. Também presentes na forma direta com doenças, enfermidades em que um profissional da saúde não teria facilidade de identificar, a pessoa ficando ora enferma, ora saudável.

Narra o padre Gabriele Amorth: "Uma mulher quando ia para a cama tinha a sensação de que suas pernas se eletrizavam. Movimentos muito fortes, a ponto de fazer balançar o leito matrimonial e que duravam algumas horas, praticamente toda a noite. Os médicos não encontravam nada e os medicamentos sugeridos não davam nenhum resultado. O marido, seguindo os conselhos de um exorcista, começou a fazer cruces com água benta sobre as pernas da mulher, quando começavam os fenômenos. Logo os movimentos se acalmavam e depois cessavam; depois de um certo tempo, cessaram de todo".¹⁵⁹

A vexação possui variações no seu modo de agir, falamos das ações físicas, contudo, existem também ações ligadas aos relacionamentos, os sentimentos, esferas de convívio como trabalho, estudos ou família.

¹⁵⁸ "La vessazione è un fenomeno di gravita intermedia tra l'ossessione e la possessione. Si trata di disturbi che però non giungono alla possessione. Può colpire la persona direttamente (nella salute e nelle malattie, arrivando addirittura a varie forme di vere sofferenze fisiche con percosse, bastonate, flagelli); oppure indirettamente (nei beni, nei rapporti familiari, nei rapporti affettivi, nel lavoro, negli affari)". BOGETTI, Maurizio. L'Esorcista, gli ossessei e L'esorcismo nel cânone 1172 del Codice di Diritto Canonico Fonti e Legislazione vigente, Torino: U.S.E.D.E.I. Università di Scienze Speciaclistiche Esorcistato Demonologia Escatologia Internazionale, 2011. p. 62

¹⁵⁹ BAMONTE, Francesco. Possessões diabólicas e exorcismo *Como reconhecer o astuto pai da mentira*, Brasil: Editora Ave Maria, 2007. p.82

Nas Sagradas Escrituras existem várias situações em que se identificam com ação maligna da vexação, como o lamento de Habacuc (cf. Hc 1,3) e toda a narrativa do livro de Jó: “Já que tenho tédio à vida, darei livre curso ao meu lamento, falarei com a amargura da minha alma. Direi a Deus: Não me condenes, explica-me o que tens contra mim.” (Jó 9,1-2). Jó é um bom exemplo dos vários modos de agir presente na vexação, desde as dores físicas, até os sofrimentos que ele passou como a miséria ou a perda dos entes queridos. No Novo Testamento temos uma passagem bem explícita sobre essa ação, com São Paulo, falando aos Coríntios: “Já que essas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba, foi-me dado um agulhão na carne _ um anjo de Satanás para me espancar _ a fim de que não me encha de soberba” (2Cor 12,7).

3.4.2 Obsessão

A obsessão é o agir do demônio na psique humana. Um tormento nos pensamentos, nas sensações. Tudo muito intenso, negativo e destruidor. Pensamentos que constantemente beiram ao absurdo, como as hipóteses de estar sendo observado, perseguido ou qualquer outro extremo. A obsessão é uma realidade sufocante, aqui o maligno age com o desejo de sucumbir a alma do atormentado, diminuindo sua dignidade, minando suas defesas. Em muitas situações, em que o homem atormentado à ponto de não ter mais forças, tenta suicídio como alívio para tal sofrimento. E se não busca a morte diretamente, deseja-a constantemente.

É muito importante distinguir o que é uma patologia psíquica de uma obsessão espiritual. Por isso, que alguns grupos de exorcistas ou estudiosos unem os tormentos psicológicos com os sintomas da vexação, assim, ampliando o conceito da vexação, se trabalha com a certeza de que não é uma enfermidade com causas humanas, mas um malefício de origem sobrenatural.

A vontade permanece livre, mas é em grande parte oprimida por pensamentos construtivos como uma ideia fixa; outras vezes como imagens e representações muito vívidas; ou como uma repugnância a coisas boas, ou com desejos ardentes do que é proibido, de um modo obsessivo-compulsivo.¹⁶⁰

¹⁶⁰ “La volontà resta libera, ma è oppressa in gran parte da pensieri constringenti come idea fissa; altre volte come immagini e rappresentazioni molto vive; oppure come ripugnanza verso cose buone, o con desideri ardenti di ciò che è proibito, in modo ossessivo-compulsivo.” BOGETTI, Maurizio. L’Esorcista, gli

Mesmo com a sua vasta experiência o exorcista ele nunca age sozinho. Ele pode iniciar um acompanhamento oracional, contudo, para a eficácia do seu próprio agir, ele precisa de um respaldo de um profissional, que o ajude e o oriente a se livrar de erros possíveis, como trabalhar uma enfermidade humana como se ela fosse exclusivamente uma ação do maligno. Esse discernimento é muito delicado, nunca é fácil, contudo, o exorcista vai dominando essa área dentro do seu crescimento pastoral, a experiência vai aperfeiçoando a prática.

Não existe alguém que possa estar livre dessa ação maligna, qualquer um pode estar exposto a ela, seja o fiel crente, fervoroso, ou aquele, que praticamente não vive a fé. A obsessão não é uma ação que atormenta a pessoa somente em si mesma, ela também está ligada ao grande desejo de vingança, que se arrasta por anos, ou um ardente desejo de que a outra pessoa sofra na sua vida, quando não, ainda mais perverso é o desejo que uma outra pessoa venha a se ferir gravemente até enfim desejar a morte alheia. “Por todos estes motivos o campo das obsessões demoníacas é um dos mais difíceis de avaliar, mais que as vexações e as possessões demoníacas.”¹⁶¹

3.4.3 Infestação diabólica

Este ponto possui uma maior facilidade de identificação em comparação aos anteriores. Não estamos falando sobre uma ação maligna sobre a pessoa, mas a presença do mal nos objetos, lugares e até mesmo em animais. Pode se dizer que a infestação diabólica é uma contaminação. Os cristãos desde sempre oram e bendizem sobre os alimentos que consomem, os objetos que usufruem e nos lugares que habitam. Em primeiro lugar, louvam a Deus por Sua generosidade, por isso agradecem e diretamente ligado também está o pedido de que nos livre do mal, livre aquele lugar, objeto ou comida, do mal. “A infestação diabólica é uma moléstia que o diabo desenvolve na natureza

ossessei e L'esorcismo nel cânone 1172 del Codice di Diritto Canonico Fonti e Legislazione vigente, Torino: U.S.E.D.E.I. Universit  di Scienze Specialistiche Esorcistato Demonologia Escatologia Internazionale, 2011. p. 60

¹⁶¹ BAMONTE, Francesco, Possessões diabólicas e exorcismo; como reconhecer o astuto pai da mentir, São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007, p 86.

inanimada (ou animal) para prejudicar com ela o homem. É infestação local quando afeta lugares ou casas (ruídos, passos, movimentos de objetos e etc)”¹⁶².

3.4.4 Sujeição

Das manifestações extraordinárias apresentadas até agora, a sujeição demoníaca, possui uma singularidade. Aqui se trata de uma ação voluntária, um trabalho conjunto com o maligno. “Indica um pacto voluntário, explícito ou implícito, pelo qual uma pessoa se submete ao senhorio do demônio”¹⁶³. De forma explícita, existe o pacto de sangue, ou uma forma direta de submissão à autoridade maligna, um “consagrar-se”. “Eles podem ser feitos durante uma missa negra, acompanhados por outros rituais blasfemos. Um efeito semelhante é produzido pelos ritos de iniciação às seitas satânicas e similares.”¹⁶⁴ Obviamente, estes casos estão ligados à iniciativa pessoal.

O ritual do exorcismo é um sacramental que atua sobre a fé do fiel. É de se imaginar então que este fiel não luta contra as forças do maligno, com isso o ritual não tem eficácia alguma. Esse raciocínio está correto, contudo, essa sujeição realizada às obras das trevas, sempre realiza um crescimento destrutivo na vida do indivíduo que se submeteu a tudo isso. O demônio, destrói, divide e mata (cf. Jo 8,44). Dominado pelas forças do mal essa sujeição avança para algo ainda mais grave, como a vexação e assim chegando a possessão. E assim, somente nestes estágios, existe a consciência do mal instalado na alma do fiel, que então busca se libertar.

3.4.5 Possessão

Finalmente abordamos a possessão. Com certeza é a ação diabólica mais instigante, que paira no subconsciente popular, ora pelos seus mistérios ora pela

¹⁶² SAYÉS, António José. O Demônio Realidade ou Mito?. Portugal: Paulus, 1999 p.153

¹⁶³ AMORTH, Gabriele. Novos Relatos de um Exorcista. São Paulo:Palavra & Prece Editora, 2006, p.60.

¹⁶⁴ «Possono essere realizzate nel corso di una messa nera, accompagnati da altre ritualità blasfeme. Analogo effetto producono i riti di iniziazione alle sette sataniche e similari” .BOGETTI, Maurizio. L’Esorcista, gli ossessi e L’esorcismo nel cânone 1172 del Codice di Diritto Canonico Fonti e Legislazione vigente, Torino: U.S.E.D.E.I. Università di Scienze Speciaclistiche Esorcistato Demonologia Escatologia Internazionale, 2011. p. 64

cultura pop influenciada pelos filmes americanos e contos urbanos. Quando analisamos a vexação, obsessão e infestação, falamos do agir do demônio nos arredores da vida humana, sabemos de sua presença, sentimos a sua influência, mas não o “vemos”. A possessão possui o seu destaque justamente por isso, por ser uma manifestação que não está presente em outras ações malignas, na possessão o demônio assume a cena, recebe os holofotes, é como se a pessoa possuísse fosse o próprio demônio. Se desconsidera o filho de Deus ou a criatura humana que está presente na pessoa e se fala do demônio.

A possessão é o fenômeno pelo qual um espírito do mal reside em um corpo e em determinados momentos pode falar e se mover por meio desse mesmo corpo, sem que a pessoa possa evita-lo. O espírito do mal não reside na alma, permanecendo esta livre e incapaz de ser possuída. Apenas o corpo é suscetível de possessão.¹⁶⁵

Dentro das características do possesso, finalmente se é visível as características extraordinárias que a Igreja identifica e apresenta no Ritual do Exorcismo, como falar outras línguas, força sobre-humana e conhecimento do oculto¹⁶⁶ Todavia, a Igreja não se limita a esses fenômenos para identificar um caso de possessão, aversão ao Sagrado é um dos pontos que também é levado em conta.

A possessão se dá no corpo e não na alma, como já foi mencionado anteriormente. Esse ponto é de extrema importância, porque a possessão não é uma encarnação, é um agir momentâneo das ações daquele que está possesso.

Portanto, os termos que indicam a ação (posse e invasão), ou o sujeito (possuído, possuído e invadido) podem ser considerados correlativos. A posse pode ser causada por um ou mais demônios e pode coexistir mesmo com almas mortas.¹⁶⁷

O poder do maligno no possesso possui oscilações. O possesso sofre das investidas do demônio, com as suas variações e intensidade. “Geralmente, o possesso fica inteiramente à mercê do demônio, tornando-se alienado, perdendo

¹⁶⁵ FORTEA, José Antonio. *Summa Daemoniaca Tratado de demonologia e manual de exorcistas*. São Paulo: Palavra & Prece, 2010, n.145.

¹⁶⁶ Cf. RE nº16

¹⁶⁷ “Pertanto i termini che indicano l'azione (possessione e invasione), ovvero il soggetto (posseduto, indemoniato e invasato) si possono considerare correlativi. La possessione può essere causata da uno o più demoni e possono coesistere anche con anime di defunti.” BOGETTI, Maurizio. *L'Esorcista, gli ossessei e L'esorcismo nel cânone 1172 del Codice di Diritto Canonico* Fonti e Legislazione vigente, Torino: U.S.E.D.E.I. Università di Scienze Speciaclistiche Esorcistato Demonologia Escatologia Internazionale, 2011. p. 62

a sua identidade própria e a condição de liberdade sobre seu pensar e agir”¹⁶⁸
 As manifestações são semelhantes a surtos psicóticos na dinâmica dos altos e baixos das manifestações. Por paralelismo como esses, a Ciência muitas vezes se opõe a crer numa presença espiritual, numa entidade superior maligna. Limita-se a dizer que tudo não passa de um fenômeno patológico e deve ser tratado como tal.

Quando se diz de alguém que é um psicótico cabem várias definições: “A definição mais limitada de *psicótico* se restringe a ilusões ou alucinações notáveis, com as alucinações tendo lugar com ausência de conhecimento de sua natureza patológica”¹⁶⁹

A definição de um surto psicótico não se encaixa com as definições de uma ação maligna, de uma possessão. O possesso tem consciência do que está acontecendo sobre ele, diferente de um psicótico. É claro que a possessão tem sintomas que podem ser identificadas em ações patológicas como a esquizofrenia, por isso a Igreja sempre preza pela cautela. De qualquer forma, ainda não existe um consenso entre a ciência e a fé sobre a natureza do exorcismo.

No questionamento de como age aquele que está possesso, vale à pena dar atenção aos relatos dos exorcistas, dentro de uma base comum, existem variações nos relatos de como sucedem aqueles que estão sob ação do maligno. Padre Gabriele faz alguns relatos.

Quando a possessão se manifesta, o homem possesso entra em transe e perde a consciência, dando lugar à ação do espírito maligno, que usa o corpo para falar, incomodar, xingar, vomitar unhas, óculos ou outros objetos, às vezes até para manifestar uma força sobre-humana.¹⁷⁰

Ninguém está livre de uma possessão, não existe blindagem que evite esse malefício. Mesmo uma pessoa de vida piedosa, de vida sacramental também está sujeita a esses ataques. E por que Deus permitiria tal possibilidade? Sem uma resposta fácil, segue o raciocínio de São Paulo: “E nós

¹⁶⁸ CNBB Exorcismos: reflexões teológicas e orientações pastorais pag.46

¹⁶⁹ FORTEA, José Antonio. *Summa Daemoniaca*. São Paulo: Palavra & Prece, 2010, n.147.

¹⁷⁰ «Quando si manifesta la possessione, l'ossesso va in trance e perde coscienza, lasciando il posto all'azione dello spirito malvagio, che ne usa il corpo per parlare, agitarsi, bestemmiare, vomitare chiodi, vetri od altri oggetti, a volte anche per manifestare una forza erculea.” AMORTH, Gabriele; STIMAMIGLIO, Stefano, *Saremo Giudicati dall'Amore Il demônio nulla può contro la misericordia di Dio* Milano: San Paolo, 2015. p.70

sabemos que Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam” (Rm 8,28).

A um exorcista atento, sobretudo se teve de se enfrentar, no discurso do seu ministério, com verdadeiras possessões, é fácil reconhecer uma pseudopossessão por somatização, porque não se pode imitar facilmente o comportamento de um possesso.¹⁷¹

Cabe ao Exorcista, apurar, analisar e discernir cada caso e com o respaldo da Igreja decidir se seguiu com o exorcismo ou não.

3.5 O Rito

A finalidade do ritual do exorcismo é livrar o fiel exorcizado dos tormentos das ações malignas. O sacerdote, pelo poder recebido de Cristo que age na pessoa do mesmo, expulsa o demônio. E essa é a essência do ritual do exorcismo. “Eu te esconjuro, Satanás, enganador do gênero humano. Reconhece o Espírito da verdade e da graça, que repele as tuas ciladas e confunde as tuas mentiras...”¹⁷²

O ritual do exorcismo é composto pela aspersão da água benta, a ladainha, recitação de salmos, proclamação do Evangelho, invocação do Espírito Santo, profissão de fé, sinal da cruz no atormentado, orações deprecativas e imperativas e conclui-se com oração final¹⁷³.

A aspersão da água benta no início do rito está claramente remetendo o fiel atormentado a sua realidade de batizado, sua imersão no mistério trinitário e corpo místico de Cristo, sua Igreja. “Ó Deus, pelos sinais visíveis dos sacramentos realizais maravilhas invisíveis. Ao longo da história da salvação, vós vos servistes da água para fazer-nos conhecer a graça do Batismo.”¹⁷⁴ A eficácia da água benta, não está nela mesma, mas porque a Igreja eleva a matéria a uma condição sagrada. “A Igreja, com o poder recebido de Jesus Cristo, pode unir um efeito espiritual a um objeto. Portanto, o objeto não é nada em si, é o poder de Cristo que está ali, unido àquele objeto.”¹⁷⁵

¹⁷¹ BAMONTE, Franceso, *Possessões diabólicas e exorcismo; como reconhecer o astuto pai da mentira*, São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007, p 95

¹⁷² RE, p. 42

¹⁷³ *Ibidem*, cf. n.20

¹⁷⁴ Missal Romano, Vigília Pascal 42; bênção da água batismal

¹⁷⁵ FORTEA, José Antonio. *Summa Daemoniaca*. São Paulo: Palavra & Prece, 2010, n.60.

O fiel se santifica vivendo devidamente o seu batismo e através dele se alcança o céu, que torna a sua morada eterna. No céu somente habitam os santos que participam da glória de Cristo. “Assim como a comunhão entre os cristãos da terra nos aproxima de Cristo, da mesma forma o consórcio com os santos nos une a Cristo, do qual como de sua fonte e cabeça, promana toda a graça e a vida do próprio Povo de Deus.”¹⁷⁶ Por isso o rito continua, após a aspersão da água benta com a ladainha , “pela qual se invoca sobre o atormentado a misericórdia de Deus por intercessão de todos os Santos”¹⁷⁷

Na exaltação da vitória de Cristo sobre as forças do mal, possui os salmos grande importância. “Rezados e realizados em Cristo, os Salmos são um elemento essencial e permanente da oração de sua Igreja e são adequados aos homens de qualquer condição e tempo.”¹⁷⁸ A recitação dos salmos realizada pelo exorcista é uma prática que o fiel atormentado deverá praticar por toda a vida, mesmo liberto das investidas de satanás. Claro, que sem dispensar a vivência dos sacramentos, principalmente a penitência e eucaristia. Nos salmos está a essência da oração da Igreja.

A proclamação do Evangelho, sempre presente nos sacramentos é a força de Cristo, sua Palavra viva que liberta e gera vida. Os Evangelhos são coração da Sagrada Escritura, como afirma o catecismo da Igreja Católica¹⁷⁹ neles estão contidos a vitória de Cristo sobre o mal com a instauração do Reino de Deus.

Após a proclamação do Evangelho, o exorcista súplica ao Espírito Santo a libertação daquele fiel que está sendo atormentado pelo príncipe deste mundo. O sacerdote invoca o Espírito Santo impondo as mãos sobre o atormentado. “Então começaram a impor-lhes as mãos, e eles recebiam o Espírito Santo” (At 8,17). A prática realizada pelos apóstolos é seguida a exemplo de Jesus. (cf Mc 16,18) que com a imposição das mãos curava os doentes (cf Mc 6,5; 8,23). Com isso, se proclama o Creio ou renova as promessas batismais, orações que se manifestam como súplicas ao Divino Espírito, pois ardentemente se recorda que

¹⁷⁶ CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Constituição Dogmática sobre Igreja: *Lumen Gentium*. n. 50, In Compendio do Vaticano II – Constituições Decretos e declarações. 29ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹⁷⁷ RE, n. 22.

¹⁷⁸ CIC N. 2597

¹⁷⁹ Cf Ibidem, 125.

aquela alma pertence a Cristo que resgatou a humanidade que padecia no abismo da morte.

Um instrumental de grande importância do exorcista é a Cruz de Cristo, ela deve fazer parte do rito com sua presença visível a todos e principalmente ao fiel atormentado. “É pela Cruz de Cristo que o Reino de Deus será definitivamente estabelecido: ‘*Regnavit a ligno Deus _ Deus reinou do alto do madeiro*’¹⁸⁰. Pelo sacrificio da cruz o reino de satanás é destruído e Cristo ressuscita, vencendo a morte e abrindo o céu aos homens.

O ritual do exorcismo chega ao seu fim e ao mesmo tempo no seu auge com as orações deprecativas e imperativas. O rito normatiza que não se utilize da oração imperativa antes da deprecativa e que não pode estar separada desta última. O mesmo não se dá para a oração deprecativa que pode ser feita sem o uso da oração imperativa.

3.6 Oração Deprecativa & Oração Imperativa

Existe uma distinção importante entre as fórmulas imperativas e deprecativas. A oração deprecativa consiste na ardente súplica a Deus que liberte aquele fiel atormentado das garras de satanás. Súplica que não necessariamente manifesta que aquela oração pede a libertação de um possesso: “O Deus, criador e defensor do gênero humano, olhai para este vosso servo N, que criastes à vossa imagem e chamais para o convívio da vossa glória.”¹⁸¹ A oração deprecativa pode ser feita sem a oração imperativa, devido o valor que a oração imperativa possui, da qual será falado mais adiante. A oração deprecativa na sua essência não possui o mesmo poder que a oração imperativa, não se trata de uma “oração fraca”. Consiste que na oração deprecativa está contida a preparação da ordem de libertação sobre o demônio, essa ordem só deve ser feita com a certeza de um caso de possessão. Com isso na oração deprecativa já é possível saber a realidade do atormentado.

A fórmula imperativa não é propriamente uma oração, mas uma ordem direta e autoritária para que satanás libere o corpo do fiel possesso. Comumente

¹⁸⁰ CIC, n. 550.

¹⁸¹ RE, n. 61.

conhecido como exorcismo maior, ele possui uma “fala” direta contra o espírito maligno.

O exorcismo maior, também denominado “exorcismo solene”, é uma ação litúrgica e faz parte dos sacramentais da Igreja. Recorde-se, entretanto, que a Igreja não age em nome próprio, mas tão somente em nome de Jesus Cristo, a quem até os demônios devem se submeter¹⁸².

O ritual do exorcismo exige uma certeza de que há possessão: “Portanto, o exorcista não comece a celebrar o exorcismo se não souber, com certeza moral, que o exorcizando está realmente atormentado pelo demônio e, se possível, que ele consinta”.¹⁸³ . Por essa ordem normativa de que se realize o exorcismo somente com a certeza de uma possessão, faz com que muitos exorcistas não se utilizem da forma imperativa, temendo agir de forma arbitrária. Todavia, existem algumas possessões que sem um exorcismo realizado pela primeira vez, não se descobre ou percebe sinais da possessão. Essa dúvida ou precaução de se realizar um exorcismo com o receio de está lidando com algo somente psicológico foi oportunamente manifestado nos livros do padre Gabriele Amorth: “Já afirmei que o exorcismo não tem somente um objetivo liberatório, mas também um objetivo diagnóstico; só através do exorcismo se chega à certeza moral de uma influência diabólica”.¹⁸⁴ O ritual do exorcismo quer com essa norma salvaguardar a integridade do rito, para que ele não seja o socorro a qualquer “idéia de manifestação maléfica’ na pessoa.

É possível, pelo contrário, que o caso seja difícil de diagnosticar. Não convencem as hipóteses dos médicos; não convencem os tratamentos feitos; mas também não convencem as reações e os resultados dos exorcismos. Exijo, mais do que nunca, a colaboração médica (o especialista mais indicado é quase sempre um psiquiatra), mas não me limito a ela. Na incerteza, prefiro persistir nos exorcismos: devo dizer que em vários casos, o fato de ter prosseguido os exorcismos causou danos. Pelo contrário, na incerteza em que se encontravam os médicos, o prosseguimento dos exorcismos manteve viva a esperança de chegar a uma solução, embora depois se chegasse à conclusão certa de que não se tratava de um caso de possessão diabólica.¹⁸⁵

Existem alguns casos em que não há uma realidade maléfica e que a realização do exorcismo poderia causar danos, aumentando os distúrbios possíveis sobre os psicóticos, depressivos e histéricos. Todavia, essas

¹⁸² CNBB, *Exorcismos: reflexões teológicas e orientações pastorais*, p.44.

¹⁸³ RE, n. 16.

¹⁸⁴ AMORTH, Gabriele. *Novos Relatos de um Exorcista*. São Paulo:Palavra & Prece Editora, 2006, p.132.

¹⁸⁵ Ibidem, p. 133.

patologias não estão imunes de estarem acompanhadas de uma real possessão diabólica, sendo possível que a possessão seja a causa dessas doenças.

O exorcista é chamado a dar um juízo moral certo, sobre a eventual possessão diabólica. Ela pode ser só um caso de falsa possessão, mas pode tratar-se também, e o caso não é de menor frequência, de uma patologia que é acompanhada de possessão, ou então de verdadeiras patologias cujo agente desencadeador é a entidade espiritual diabólica.¹⁸⁶

Afirmar que o caso que se tem presente é de fato um caso de possessão, nunca será uma ação fácil. Mesmo com toda a prudência do exorcista, essa afirmação sempre será delicada. A experiência pastoral sempre será algo à favor do exorcista, que terá em sua experiência uma chance maior de reconhecer a presença do maligno. Por isso, se faz necessário uma relação de auxílio e companheirismo entre os sacerdotes que assumiram a função de exorcizar.

Quando for comprovada a autenticidade da possessão diabólica e o Ordinário do lugar autorizar o exorcismo designando o sacerdote exorcista, tudo deverá ser feito de modo que não haja publicidade, que não se divulgue a notícia antes nem depois da sua realização e não se grave, nem filme ou registre o rito.¹⁸⁷

A descrição sobre a ação do exorcista, tem sua grande importância, pois assim existe um ambiente propício ao exorcista que não sofrerá pressão externa, não haverá exposição do fiel atormentado e livrará o ritual de toda possibilidade de se tornar um evento midiático, para satisfazer a curiosidade popular ou para alimentar o imaginário extremamente fantasioso que existe sobre a natureza do mal. “Assim, se evitará despertar o interesse e a curiosidade de pessoas que não tem preparação suficiente para compreender o conjunto da fé cristã e seu combate contra o mal”¹⁸⁸

3.7 Auxiliares do Rito

O rito é finalizado com um cântico de ação de graças (que pode ser o *Benedictus* ou *Magnificat*) e logo em seguida com a bênção e despedida. Todo o rito até aqui pode ser repetido em uma mesma seção se isso for necessário. E

¹⁸⁶ NANNI, G. *Il dito di Dio e Il potere di Satana. L'esorcismo. Libreria Editrice Vaticana, Città Del Vaticano, 2004, p. 249*

¹⁸⁷ CNBB, Exorcismos: reflexões teológicas e orientações pastorais, p.50.

¹⁸⁸ Idem.

o rito pode ser interrompido a qualquer momento na medida em que o processo que o fiel atormentado vem passando possa se complicar gravemente. Paralela a realização do exorcismo, o exorcista pode promover um grupo de leigos que estejam a rezar o rosário ou outras orações piedosas.

O rosário tem um poder único de enfraquecer o demônio. O demônio pode não obedecer ao exorcista, mas após a recitação do rosário, beijará o crucifixo, olhará para uma imagem da Virgem ou fará qualquer coisa que o exorcista ordene.¹⁸⁹

O local em que se realiza o exorcismo e as suas disposições também é muito importante para a realização do rito. O ritual não define um local específico para a realização do rito, mas o mesmo orienta o exorcismo supondo que o local que se realiza seja um local sacro.

Se for possível, o exorcismo seja feito num oratório ou em outro lugar adequado, separado da multidão, onde sobressaia a imagem do Crucifixo. No local deve haver também uma imagem da Bem-aventurada Virgem Maria.¹⁹⁰

O ritual do exorcismo não faz nenhuma menção direta a intercessão da Virgem Maria no ritual de exorcismo maior, somente há invocações marianas nos apêndices do ritual. A invocação à Virgem Maria nos momentos de aflição é uma prática notória desde o início do cristianismo, a Igreja suplica a intercessão daquela que é a medianeira da graça, assim como os noivos pediram a sua intercessão na passagem das bodas de Caná (cf. Jo 2,3).

Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura ininterruptamente, a partir do consentimento que ela fielmente prestou na anunciação, que sob a cruz resolutamente manteve, até a perpétua consumação de todos os eleitos. Assunta aos céus, não abandonou este múnus salvífico, mas, por sua múltipla intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna.¹⁹¹

Cumpra-se na Virgem Maria a promessa da mulher que esmagaria a cabeça da serpente (cf. Gn 3,15), preservada por Deus de toda a mancha do pecado, nunca cometeu um pecado sequer, essa é a realidade da humilde serva do Senhor (cf. Lc 1,38). A Virgem Maria como Mãe do Salvador, Mãe da Igreja é a companheira que todo o fiel deve ter assim, essa questão é ainda mais intensa na vida do exorcista. “Em virtude da graça da divina maternidade e da missão pela qual ela está unida com seu Filho Redentor, e em virtude de suas singulares

¹⁸⁹ FORTEA, José Antonio. *Summa Daemoniaca*. São Paulo: Palavra & Prece, 2010, n.133.

¹⁹⁰ RE, n.33.

¹⁹¹ CIC, n.969

graças e funções, a Bem-aventurada virgem está também intimamente relacionada com a Igreja".¹⁹²

Maria não é somente a grande intercessora do fiel no combate espiritual, do exorcista nas investidas de Satanás. Ela é a grande consoladora, sua poderosa intercessão é o ânimo necessário para que o exorcista não venha a desistir de sua missão.

3.8 O Grande Combate

A humanidade vivia em paz, em perfeita harmonia com o seu criador. Como tudo aconteceu? Como houve a separação do natural convívio entre o criador e a criatura, a famosa expulsão do paraíso? Sabemos que foi pela sedução da Serpente (cf. Gn 3,13). Então pode se dizer assim que dentro do combate espiritual o primeiro ataque realizado pelo demônio foi a sedução. Sim e não, sim; se estamos nos referindo a um ataque direto na humanidade e não, porque sabemos do combate relatado no livro do Apocalipse, o combate no céu (cf. Ap 12,7), ou seja, já no mundo angélico o combate teve início com o ataque do demônio, que neste caso não se prostrou a Deus: Não sirvo!

O fiel vive um combate diário, tudo porque diariamente acontece a edificação do Reino dos Céus, com isso, com certeza todas as vezes que se anuncia o nome de Cristo e por esse nome quer viver e morrer, o demônio insistirá sem trégua a atacar e humilhar os filhos de Deus, querendo assim rebaixar a natureza humana à semelhança da natureza fétida que ele mesmo possui. As formas já forma apresentadas, da tentação à possessão. Todos são atacados, todos são tentados. Existe situações intensas e famosas como a de Santa Gemma Galgani:

Comunguei, mas Jesus não me fez sentir nada; agora, porém, me sinto tranquila. Hoje, pois, que acreditava de fato estar livre daquele estúpido animal, ele me bateu demais. Eu fui justamente com a intenção de dormir, mas, tudo ao contrário começou com tais murros que eu temi morrer. Tinha a forma de um grande cão negro que colocava as patas nos meus ombros; fazia-me muito mal, porque me fez sentir todos os ossos. Creio que chegavam a se quebrar. Em um das vezes, ao pegar água benta, torceu meu braço, tirando-me o osso do lugar; Jesus tocou-o e logo tu serenou.¹⁹³

¹⁹² LG, n 63

¹⁹³ GALGANI, Gemma. *Diário de Santa Gemma Galgani*. São Paulo: Paulus:2017 p.31

Outro relato intenso de combate espiritual, acontece na vida de São Pio de Pietrelcina , sua fama de santidade é grande , principalmente na Itália, sua terra natal, tão famosa quanto é a fama de que o santo padre Pio tinha lutas ferrenhas contra o maligno. O jornalista Marco Tosatti, vaticanista que tem se dedicado a vida de São Pio de Pietrelcina relata baseado nas suas investigações:

O caso do Padre Pio é especial porque sua luta não era apenas espiritual, mas tinha também momentos extremamente físicos. Tanto é que os frades que com ele viviam escutavam os barulhos da luta vindos de sua cela e, na manhã seguinte, encontravam os ferros da cama retorcidos, como se uma força sobrenatural os tivesse dobrado. Viam ainda o Padre Pio com contusões e golpes, como se o tivessem espancado.¹⁹⁴

Esses combates espirituais são extraordinários, todavia, são exatamente isso, extraordinários, não se pode concluir ou limitar a compreensão do combate espiritual, somente nestes casos. Pelo contrário, o combate espiritual está presente na rotina do fiel. O combate nunca cai na rotina, mas está presente diariamente. Feito um espinho na carne (cf. 2Cr 12,7), que no caso de São Paulo, o mesmo entendia que aquilo era para ele não ser soberbo.

O combate espiritual não pode ficar estereotipado, dentro dos emblemáticos combates famosos na vida dos santos. Ora porque ele está presente na vida de todo e qualquer fiel, ora porque o combate espiritual no seu ordinário, na sua ação comum, ele não está ligado à uma ação física literal, como nos exemplos dos santos já mencionados, mas porque ele atinge toda a esfera do ser: seja na sua psique, na sua afetividade, no ambiente de trabalho, acadêmico e familiar. É real e sempre presente.

Consciente dos vários conflitos, se faz necessário. Assim, como para evangelização não existe idade, da mesma forma se dá para o combate espiritual. O cristão precisa renunciar as boras de Satanás. É na fé dos padrinhos que a criança batizada, renuncia as obras do maligno, até chegar o momento que com a sua maturidade, ela mesma possa fazer essa renúncia.

Uma luta árdua contra o poder das trevas perpassa a história universal da humanidade. Iniciada desde a origem do mundo, vai durar até o

¹⁹⁴ CNP, *A assombrosa luta épica entre o padre Pio e Satanás*, disponível em: https://padrepauloricardo.org/blog/a-assombrosa-luta-epica-entre-o-padre-pio-e-satanas?mc_cid=66d854ec14&mc_eid=036ec61c76, acesso em 18 de julho de 2018.

último dia, segundo as palavras do Senhor. Inserido nesta batalha, o homem deve lutar sempre para aderir ao bem; não consegue alcançar a unidade interior senão com grandes labutas e o auxílio da graça de Deus.¹⁹⁵

Se o combate espiritual está presente desde o início ao fim vida do fiel. As armas para este combate também contemplam o nascer e o morrer. Os sacramentos, do batismo à unção dos enfermos. O fiel nasce na fé pelo batismo, cresce e amadurece com a iniciação cristã e vive a sua vocação, o seu estado de vida seja pelo matrimônio, numa vida consagrada ou no chamado ao sacramento da ordem. E durante todo esse caminhar da fé, encontra consolo e renovação com os sacramentos da penitência e a unção dos enfermos. Assim como nenhum demônio subsistiu diante da presença de Cristo, o fiel vence a batalha contra o demônio quando luta com Cristo e permanece com Cristo e em Cristo.

Celebrados dignamente na fé, os sacramentos conferem a graça que significam. São eficazes porque neles age o próprio Cristo; é ele quem batiza, é ele quem atua em seus sacramentos, a fim de comunicar a graça significada pelo sacramento. O Pai sempre atende à oração da Igreja de seu Filho, a qual, na epiclese de cada sacramento, exprime sua fé no poder do Espírito.¹⁹⁶

O fiel deve lutar contra as investidas do inimigo, tendo a consciência de que ao lado de Cristo, ele (o fiel) tem a vitória garantida. O exorcismo é um sacramental, que tem sua eficácia na fé daquele que está sofrendo os infortúnios causados pelo demônio. Por isso a perseverança nos sacramentos faz com que aquele que nasceu com Cristo, possa morrer com Ele e como Cristo subiu aos céus, lá também é o local que o vencedor do combate contra o mal há de repousar.

3.9 Cristo Rei

O demônio age, ataca, infesta, possui. Contudo, o fiel não pode esquecer da vitória de Cristo sobre o mal, a luz que dissipa as trevas. O cristão deve vigiar e não temer o demônio. A própria Sagradas Escrituras alerta o fiel das investidas

¹⁹⁵ CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Constituição Pastoral Gaudim et Spes (GS). n. 313, In Compendio do Vaticano II – Constituições Decretos e declarações. 29ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹⁹⁶ CIC n°1127

contínua de Satanás: como um leão a rugir (cf. 1Pd 5,8). Para não esmorecer (cf. Tg 4,7), porque ele (o diabo) quer a sua morte (cf. Jo 8,44). Tudo porque, ele foi expulso do céu, mas as suas ações não cessaram: “Enfurecido por causa da Mulher, o Dragão foi então guerrear contra o resto dos seus descendentes, os que observam os mandamentos de Deus e mantêm o Testemunho de Jesus.” (Ap 12, 17).

Por isso o fiel deve se revestir da armadura de Deus (cf. Ef 6,11), o poder da fé, a vivência dos sacramentos “Uma pessoa que frequenta os sacramentos da Igreja e recebe neles a graça, sem dúvida possui a grande armadura que a defende do demônio. O batismo tem, segundo a fé da Igreja, um poder exorcista”¹⁹⁷. Juntamente com os outros sacramentos, principalmente a base da iniciação cristã, como a penitência que liberta o fiel da escravidão do pecado e a eucaristia como alimento da alma, o alimento que revigora constantemente o fiel para o combate.

Constantemente o Papa Francisco tem alertado os fieis de que o demônio é real e atua constantemente, como em uma de suas homilias em 2014:

Fizeram crer a esta geração e a tantas outras que o diabo era um mito, uma figura, uma ideia, ideia do mal, mas o diabo existe e nós temos de lutar contra ele! São Paulo disse, não fui eu que disse isso! A Palavra de Deus diz! O diabo é mentiroso, é o pai dos mentirosos, o pai da mentira¹⁹⁸.

O combate contra as investidas do demônio se faz presente neste mundo, como sempre foi. A luta não cessa e o fiel não pode esmorecer, por mais difícil que seja lutar: “Tudo posso n’Aquele que me fortalece” (Fl 4,13).

¹⁹⁷ SAYÉS, António José. *O Demônio, Realidade ou Mito?*, Apelação (Portugal): Paulus, 1999, p. 184.

¹⁹⁸ ACI digital, *15 ocasiões em que o Papa Francisco assegurou que o diabo existe*, disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/15-ocasioes-em-que-o-papa-francisco-assegurou-que-o-diabo-existe-58595>, acesso em 14 de junho de 2018.

Conclusão

Quando a humanidade olha para sua própria história de fé, naquilo que foi revelado e na tradição de sua fé. Percebe que nunca esteve sozinha. Não só não esteve sozinha porque nunca foi abandonada por Deus, como também nunca esteve só porque era vigiada constantemente pelo demônio feito um leão a rugir a espera da sua presa (cf. 1Pd 5,8). Presente na Revelação e guiando o seguro caminho da Tradição, o demônio nunca foi interpretado como uma expressão figurativa, um opositor a Deus ou a Cristo manifestado ora como uma interpretação textual ou ilustração do imaginário coletivo de uma época. O demônio é real e a sua luta também o é.

Se os cristãos nunca tiveram dúvida da existência do demônio, devemos entender que a compreensão do seu agir foi desenvolvida ao longo do amadurecimento da fé. Se no Antigo Testamento o demônio era compreendido como um acusador, a semelhança de um agente dentro do tribunal, no Novo Testamento já não havia mais dúvidas de que o demônio não atuava no julgamento da humanidade, pelo contrário, ele queria subjugar os homens, contudo, a presença de Cristo atrapalhava os seus planos: “Que queres de nós, Filho de Deus? Viestes aqui para nos atormentar antes do tempo?” (Mt 8,29).

A redenção de Cristo é a nossa salvação, Ele vence todos os seus inimigos, inclusive a morte (cf. 1 Cor 15,26). Sua Paixão é a grande vitória sobre o mal. Na presença de Cristo os demônios não podem agir e pelo poder da palavra Jesus expulsa os demônios (cf. Lc 4,35). E claramente dá aos apóstolos a autoridade para expulsar os demônios, deixando como herança para Sua Igreja o anúncio da boa nova, que sejam todos batizados, pois assim as forças do mal já não terão capacidade de atacar a vida daquele que está intimamente unido a Cristo.

Cristo é o exorcista por excelência. Ele exerce essa função com muita naturalidade durante a sua vida pública. Essa não é a sua missão primeira, mas está longe de ser uma atividade ignorada ou de menor importância na edificação do Reino dos Céus. Com isso, o agir de um exorcista deverá ser sempre uma imitação de Cristo. “A formação dos exorcistas é um problema espinhoso. Nenhuma Universidade Pontifícia, faculdade ou seminário teológico organiza cursos de preparação para o ministério exorcista”¹⁹⁹ Sobre o agir do exorcista, Cristo é o único professor. Até mesmo porque o poder é dado por Ele e emana do nome d’Ele.

Este trabalho não teve o ousado desejo de detalhar como se desenvolveu todo o rito na história da Igreja que é milenar. Contudo, sempre teve o desejo de evidenciar o combate espiritual que sempre existiu, presente nas Sagradas

¹⁹⁹ “La formazione degli esorcisti è un problema spinoso. Nessuna Università Pontificia, Facoltà teologica o seminario organizza corsi di preparazione al ministero di esorcista” BOGETTI, Maurizio. L’Esorcista, gli ossessi e L’esorcismo nel cânone 1172 del Codice di Diritto Canonico Fonti e Legislazione vigente, Torino: U.S.E.D.E.I. Università di Scienze Specialistiche Esorcistato Demonologia Escatologia Internazionale, 2011. p. 119

Escrituras e evidenciado na Tradição. Por isso, não seria possível falar da Tradição sem destacar como o exorcismo era trabalhado e compreendido na era dos primeiros padres da Igreja. Influenciados pelos escritos apócrifos e os ensinamentos da catequese dos apóstolos, os padres da Igreja tiveram todo o cuidado de exercer o ministério que Cristo concedeu aos seus sucessores, desenvolvendo o seu rito e dando continuidade ao agir exorcista de Cristo.

Com a Igreja tendo o desejo de dialogar com o mundo moderno, precisa falar ao homem moderno que o Demônio não é figura caricata, que traz resquícios de uma mentalidade arcaica que acreditava no mal. O mal existe, o demônio existe e numa sociedade que se identifica cada vez mais como independente, laicizada, até mesmo se opondo ao sagrado, se faz necessário exortar para o combate que está sempre presente na vida das pessoas. “As presentes condições do mundo tornam mais urgente este dever da Igreja, a fim de que os homens, hoje mais intimamente unidos por vários vínculos sociais, técnicos e culturais, alcancem também total unidade em Cristo”²⁰⁰.

É nesse contexto que nasce o Concílio Vaticano II e o novo Ritual do Exorcismo é filho dessa fase da Igreja, voltar o seu olhar pastoral para o mundo moderno e anunciar a Boa Nova de Evangelho ao mundo que mergulha nos anos 2000. O Ritual do Exorcismo se dá na liturgia, é na liturgia que ele vai encontrar a eficácia da sua ação. Um Ritual que tem total desejo de mais do que rubricas, ser guiado pelo Espírito Santo, quer que a humanidade celebre a vitória de Cristo sobre o reino do mal. Devidamente evidenciado na apresentação do Ritual do Exorcismo: “(...) toda ação litúrgica da Igreja é celebração do mistério pascal da paixão, morte e ressurreição de Cristo, expressão máxima da vitória sobre o demônio e desmoronamento de todo o seu poder”.²⁰¹

Na missão de expulsar o mal do meio dos homens, ela precisa suscitar e formar um maior número de vocação exorcistas. Sacerdotes que possuindo um carisma todo pessoal, possa assumir essa função específica que se faz tão necessária na Igreja. “Quando, em junho de 1986, o cardeal Hugo Poletti me colocou ao lado do padre Cândido Amantini, para ajuda-lo no ministério de exorcista, foi aberto um mundo novo completamente desconhecido para mim”²⁰². Padre Gabriele foi um dos nomes que na atualidade se destacou pelo profundo empenho do ministério como exorcista e por popularizar o assunto, sem nivelá-lo por baixo, mas levando a sociedade à uma nova conscientização sobre o exorcismo.

A Igreja luta e está sempre lutando, o ritual do exorcismo é expressão dessa luta. Que não é uma luta somente do exorcista, mas de toda a Igreja, de todo o povo de Deus. Por isso, o Ritual do Exorcismo que aqui foi trabalhado, se

²⁰⁰ CONCILIO ECUMENICO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium (LG). n. 1, In Compendio do Vaticano II – Constituições Decretos e declarações. 29ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

²⁰¹ Manoel Dom. João Francisco. APRESENTAÇÃO. In: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Ritual do Exorcismo e outras súplicas. São Paulo: Paulus, 1998.

²⁰² AMORTH, Gabriele. Novos Relatos de um Exorcista. São Paulo:Palavra & Prece Editora, 2006, p.11.

mostra cada vez mais ser uma arma eficaz no combate espiritual diário, contra o agir do maligno. “Uma pessoa que frequenta os sacramentos da Igreja e recebe neles a graça, sem dúvida possui a grande armadura que a defende do demônio”²⁰³ O exorcismo como sacramental tem a sua eficácia na fé do fiel, por isso a grande eficácia desse ritual está unida a vida sacramental.

A temática do exorcismo possui um grande campo de estudos; da angelologia, passando pelo satanismo, ocultismo, magia e outros. Felizmente tem surgido novos estudos, produções sobre esta temática. Isso ajuda a orientar o fieis a saber como agir, a quem recorrer porque tem a quem recorrer. O inimigo é astuto, maligno e sedutor. Não se deve temer quem não é mais forte do que Aquele que venceu a própria morte. “A Igreja tem a certeza da vitória final de Cristo e, portanto, não se deixa arrastar pelo medo ou pelo pessimismo; Ao mesmo tempo, no entanto, ele está ciente da ação do maligno, que tenta nos desencorajar e semear confusão.”²⁰⁴ A certeza de fé da vitória de Cristo, já traz em si, o ardor pela luta, para não desistir do combate, lembrando que nessa luta, Cristo nunca nos abandona, por Ele venceu o mundo. (cf. Jo 8,33)

²⁰³ SAYÉS, O Demônio, Realidade ou Mito?, p. 184.

²⁰⁴ “La Iglesia está segura de la victoria final de Cristo y, por tanto, no se deja arrastrar por el miedo o por el pesimismo; al mismo tiempo, sin embargo, es consciente de la acción del maligno, que trata de desanimarnos y de sembrar la confusión.” El nuevo rito de los exorcismos, *Presentación oficial del cardenal Medina Estévez, prefecto de la Congregación para el culto divino y la disciplina de los sacramentos en la sala de Prensa de la Santa Sede*, disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_1999-01-26_il-rito-degli-esorcismi_sp.html, acesso 19 de julho de 2018.

Bibliografia

Autores:

AMORTH, Gabriele. *Exorcistas e Psiquiatras*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____ *Novos relatos de um exorcista*. São Paulo: Palavra & Prece Editora, 2006.

_____ *O sinal do Exorcista: minha última batalha contra Satanás*. São Paulo: Ecclesiae, 2013.

_____ *Racconti di un exorcista*. Bologna: EDB, 2014.

_____ *Saremo giudicati dall'Amore*. Milano: San Paolo, 2015.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões 7,12*. São Paulo: Vozes, 2004.

AQUINO, Santo Tomás de. *Suma Teológica II: A criação, o Anjo e o Homem*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BAMONTE, Francesco. *Possessões diabólicas e exorcismos: como reconhecer o astuto pai da mentira*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007.

_____. *Gli Angeli Ribélli: Il mistero del male nell'esperienza di un esorcista*. Milano: Paoline, 2008.

BENIGNO, Frei. *O Diabo existe eu encontrei-o O exorcismo um dom do Senhor à sua Igreja – São Paulo: Paulinas, 2010.*

BIBLIA DE JERUSALEM, São Paulo, Paulus, 2002.

BIBLIOTECA PATRÍSTICA, *Il Diavolo e i Suoi Angeli: testi e tradizioni (secoli I-III)*. Nardini Editore, 1996.

BOGETTI, Maurizio. *L'esorcista, Gli Ossessi e L'esorcismo: nel canone 1172 del Codice di Diritto Canonico Fonti e Legislazione vigente*. Torino: U.S.E.D.I Università di Scienze Specialistiche Esorcistato Demonologia Escatologia Internazionale, 2011.

CERBELAUD, Dominique. *O Diabo....* Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997.

KLOPPENBURG, Boaventura (org). 29. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 744p.

COSTA, Valeriano Santos. *O Amor de Deus: teologia da redenção*. São Paulo: Palavra e Prece, 2012.

FORTEA, José Antonio. *Summa Daemoniaca: tratado de demonologia e manual de exorcistas*. São Paulo: Palavra & Prece, 2010.

_____, *História do mundo dos anjos* – São Paulo: Palavra & Prece, 2012.

GALGANI, Gemma. *Diário de Santa Gemma Galgani*. São Paulo: Paulus:2017

HADJADJ, Fabrice. *La fede dei demoni*. Milano: Marietti, 2010.

LAVATORI, Renzo. *Il Diavolo Tra Fede e Ragione*. Bologna: EDB, 2000.

MORAES, Micael de. *Os números da Bíblia* - São Paulo: Palavra & Prece, 2012.

PASQUA, Leoluca. *Lottare per vivere I combattimento spirituale*. Roma: Città Nuova, 2008.

RABUSKE, Irineu J. *Jesus Exorcista: estudo exegético e hermenêutico de Mc 3,20-30*. São Paulo: Paulinas,2001.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. São Paulo: Paulus, 1990.

SAYÉS, José António. *O demónio: realidade ou mito?* Portugal: Paulus, 1999.

VELLA, Elias. *Aprendendo a lidar com o diabo*. São Paulo: Palavra & Prece, 2009.

Comentários:

JERÔNIMO, São. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. Santo André (SP): Academia Cristã: Paulus, 2011 / Editores: Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmeyer e Roland E. Murphy.

_____, *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. Santo André (SP): Academia Cristã: Paulus, 2012 / Editores: Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmever e Roland E. Murphy.

Dicionários:

BECKER, Udo. *Dicionário de símbolos*. – São Paulo: Paulus, 1999.

BORRIELO, L., CARUANA, E, DEL GENIO, M R. *Dicionário de Mística* – São Paulo: Paulus: Edições Loyola, 2003.

EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. 2º Edição. São Paulo: Paulus, 1993.

JOHN L. McKenzie. *Dicionário Bíblico*. 9ª Edição – 2005. São Paulo: Paulus, 1984.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia* – 2 ed. São Paulo: Edições Loyola: Paulinas, 2014.

Documentos Magisteriais

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Loyola, São Paulo: 1999.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. 16 ed. São Paulo: Loyola, 2005. 503 p.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA SOBRE A IGREJA LUMEN GENTIUM. p.37-118. In: COMPÊNDIO VATICANO II: constituições, decretos, declarações.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ES SPES. p.141-256. In: COMPÊNDIO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. KLOPPENBURG, Boaventura (org). 29. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 744p.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. 2º Edição rev. e ampl. - São Paulo: Paulinas : Edições Loyola, 2013.

DIONISIO Borobio. *A celebração na Igreja [2]*. 2ª edição São Paulo: Edições Loyola, 1993. Edição, Edições Loyola, 2001.

RITUAL DE EXORCISMOS E OUTRAS SÚPLICAS. São Paulo: Paulus, 2005.

Eletrônicos

Enuma Elish, *O mito babilônico da criação*, disponível em:

<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12648779/enuma-elish-mito-babilonico-da-criacaopdf-mkmousecombr> , acesso em 12 de junho 2018.

Pio XII, *Humani Generis*, Carta Encíclica, disponível em

https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-

[xii_enc_12081950_humani-generis.html](https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis.html), acesso em 12 de junho 2018, par. 15.

João Paulo II, *Audiência Geral*, 13 de agosto de 1986, disponível em

http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1986/documents/hf_jp-

[ii_aud_19860813.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1986/documents/hf_jp-ii_aud_19860813.html), acesso em 23 de abril de 2015.

Didaqué: A instrução dos Doze Apóstolos, disponível em:

<<http://www.monergismo.com/textos/credos/didaque.htm>> Acesso em 12 de junho de 2018.

Omelia di Paolo VI Solennità dei Santi Apostoli Pietro e Paolo Giovedì, 29 giugno 1972

disponível em:

http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1972/documents/hf_p-

[vi_hom_19720629.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1972/documents/hf_p-vi_hom_19720629.html)

Udiienza Generale, *Mercoledì*, 23 luglio 1986 disponível em:

http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiences/1986/documents/hf_jp-

[ii_aud_19860723.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiences/1986/documents/hf_jp-ii_aud_19860723.html).

Quando o teólogo Joseph Ratzinger dizia que o diabo não era um anti-Deus, disponível em:

<https://www.publico.pt/sociedade/jornal/quando-o-teologo-joseph-ratzinger-dizia-que-o-diabo-nao-era-um-antideus-17173>, acesso em 13 de junho 2018

Discurso do Santo Padre Francisco, *audiência aos membros do colégio cardinalício*, disponível em:

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130315_cardinali.html, acesso em 13 de junho de 2018.

Fe Cristiana y Demonologia, *Sagrada Congregación para la Doctrina de la Fe*, 26 de junho de 1975, disponível em:

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19750626_fede-cristiana-demonologia_sp.html, acesso 13 de junho de 2018.

Associação Portuguesa de Satanismo, APS, disponível:

http://www.apsatanismo.org/aps_frame.html, acesso 13 de junho de 2018.

SENRA, Ricardo “Satanistas criam curso infantil para contrapor ensino cristão em escolas dos EUA”, *BBC Brasil em Washington*, 3 de agosto de 2017, disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-40784156>, acesso 13 de junho de 2018.

CNP, *A assombrosa luta épica entre o padre Pio e Satanás*, disponível em:

https://padrepauloricardo.org/blog/a-assombrosa-luta-epica-entre-o-padre-pio-e-satanas?mc_cid=66d854ec14&mc_eid=036ec61c76, acesso em 18 de julho de 2018.

ACI digital, *15 ocasiões em que o Papa Francisco assegurou que o diabo existe*,

disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/15-ocasioes-em-que-o-papa-francisco-assegurou-que-o-diabo-existe-58595>, acesso em 14 de junho de 2018.

El nuevo rito de los exorcismos, *Presentación oficial del cardenal Medina Estévez, prefecto de la Congregación para el culto divino y la disciplina de los sacramentos en la*

sala de Prensa de la Santa Sede, disponível em:

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_1999-01-26_il-rito-degli-esorcismi_sp.html, acesso 19 de julho de 2018.